

SÃO PAULO

15 a 21 de
janeiro de 1976

Ano I
Número 9

Cr\$ 5,00

Diretor Editorial
SAMUEL WAINER

AQUI

SÃO PAULO

ENTREVISTA

Sodré: Com esses
partidos o Brasil
não vai pra frente.
P. 8

LEO GILSON RIBEIRO ATACA AS VOTAÇÕES

EU ACUSO

Página 32



O prefeito e sua placa: paulista não acredita. P. 16

CUIDADO: ROLAM CABEÇAS NA BOLSA

Página 12.

O CIRCO MILIONÁRIO DO FUTEBOL

Fortunas correm no Sh... gordos brilham como globe-trotters/E toda a trama das eleições na FPF. P. 13 e 22

O LEITOR

O LEITOR Dois candidatos à coleção de Hélio Silva, prêmio à melhor carta da semana: o leitor que sugere a criação de um órgão municipal ou estadual para tratar das desapropriações em São Paulo; o leitor que se assustou quando viu o públiuco excitado com o filme "O Tubarão". F. Moherdau, da Capital, que escreveu ao número passado estranhando as "multas que ressuscitam", pode retirar seu prêmio à av. Paulista 2006, 15º andar.

**Em vez de angústia,
um órgão de assistência
ao desapropriado**

Sr.: Tendo observado o interesse que esse semanário vem demonstrando pela pesquisa, exposição e análise dos grandes problemas que afetam a vida em nossa cidade, especialmente aqueles derivados de seu crescimento incontrolado e vertiginoso, pedimos vênha para abordar um deles: o das desapropriações.

É ponto pacífico que as próprias características do desenvolvimento urbano, com suas peculiaridades sócio-econômicas, que a evolução de nossa urbe para a condição de grande Metrópole, vêm exigindo um número cada vez maior de desapropriações imobiliárias destinadas à realização de obras de interesse público, seja no setor de saneamento, seja no de reurbanização, ou no de melhoria do sistema viário. Somente para a construção do Metrô, foram e continuarão sendo necessárias centenas, milhares de desapropriações. O número de municípios atingidos pelas medidas desapropriativas torna-se cada vez maior. É o preço do desenvolvimento, que cada um de nós terá de pagar. Mas para que haja realmente desenvolvimento e não apenas crescimento desordenado, certos aspectos da vida comunitária devem ser levados em conta, inclusi-

ve o' que diz respeito às desapropriações.

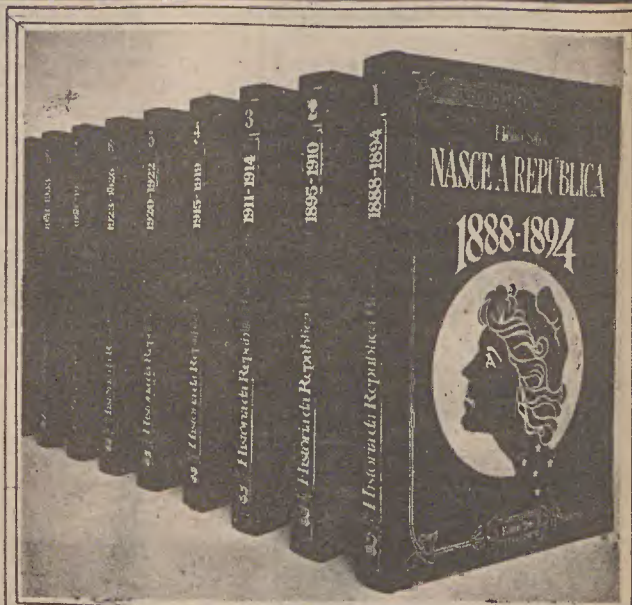
As desapropriações afetam profundamente a vida dos desapropriados, isto é, daqueles que tiveram sua residência ou mesmo seu prédio comercial ou industrial relacionados na lei desapropriativa, sejam proprietário ou inquilinos. Para todos, variando naturalmente de acordo com a situação social e econômica, haverá sempre um princípio de desorganização, até mesmo um trauma. São famílias que se vêem, de uma hora para outra, compelidas a procurar novo local para sua morada (como proprietárias ou inquilinas), com todos os problemas que as mudanças acarretam: escola para os filhos, transporte para os que trabalham fora de casa, rompimento brusco com o meio em que viviam quando obrigados a trocar um bairro por outro, etc. E o problema não é menor no que tange às propriedades de caráter comercial ou industrial (pequeno comércio, pequena indústria): freguesias duramente conquistadas através dos anos têm de ser abandonadas, novos locais de trabalho terão de ser encontrados; as dificuldades que se apresentam são tantas, que muitos chegam a perder o ânimo e

têm suas carreiras definitivamente truncadas.

Já dissemos acima que esse é o preço do desenvolvimento, ou do progresso, ou do simples crescimento. Acreditamos, porém, que esse preço, duro e amargo para muitas, possa ser minimizado através de uma ação consciente planejada do poder público. Não acreditamos que baste pagar ao desapropriado (sem falar nos inquilinos) o preço real de seu imóvel: é preciso dar-lhe uma assistência global, através de um ÓRGÃO ESPECÍFICO, seja municipal, seja estadual, ou composto por ambos, órgão este que possua em seus quadros sociólogos, assistentes sociais, economistas, engenheiros, capazes de encontrar soluções globais para os que a ele recorressem, possibilitando assim a redução do impacto causado pelas desapropriações principalmente sobre os pequenos proprietários e inquilinos. E se esse órgão operasse em estreita coordenação com instituições financeiras tais como as Caixas Econômicas, o Banco do Estado, o BNH, etc, ainda maior seria sua utilidade e eficácia na solução dos problemas. E milhares de munícipes teriam, então, pelos menos diminuída a sensação de desamparo, e até mesmo de angústia, diante da Lei a que devem obedecer, e da cidade que amam e na qual precisam e têm o direito de viver. **Élsio R.G. de Almeida, Capital.**

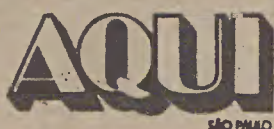
UM TUBARÃO INTERROMPE O PASSEIO

Sr.: No último domingo eu vinha passeando tranqüilamente pela Av. Paulista, admirado com a calma que às vezes cai sobre essa cidade nos fins-de-semana, quando vi uma pequena multidão tomando todo um quarteirão: O Fitti-1 tentando subir uma ladeira? O Pelé e o sogro? Não, me respondeu uma mulata, torcendo as mãos de angústia porque a fila não andava, é só o tubarão. Reparei nos cartazes: Gemini I apresenta "Tubarão", Gemini II apresenta "Tubarão". Pensei: pelo sucesso, os donos dos dois cinemas devem estar arrependidos de não terem construído o Gemini III, IV, até o Gemini LXV para encher o bairro todo de barbatanas. Fui pensando e caminhando para longe dali. Quando cheguei à praça Oswaldo Cruz já tinha umas perguntas na cabeça: por que essa macaquice? Até quando a gente vai ser dominado por uma cultura que nos manda até o pavor por controle remoto? E outra: por que o auto-flagelo? Não bastam nossos medos cotidianos, ainda vamos buscar outros no cinema? Não estou falando de política, sr. redator. Estou falando de, por exemplo, piranha. Alcides Bengonezzi, Capital



A coleção "História da República Brasileira", de Hélio Silva, custa Cr\$ 600,00. É o nosso prêmio ao leitor que escreveu a melhor carta da semana.

Sr: Li outro dia nos jornais que, na Europa, empresas de aviação estariam desenvolvendo estudos para o reaproveitamento dos "zeppellins" como meio de transporte. Nunca andei de avião, nem pretendo andar, mas fiquei empolgada com a possibilidade: se a medida fosse adotada também aqui, meus filhos teriam uma chance de escapar da surdez. É que, sr. redator, tenho a infelicidade de morar ao lado do aeroporto de Congonhas. Acostumada com o infernal tráfego aéreo, pensei que a situação ia melhorar com a "lei do silêncio", mas houve apenas uma trégua. Não temos barulho das 10 da noite às 8 da manhã, mas e fora disso? À tarde, quando meus pequenos vão dormir a sesta, a guerra recomeça e a casa estremece a cada cinco minutos. E a cada cinco minutos eles acordam chorando, enquanto eu fico com o coração aos pulos. Lei do silêncio e "zeppellins" à parte, meu apelo é: tirem o aeroporto daqui, Selma Dias, Capital.



DIRETOR EDITORIAL

Samuel Wainer

EDITOR GERAL

Sérgio de Souza

EDITOR ADJUNTO

Narciso Kalili
PREDADORES.

REDATORES:
Guilherme Cunha Pinto Sergio Vaz

Guilherme Cunha Pinto, Sérgio Vaz
REPORTERES

Takao Miyagui, Antonio Carlos Fon

FOTÓGRAFOS

Geraldo Guimarães, Amancio Chiodi, Joel Sian

ARTE

Valdir de Oliveira, Sérgio Fujiwara

COLUNISTAS

Ricardo Kotscho, C.B., Klaus Kleber, C. Bittencourt, Hella Poli, Rubens Ewald Filho, Pola Vartuck, Daniel Más, Renato de Moraes, Pietro Maria Bardi, Moacir Werneck de Castro, Gilberto Mansur, Claudia Andujar, Mauro Chaves, Sérgio Mello, Ignácio de Loyola, Reginaldo Fortuna.

COLABORADORES

Michel Laurence, Walter Negrão, Roberto Santos, Fernando
Morais, Abílio Pereira de Almeida, Isabel Regis, Sílvia Campo-
lin, Joaquim Rodrigues Mathias, Ignês Knaut, Wilson Moher-
daui, Joelmir Betting, Jorge da Cunha Lima, Hamlet Paoletti,
Lúcia Simonsen Santos.

AQUI São Paulo é uma publicação da Editora Brasil — Mundo Ltda. **Redação e Publicidade:** Av. Paulista, 2006 - 15º andar. **Fone:** 288-1133. **Administração:** Rua 7 de Abril, 264 — 8º andar — salas 817/18. **Fones:** 32-1438 e 34-0218, São Paulo, SP. **Distribuição:** Abril Cultural e Industrial — rua do Cortume, 554 — Fones: 262-7977 e 65-8416, São Paulo, SP. **Composto e impresso na** PAT Publicações e Assistências Técnicas Ltda., rua Dr. Virgílio de Carvalho Pinto, 412, São Paulo.

CRUZADAS

Horizontais:

1. Pequena embarcação; 5. A “cidade da Torre”. 10. Maior continente do mundo; 12. Caminho a seguir, rumo; 13. Rotações por minuto; 14. Água doce corrente; 16. Associação Médica do Brasil; 17. Sigla da Bahia; 18. Tranquilidade; 20. Elemento de complementação; exprime idéia de óvulo; 21. Ruim, perverso; 22. Babá, pajem; 24. Fragmentar com os dentes; 25. O barco de Noé; 26. Berne; 28. Composição poética; 29. Pena, piedade; 31. Contribuição, esmola; 33. O Estado de Goiás; 34. Pedra de altar; 36. Mau cheiro; 37. Sua Alteza Real; 38. Tempo assinalado; 40. Prefixo: exprime idéia de fio; 41. Diz-se do bovino bom para o corte; 42. Filho da mesma mãe e mesmo pai.

Verticaux:

1. Crueldade, desumanidade; 2. Instrumento de suplício, em forma de X; 3. Órgão excretor; 4. Símbolo do cálcio; 6. Atmosfera; 7. Generosa, bondosa; 8. Elemento de complementação; exprime idéia de crivo, peneira; 9. Lugar de trabalho e pesquisas científicas; 11. Sinal gráfico; 14. República Árabe Unida; 18. Veículo motorizado para locomoção; 19. Muito querido, adorado; 21. Pronome possessivo; 23. Medida de superfície; 27. Rebordo do chapéu; 28. Cumprimento popular; 30. Rezar; 32. Casa de indígena; 33. Bonitão, atraente (gíria); 35. Registro de Assembléia; 37. Assentimento; 39. Ano do Senhor; 40. Frej, freira (abrev.)

1	2	3	4			5	6	7	8	9
10					11		12			
13				14		15		16		
17			18				19		20	
		21				22		23		
24							25			
		26		27		28				
29	30		31		32				33	
34		35		36				37		
38			39				40			
41						42				

SOLUÇÃO

BA - CALMA - OO - MAU - AMB -
OBLO - GO - ARA - ACA - SAR - DATA - FILI - ERADO - IRMAO.
Verticals: BARBARIDADE - ASPA - RIM - CA - AR - BOA - ETMO -
LABORATORIO - TIL - RAU - OMA - CARRO - AMADO - MEU - ARE -
ABA - OLA - ORAR - OCA - GALA - ATA - SIM - AD - FR.

Onde você voa com quem gosta.

VASP

Um serviço só é perfeito quando todos os detalhes são perfeitos.

E você só pode esperar isso de alguém que consiga pôr atenção em cada particularidade.

Alguém que queira pôr jeito e talento pessoal até nas pequenas coisas que passariam despercebidas pela maioria das pessoas.

Alguém que esteja trabalhando no que gosta, trabalhando com amor.

A Vasp só quer e só tem gente assim.

O trabalho que a nossa gente mais ama é exatamente o trabalho que eles estão fazendo.

Quando alguém voa conosco pode sentir esse amor até no ar.

Voe Vasp e sinta também.



Há pessoas que põem tanto amor no que fazem que você sente este amor até no ar.

Você vai gostar de ter um Agente de Viagem.



O Agente sabe de todas as rotas, horários, hotéis e facilidades que você talvez nem conheça. Sua secretária pode ligar para um. Ele também gosta do que faz e vai gostar de atender sempre você.

LEITOR Protesto: falta um semáforo na esquina onde os desastres são rotina. Sugestão: como ajudar o povo das zonas rurais.

Uma rua que sobe na calçada, entra no bar

Sr.: Na esquina da rua Major Diogo com a rua São Domingos existe um colégio, cujos muros impedem completamente a visão dos motoristas para o perigo que se aproxima,

Sr.: Alguns dos maiores problemas de São Paulo e de todo o Brasil são a poluição, a falta de água encanada e fluorizada, e da eletricidade nas vilas, lugarejos e regiões afastadas da zona rural de São Paulo. A minha idéia é que cada quarteirão dessas vilas tenha um encarregado que anote todas as deficiências e se reuna com encarregados de outros lugares.

Paulo de Tarso de Almeida, Barretos.

geralmente em alta velocidade, pela outra rua. Por este motivo, é raro o dia em que nós, moradores da Major Diogo, não assistimos a um ou a vários acidentes de automóvel. Em frente ao colégio existe um bar, o Bar Gongga, que já foi diversas vezes invadido pelos carros que, depois de se chocarem, perdem a direção.

Na semana passada, minha sobrinha, de apenas três anos de idade, quase foi atropelada por um automóvel que, tentando evitar um coque com outro, desgovernou-se e subiu na calçada. Será que o DSV — ou DETRAN? — não pode instalar um semáforo naquela esquina? Isto certamente iria contribuir para diminuir o número de acidentes no local. Apesar de morar na rua Major Diogo há vários anos, vii um guarda de trânsito controlando o movimento de automóveis naquela esquina. Denise Morais Santana, Capital.

SUMÁRIO

AQUI São Paulo — Ano I, nº 9. Semana de 15 a 21 de janeiro de 1976. 32 páginas. Preço do exemplar: Cr\$ 5,00.

8

AQUI prossegue a série em que busca expor, através de depoimentos de nossos mais representativos homens públicos, o novo pensamento político de S. Paulo. O desta semana é do ex-governador Abreu Sodré.



16

Apesar dos objetos agressivos e mal-cheirosos nas ondas de Santos, e apesar da proibição oficial, o paulista continua na praia. Conclusão: não acredita na poluição.

18

O povo olha para si próprio: exposição no Museu de Arte mostra cenas da cidade vistas por seus próprios habitantes. 400 autorretratos do povo paulistano.

20

Um tipo que tem tudo para ser personagem de ficção, o norte-americano Big Ben Jack Cage foi um dos primeiros gangsters românticos a vir para o Brasil no pós-guerra. Autor de golpes mirabolantes envolvendo figuras de alta projeção nos meios empresariais e sociais, Big Ben "possuía" inclusive "bancos" na Europa. Está em São Paulo hoje. Solto.



22

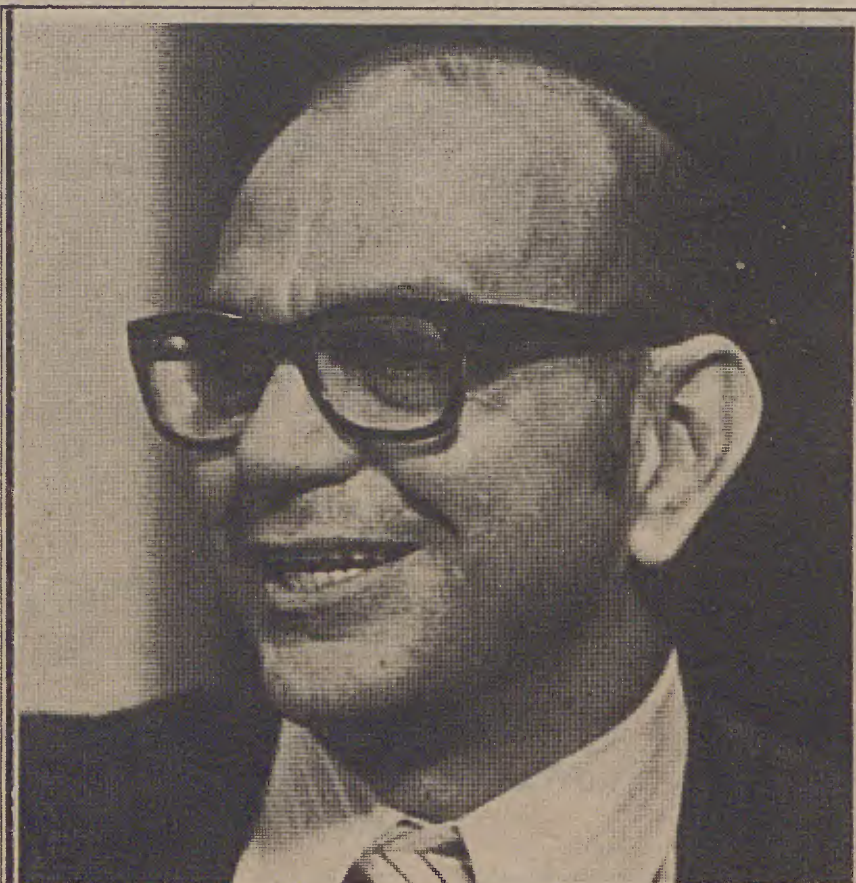
De repente, a luta pelo poder dentro do futebol paulista transformou-se em luta político-partidária com vistas às eleições deste fim de ano. A ARENA se envolve às claras.

13

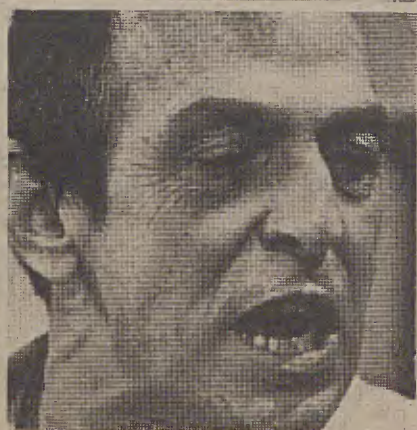
Marbi Ramondini, empresário vivíssimo, descobriu o ovo de Colombo — montou uma empresa que gera milhões de cruzeiros, contratando profissionais aposentados: ex-craques de futebol que viraram globe-trotters. É o Showbol.

24

Ignácio de Loyola Brandão inaugura sua coluna nesta edição. Mas outros nomes importantes da imprensa e intelectualidade brasileira assinam as colunas de AQUI. Quinze grandes nomes.



LIMA DUARTE



GERMANO FILHO



MOACIR DERIQUEM



NESTOR DE MONTEMAR



LUIZ ARMANDO QUEIROZ



DEBORA DUARTE

O susto.
O medo.
A cobice.

PECADO CAPITAL

com
Francisco Cuoco
e Betty Faria.

Segunda a sábado,
8 da noite.
A cores.



ESCOLHA AQUI

Com o fechamento dos supermercados aos domingos, o paulistano ficou com poucas opções para a mesa, pois as feiras hoje são poucas. Agora, porém, elas ganham nova força, e aqui há um pequeno roteiro das feiras dominicais. Se chover, a única delas que oferece proteção é a da Móoca, uma feira completa, por sinal.

COMPRAS NO DOMINGO: FEIRA

Com o fechamento dos supermercados aos domingos, pelo menos uma vez por semana não há quem reclame do cheiro de peixe, do barulho, da sujeira deixada: nesse dia, as feiras-livres são um sucesso. O roteiro das feiras aos domingos em São Paulo começa na Lapa: espalhando-se pelas ruas Fábria e Aurélia, há a maior variedade de produtos da cidade. Mas há outras feiras completas — geralmente as mais antigas — como a da Vila Prudente à rua José Zappi; Bosque da Saúde, rua Itapiru; Parque Peruche, rua Santa Eudóxia; Itaquera, rua Mauá; rua Heitor Peixoto, no Ipiranga; avenida Henrique Morize, Vila Formosa; rua Sabiá, em Moema; e a da rua Ribeirão Claro, na Vila Olímpia. Para quem quiser encontrar maior variedade de produtos, o indicado é procurar as feiras-livres dominicais da periferia. As centrais têm seu forte nos produtos de horta e mar, como por exemplo as feiras do Centro — ruas Conselheiro Furtado, Glicério, Ana Cintra, Largo do Arouche, Santa Cecília e Sampaio Viana (esta última na Vila Mariana). Há ainda um terceiro tipo de feira, que vende apenas alimentos: frutas, verduras, carnes, laticínios, cereais e massas. Ficam no Largo da Concórdia; rua Francisca Júlia, Santana; Caiova, no Sumaré; Campos Sales, Santo Amaro. Para os domingos de chuva resta uma saída, à parte das 99 feiras-livres da cidade: a feira coberta da Móoca (rua Bresser e rua dos Trilhos), onde se encontra de tudo, desde verduras a roupas e utensílios de cozinha.

LER MENOS CARO

Uma notícia decerto auspiciosa para os compradores de publicações estrangeiras — é bom lembrar que há algum tempo, elas sofreram novas e proibitivas taxações alfandegárias. A Agência Look (rua São Luiz, 258 — sobreloja 27 do conjunto Zarvos), uma das mais completas e especializadas lojas do gênero, está promovendo uma grande liquidação de suas importações que incluem da culinária e decoração ao cinema e às artes gráficas. As brochuras estão com 30% de desconto e os encadernados com 20%.

Não incluem, porém, as publicações periódicas, como algumas raridades só encontráveis lá, o New York Review of Books (Cr\$ 15,00), reputado tablóide semanal americano com críticas, ensaios e resenhas de livros e a decantada revista francesa bi-mensal, Zoom — Le Magazine de l'Image (Cr\$ 65,00), de alto nível gráfico e informativo. A agência oferece ainda outros serviços, como importações diretas de quase todas as revistas estrangeiras e a entrega a domicílio (através do telefone 256-0435).

NÃO

Amplas e aparatosas, as lanchonetes da cadeia Well's (praça Panamericana e av. Brigadeiro Luiz Antonio) prometem mais do que oferecem. Se seus sanduíches e pratos podem à primeira vista criar uma impressão de variedade e qualidade, o degustar prova que nada ultrapassa um nível mediano. A principal crítica, porém, deve ser feita ao atendimento, moroso além do limite da paciência e de uma frieza completa por parte de quem o faz. Mazelas, que comparadas com os preços nem tão atraentes como era de se esperar de uma cadeia ligada a uma rede de supermercados (Pão de Açúcar — Jumbo) não justificam.



Fotos de Ella Durst, no MASP

Para uma primeira exposição, o clima criado antecipadamente não deixou de ser entusiasmador. As 16 fotos em preto-e-branco de Ella Durst abordando o corpo da mulher, ora expostas no MASP (av. Paulista, 1578) chegaram a ser comparadas previamente com os desenhos de David Hockney em torno do corpo masculino. Independente dos comentários lisonjeros, são, na verdade, novas e inventivas angulações ressaltando a feminilidade em burilados jogos de formas e contrastes claro-escuro e uma promissora estréia.

No último natal, ele foi um dos brinquedos mais procurados. Surpreendentemente, seus mais ambiciosos pretendentes eram adolescentes ou adultos. O Mini-Órgão, produzido pela fábrica Hering, transformou-se, assim, num dos mais cobiçados presentes, esgotando-se em quase todas as lojas. Embora o preço na seja dos mais acessíveis (nas lojas da rua Augusta chega a Cr\$ 300,00 na Sears, Cr\$ 260,00, no Superbom, Cr\$ 230,00), a sua qualidade justifica. Principalmente, sua excelente sonoridade e impecável afinação. Construído em plástico, com duas escalas completas e cerca de 60 centímetros, leve e maleável, funciona com duas pilhas comuns de lanterna que ao contrário do que normalmente acontece com outros produtos (os toca-discos, por exemplo) tem um desgaste muito reduzido.

SAMBA NAS ESCOLAS PAULISTAS

As escolas de samba instituíram o "sambão" das noites de sexta e sábado justamente para evitar que pessoas estranhas, não se contentando apenas em assistir aos ensaios, pudessem atrapalhar seus preparativos para o carnaval. No entanto, para aqueles que acham que sabem se comportar diante de um ensaio e que não se importam de ser eventualmente mal recebidos pelos diretores das escolas, esse pode ser um bom programa para as tardes de domingo.

Camisa Verde: a quadra da escola fica na rua James Holland, 663, na Barra Funda, e o salão de samba ("São Paulo Chic") na rua Conselheiro Brotero; esquina da rua Lopes Chaves).

Vai-Vai: seus ensaios sempre foram (literalmente) na rua São Vicente, esquina com Cardeal Leme, no Bexiga, mas, a partir

do dia 17, vai inaugurar sua quadra, no mesmo local;

Rosas de Ouro: (e os que já ouviram sem samba-enredo deste ano também dizem o mesmo) sua quadra é considerada a melhor de São Paulo; fica na rua Rosas de Ouro, travessa da avenida Parapuã, na Vila Brasilândia;

Nenê da Vila Matilde: rua Júlio Rinaldi, travessa da Amador Bueno da Veiga (altura do nº 1.700), Vila Saleté, Penha;

Mocidade Alegre: avenida Casa Verde, 3.498, Bairro do Limão;

Paulistano da Glória: rua da Glória, 132, Centro;

Lavapés: a mais antiga escola de São Paulo, fica na rua Barão de Iguape, num estacionamento coberto com uma lona, como um circo;

Pérola Negra: escola pequena, mas que vem crescendo nos últimos carnavais, faz seus ensaios na rua Henrique Schumann, em Pinheirosx;



Os números não mentem jamais. Menos de dois meses depois de seu lançamento, o novo disco de Milton Nascimento, Minas, figura no 8º lugar das paradas de sucesso, com 50 mil cópias vendidas. Fato que o inclui — queiram ou não — entre os mais populares artistas da música brasileira. Se a ascensão custou a acontecer — afinal, são quase dez anos de frequentes desventuras e mal entendidos — a imagem e a coerência do artista mantiveram-se incólumes. E Minas (fusão das primeiras letras de seu nome) reflete exatamente isso. Da toada ("Conversando no Bar") ao cantochão ("Minas") e à experiências incidentais ("Trastevere"), em canções de afiada harmonia e cortantes versos, Milton resume emoção, precisão e consistência maleável. Também — comparado pelo autor ao Estado de onde veio, à profundidade das minas de ferro, aos subterrâneos — "é que cada um entenda como quiser".

ESCOLHA AQUI Entre as boas coisas da semana, uma série de filmes que o Museu de Arte de São Paulo vem exibindo, entre eles uma crítica dura aos métodos tradicionais utilizados na psicoterapia. Na televisão a Copa de 70 (nostalgia futebolística) e a continuação da "Série Documento" com a cantora Carmen Costa. E depois, uma contra-indicação: um musical que prometeu mudar e não mudou.



"Isso é Que É", na Galeria de Arte Global.

Expor é por em risco, colocar em perigo, arriscar a vida, explica o apresentador Frederico Moraes, baseando-se no dicionário Aurélio. É, ao que parece a intenção do artista plástico carioca Antonio Manuel, na mostra que inaugura nesta quinta-feira na Galeria Arte Global (alameda Santos, 1893). Um insólito e particular articulador das "vanguárdas" nacionais desde suas Urnas Quentes em Arte no Aterro, 1968, em que, com soquetes e machadinhas insuflava o público a gestos de violência e destruição, e posteriormente em O Corpo e a Obra, 1971 em que propunha o próprio corpo nu como obra no Salão Nacional de Arte Moderna no MAM do Rio. Isso É Que É Alegria do Povo, sua atual exposição reúne filmes e vídeo-teipe (um deles intitulado Loucura é Cultura) e 30 trabalhos entre objetos e matrizes de jornal (flan), com preços de 800 a 4 mil cruzeiros. Menos impetuoso e agressivo, sem dúvida. Mas, como configura o apresentador, esta mostra representa um contrato de risco. Sinal dos tempos?

Depois de um longo e rumoroso giro pelos teatros, cassinos e clubes da Europa, Os Dzi Croquetes voltam a pisar palcos brasileiros, na cidade que os projetou nacionalmente, São Paulo. A partir desta quinta-feira, no Teatro das Nações (av. São João, 1737) eles estarão novamente se travestindo e pavoneando, a toques de rouge e baton, plumas e paetês. Mas, segundo consta, com um show de roteiro idêntico ao último apresentado aqui — o que talvez transforme essa indicação numa contra-indicação. Cautela pois.

A Retrospectiva Cinema 1, em andamento no MASP (av. Paulista, 1578) está reapresentando filmes anteriormente exibidos. De qualquer modo, a mostra propicia a revisão de Tio Vania (quinta, 20:00), adaptação soviética de Andrei Tarkovsky da obra de Chekov, sobre personagens que gostariam sempre de estar em outro lugar. Além do documentário 70 Anos de Brasil (sexta, 20:00), incursão de Jurandyr Noronha ao passado do país, e O Criado (sábado, 20:00), magnífica realização de Joseph Losey, num clima georgiano. E a grande atração, a pré-estréia de Vida em Família (segunda, 20:00), impiedosa crítica de Kenneth Loach aos métodos tradicionais da psicoterapia, calcada nas teses do anti-psiquiatra Ronald Laing,

MUSICA E FUTEBOL DA COPA NA TV

Área geralmente relegada dentro da programação das emissoras de TV, os musicais, apesar disso, são as principais atrações da semana. No programa desta semana

da Série Documento

(TV Bandeirantes, sábado, 19:30) a focalizada é a cantora Carmen Costa, que além da habitual entrevista feita por Pink Wainer, interpreta músicas de Paulo Vanzolini (Ronda) e Antonio Maria (Se eu Morresse Amanhã de Manhã) além de peças de folclore o Jarro da Saudade, Trepá no Coqueiro). E em Retrato Falado (TV Cultura, segunda,

21:30) Ciro Monteiro é visto pela ótica de Elis Regina, Chico Buarque, Nelson Cavaquinho e outros artistas que além de falarem sobre o retratado, interpretam suas composições. Além, é claro, de incluir uma entrevista com o próprio. Duas outras boas indicações são oferecidas também pela TV Cultura: "Os 10 Negrinhos", de Agatha Christie, direção e adaptação de Ademar Guerra, com Claudio Corrêa e Castro, Karin Rodrigues, Hélio Souto, Lola Brah, Elvira Gentil e o palhaço Dilin, é a peça programada para o Teatro 2 (segunda, 22 horas). E para os aficionados do futebol, o jogo Brasil x Uruguai dentro da Retrospectiva da Copa 70 (sábado, 22:30).

Mudou o ano e com ele o nome do programa. Substituiu-se o apresentador. E só. Brasil Som 76 continua revelando-se de uma incipiência a superficialidade injustificável. Pelo menos em respeito a sua nova condutora, a divina Elizeth Cardoso que substituiu de acordo com suas possibilidades o insosso, insípido e inodoro Benito de Paula. Ah! Trocou-se também a vinheta de apresentação. Mas os convidados, em que pretende se basear o programa, ou são de projeção secundária ou, fato raro, se de maior expressão, diluem-se em meio a indigência geral do programa. Até quando?



Penumbra, fumaça, cheiro de incenso, tapetes persas, almofadões indianos, lanternas chinesas, centenas de colares pendendo do teto — a parafernália com que a boutique Freedom (alameda Lorena, 1598) tenta criar o ambiente de um mercado oriental só tem sua verdadeira origem denunciada

pela música pop ao fudo e por seus louros proprietários ingleses.

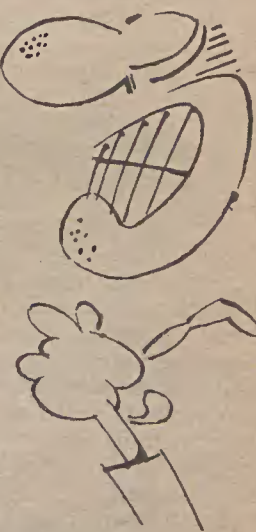
Os almofadões persas e indianos (300,00 a 1.000,00), os sinos para porta feitos de cordão e contas (140,00), os panôs indianos (400,00 a 700,00), as estatuetas em bronze do Nepal, feitas a mão (5.500,00 a 9.000,00), ânforas de latão (850,00), batik (pintura em seda indiana — 450,00) são alguns dos artigos que permitem a decoração de toda uma casa em estilo oriental.

Os elefantes indianos (de massa, 110,00 a 250,00), que para dar sorte deverão ficar com o traseiro virado para a porta, e o porta-incenso, para espantar os maus espíritos, são os complementos indispensáveis, já que a corrida pelo consumo de produtos orientais é quase sempre acompanhada por uma onda de misticismo.

Mais manipulados que esses objetos de decoração são os vestidos, túnica, lenços, jóias e bijuterias, numa tal quantidade que deixam tontos os chamados "hippies de boutique", que passam horas ali, vendo e revirando tudo. Para contestar o sistema, as roupas em série dos magazines, há a exclusividade de longos de voile indiano bordados em ouro, por 2.800,00, ou de seda indiana, 2.200,00. Há ainda lindas túnica feitas e bordadas a mão, do Afeganistão (250,00 a 950,00). Ocidentalizando o voile indiano, tecido para cobrir as pudicas mulheres orientais, foram feitos biquínis e tangas (180,00).

Como a maioria dos produtos chega via Londres, vem de contra-peso para a boutique Freedom, espelhos com desenhos art-nouveau, xales franceses, cartões e posters com desenhos fantásticos (100 — 200,00). E, ainda, a última moda na Europa: bustier de penas (380,00) para ser usado sobre saias longas ou calça Lee desbotada.

Mas o maior movimento da loja é na parte de miudezas, para os bolsos menos afortunados: pulseiras, anéis, brincos, colares.



Sandy Ratcliff em "Vida em Família"

A CIDADE "Ninguém pensou que eles precisavam de casa, comida, transporte, atendimento. Como a oferta de braços era maior que a procura, tinha-se uma mão de obra barata — e era isso o que importava".



PERDÃO AOS PASSAGEIROS DO TREM FANTASMA

Até outro dia, São Paulo era o santo mais louvado do "milagre brasileiro". Pulavam os maquinistas eufóricos da "locomotiva do Brasil". Os slogans ufanistas se multiplicavam na embriaguez do progresso e todos eram bem-vindos à grande festa. Quanto mais gente viesse, melhor — embora, já nessa época, a mesa não desse para todos. De repente, como que obedecendo a uma voz de comando não identificável, quando se descobriu que a locomotiva não tinha rumo, os maquinistas apressaram-se em identificar o motivo de todas as desgraças: o excesso de passageiros, também chamados de migrantes.

Quando o simples mortal ainda não conhecia expressões como crescimento zero e os maquinistas só pediam braços para dar mãos às obras faraônicas do produto bruto, ninguém pensou que esses braços precisavam de casa, comida, transporte, atendimento médico. Como a oferta de braços era até maior que a procura, tinha-se uma mão-de-obra barata — e era isso o que importava. A quem interessava todo o progresso concentrado em São Paulo? O migrante realmente melhorava suas condições de vida, ou vinha para cá apenas por falta de outras opções de trabalho? Na época, não convinha responder a essas perguntas, nem mesmo fazê-las.

Pouco antes de assumir, o governador Paulo Egydio surpreenderia o País, ao dizer que a miséria em São Paulo era maior do que no Nordeste, depois de examinar os estudos que encomendou a todos os setores da vida paulista.

Bastariam, de fato, alguns passeios de fim-de-semana à periferia, para que o prefeito nomeado, Olavo Setúbal, concluísse que "se alguma coisa estourar no Brasil, vai ser primeiro em São Paulo", como declarou então ao AQUI. Foi tudo rápido demais para que as pessoas pudessem se dar conta e até os maquinistas nomeados mais recentemente se surpreenderiam com as bialças que silenciosamente se enquistaram na cidade nos últimos anos.

Descoberta a pólvora, o que fazer? — é o que, entre atônitos e desencantados, todos se perguntam agora. Na semana passada, foi a vez do vereador Celso Matsuda, da Arena, chorar suas mágoas para o AQUI:

"Nós somos 21 vereadores que representamos, cada um, uma média de 400 mil habitantes desta cidade. No entanto,

não passamos de simples anônimos, o povo ignora o nosso trabalho".

E haveria de ser diferente? Se o próprio verador diz que, "na verdade, o prefeito é o dono absoluto da cidade. Existe um ditador no Ibirapuera: o senhor Olavo Setúbal (...)"

Se até esse "dono absoluto da cidade" pode andar tranquilamente pela periferia, sem ser reconhecido, ele que tudo decide, nada há de se estranhar no anonimato de um vereador, que define a Câmara como "um mero cartório de registros da vontade do Executivo". Mas, talvez, resida exatamente nessa total falta de representatividade e de canais de comunicação entre morador-cidade-governo a verdadeira razão da tragédia paulistana — e não nos migrantes, responsabilizados também por Matsuda. Os migrantes são, na verdade, as maiores vítimas da velocidade fittipadiana imprimida à locomotiva por maquinistas que já há algum tempo deixaram de ouvir os passageiros. Não apenas quanto aos quilômetros horários, mas, principalmente, sobre o destino do trem, que, agora se sabe, anda destrambelhando pelas pirâmides, movido por um mortífero combustível conhecido nas altas rodas por especulação imobiliária.

Agora, que a festa acabou, é muito fácil culpar os convidados do trem-fantasma, tangidos pelas falsas promessas de bons salários e vida melhor na cidade grande. As verdadeiras razões, no entanto, são sempre convenientemente emitidas nas análises históricas dos descobridores do óbvio: o progressivo esfacelamento da autonomia municipal; o impedimento dos municípios escolherem o prefeito — e, portanto, seus caminhos; o desequilíbrio cada vez maior entre a renda da Prefeitura, a de algumas pessoas jurídicas e a da maioria das pessoas físicas; a nenhuma participação popular na vida da cidade, em qualquer nível, em qualquer situação; a prioridade dada ao automóvel; o uso do solo atendendo principalmente ao interesse de especuladores; a descontinuidade administrativa e a falta de sensibilidade e conhecimentos mínimos dos neófitos que ganharam a Prefeitura de presente nos últimos anos. Enquanto essa situação persistir, mudarão, no máximo, os slogans, que na fase neo-realista-contemplativa em que vivemos falam em "São Paulo, a cidade dos 600 mil menores abandonados". O resto é literatura.

Do falso
paraíso ao
inferno
real



Ricardo Kotscho

O ESTADO "Então, desce e vai a pé. Seu motorista, também a pé, comenta com o povo: Aquele ali, que está bebendo, sabe quem é? É o deputado Cardoso de Almeida, Gente boa, esse é dos nossos".



Ulisses Guimarães



Castello Branco

VÁRIAS HISTÓRIAS DE ELEIÇÕES, DE ATO 5, DE FEDERAÇÃO

O governador Paulo Egydio Martins garantiu que o governo não está empenhado nas eleições da Federação Paulista de Futebol. Pode ser. Mas o líder do governo na Assembleia, o secretário do Trabalho, o secretário de Turismo e o secretário de Turismo da Prefeitura não têm feito outra coisa nos últimos tempos.

Há até algumas histórias estranhas, de que os clubes que não apoiassem o líder do governo na Assembleia prejudicariam suas cidades, que não receberiam auxílio oficial — mas claro que isso é mentira. Afinal de contas, também não diziam por aí que o governador Paulo Egydio governaria com o mapa das eleições na mão, para punir quem não votasse em Carvalho Pinto?

Pergunta do presidente da República: "Que mal o AI-5 já causou ao Estado do Pará?"

Pergunta que não foi feita: Que bem o AI-5 já causou ao Estado do Pará?

Nova tática da Arena paulista, expressa pelo deputado Sérgio Cardoso de Almeida: as cassações. "O povo sabe das coisas. Sabe o que vão dizer? É isso: 'Num adianta votá, qui êlis cassa? E votam na Arena', garante Sérgio.

O deputado, aliás, é perito em tática eleitoral. Nas campanhas, veste roupas surradas, e segue até a periferia das cidades em seu LTD com ar condicionado. Então, desce e vai a pé. Seu motorista, também a pé, comenta com o povo: "Aquele ali, que está bebendo, sabe quem é? É o deputado Cardoso de Almeida. Gente boa, esse é dos nossos".

Sérgio Cardoso de Almeida tem sido sistematicamente escolhido pelos repórteres parlamentares como um dos melhores deputados do ano. Mas prefere não confiar nesse tipo de prestígio: "Faço sacrifícios durante a campanha. Nem posso jogar pólo".

Anúncio da Caixa Econômica do Esta-

do de São Paulo, publicado dia 13: "Só a nossa Caixa deu 2,7% de juros e correção monetária por mês". Ora, juros e correção monetária são iguais em todo o país: estará a Caixa pagando por fora? Ou estará induzindo o erro?

Temor da oposição em São Paulo: haverá restrições ainda maiores da liberdade de expressão? As ameaças são várias: em primeiro lugar, a possibilidade de a Polícia Federal censurar a campanha (o presidente nacional do MDB, Ulisses Guimarães, foi proibido em Manaus de falar na TV sobre as cassações); depois, já foram lançados vários balões de ensaio sobre a redução do horário gratuito do TRE (isso atingiria o MDB, mas não a Arena, já que o governo tem livre acesso à televisão); finalmente, há boatos de intensificação na censura à imprensa (O Estado de S. Paulo, livre de censura há pouco mais de um ano, lembrou recentemente e sintomaticamente o exemplo do marechal Castello Branco, que, mesmo impopular, governou até o final de seu mandato sem medidas de exceção).

Duro mesmo seria perder as eleições de aplicar todos esses métodos.

O secretário de Turismo da Prefeitura, Armando Simões Netto, disse na Rádio Gazeta que, com Nabi Abi Chedid na presidência da Federação Paulista de Futebol, o Corinthians seria campeão. O presidente do Conselho Deliberativo do Corinthians, Mário Campos, repetiu a frase de Simões Netto. O presidente do Corinthians, Vicente Matheus, após anunciar seu apoio a Nabi Abi Chedid, afirmou que, com uma ajudinha dos juizes, o Corinthians seria campeão.

Esse tipo de coisa não aconteceu nem quando Adhemar de Barros era governador, e João Mendonça Falcão o presidente da Federação — ambos, aliás, corintianos.

E.B.



Vários métodos
de ganhar
eleições, sem
conquistar votos.

“COM ESTES PARTIDOS, O BRASIL NÃO VAI”



Entrevistado por Samuel Wainer, Roberto de Abreu Sodré, ex-governador paulista, traça aqui um quadro não muito otimista da atual situação política brasileira, para a qual só vê uma saída: a dissolução imediata da ARENA e do MDB.



O entrevistado de hoje na série em que AQUI procura mostrar a nova linha do pensamento político de São Paulo, é um homem que tem toda a autoridade para falar com franqueza como que falou inicialmente ao repórter, referindo-se à Arena e ao MDB: **“Com estes partidos, o Brasil não vai pra frente”**.

Ele é Roberto de Abreu Sodré, hoje um empresário vitorioso, mas que visivelmente não consegue se desligar ou ausentar das atividades públicas em que se forjou como um dos mais jovens líderes políticos de São Paulo. “Aprendi a liderança foi na rua e na cadeia. Não foi na ante-sala dos partidos, não”. É assim que ele define sua participação, ainda como estudante, nas lutas contra o Estado Novo. Mas Sodré não parece ter esgotado o seu entusiasmo e fé política nos entevos que também teve que enfrentar mais tarde, na Câmara dos Deputados e como Governador de São Paulo.

Realista e até mesmo um pouco pragmático, reconhece que o País está começando a atravessar uma fase de cansaço, de fadiga política, muito menos do regime que dos homens. “O que precisamos é de um processo que modifique a estagnação política em que caímos; em suma, está nos faltando um pouco de capacidade criadora”. E é nos problemas causados pelo chamado bi-partidarismo que este depoimento de Abreu Sodré — dentro da mesma linha em que foram colhidos por AQUI os depoimentos de Arrobas Martins, Olavo Setúbal, Adhemar de Barros Filho, Ulisses Guimarães, Orestes Quêrcia, Jose Mindlin, Paulo Maluf — mas se detém.

Pela fluência, objetividade e clareza com que se estende sobre o assunto, não é difícil constatar que o ex-governador não fugiu às obrigações que lhe são impostas pela sua posição de liderança e pela vivência que adquiriu no exercício do poder.

"Acho que a ARENA, para vencer, precisa mudar completamente de métodos. Acho que ela precisa dizer ao povo, com realismo, o que está ocorrendo no país em termos de dificuldades de vida. Em vez de só anunciar quadros fáceis, dizer a verdade, dizer que estamos atravessando uma situação muito difícil. De certa forma, foi o que o Presidente Geisel disse no seu discurso de fim de ano. Chegou a hora de a ARENA parafrasear Churchill e dizer ao povo que o país está atravessando uma fase que exige de cada um de nós um sacrifício de suor, sangue e lágrimas. O povo, quando você lhe pede um sacrifício, ele aceita, mas quando você quer ludibriá-lo e ele está sentindo que as coisas vão mal, então a reação dele é votar contra você. O fato é que a verdade não pode ser mais escondida.



AQUI: — E evidente que o País se encontra num impasse político. As eleições municipais de 76 aí estão, mas a perplexidade que as cerca não parece diminuir; pelo contrário, aumenta a cada dia. Qual sua opinião a respeito?

AS: — Concordo que estamos num impasse e que precisamos encontrar uma fórmula para ajustar nosso sistema político-partidário à realidade. Minha proposição seria a de que fosse baixado um ato revolucionário extinguindo os dois partidos. As eleições municipais seriam realizadas com candidatos individuais e independentes. E logo a seguir, acompanhando os contornos ideológicos que essas eleições acabariam por revelar, poderiam ser formados três ou quatro novos partidos nacionais.

AQUI: — Mas como seria a mecânica dessas eleições, como seriam apresentados os candidatos?

AS: — Vamos exemplificar com números. Se não me engano, devem ser eleitos em todo o País cerca de 4.000 prefeitos e mais de 40.000 vereadores. É claro que para ser candidato seriam precisos certos requisitos, como por exemplo para a candidatura a prefeito — seria necessária a sua apresentação pelo menos por 5% do eleitorado; para vereador, outra porcentagem.

AQUI: — E qual a consequência imediata desse sistema eleitoral?

AS: — Ele possibilitará o surgimento de uma série de novos líderes que não querem participar da ARENA, por acharem que a ARENA está ultrapassada, e não querem entrar no MDB pelos seus defeitos congênitos. Assim, as novas lideranças emergirão diretamente de suas bases populares, pois terão enfrentado em disputa singular quatro ou cinco adversários. Eleitos, eles seriam obrigados a se filiar a um dos três ou quatro partidos que o governo criaria, seguindo as tendências ideológicas das diversas correntes nacionais. (Nessa altura da entrevista, o sr. Oscar Klabin Segal, presente ao encontro de "AQUI" com o ex-governador de São Paulo, manifesta uma opinião pessimista com relação ao atual quadro político brasileiro. Abreu Sodré concorda com Klabin Segal e diz que de uns tempos para cá estão sendo cometidos muitos erros, erros que Sodré não sabe se devem ser atribuídos "à burrice ou a uma suposta sagacidade dos grupos dominantes". Um desses erros, apontados por Sodré, refere-se à aplicação, em alguns casos, do AI-5, sem maiores explicações à opinião pública. Assim pelo menos se prestaria, diz Sodré, uma satisfação a mais de 50% da população brasileira, à sua juventude, que é a que é a mais afetada por todo esse estado de coisas. Mas, nesse ponto em que a entrevista fica ameaçada de um desvio de seus objetivos iniciais, Abreu Sodré retorna ao tema que mais parece apaixoná-lo: o da estrutura partidária do País).

AQUI: — Leu as declarações do Senador Eurico Rezende, um dos líderes mais atuantes do governo no Senado, em que ele diz que deveria haver lugar na estrutura partidária do País até mesmo para a chamada esquerda democrática? E olhe que ninguém é tão insuspeito com partidário da Revolução do que o Senador Rezende.

AS: — Sim, li as declarações do Senador Eurico Rezende — e por isso mesmo reafirmo a minha posição: acho que a única maneira de escaparmos da nossa estrutura partidária artificial, uma estrutura que foi imposta, é a de darmos oportunidade a todos os que não quiseram ou não querem cair nesta engrenagem do esquema ARENA-MDB. Acho que esta é a hora de abrir caminho para muitos jovens — e quando digo jovens, não me refiro apenas à idade, mas sim às vocações para a vida pública — procurarem criar suas raízes e lideranças em bases populares; aí é que haveria realmente uma renovação. Eu não acredito nesta história de se convocar uma pessoa vitoriosa

na empresa privada e lhe dizer: agora você vai ser um líder político, um governador, um presidente. Nada disso. Você não cria líderes como quem faz roupas sob medida. E ninguém cria lideranças nas ante-salas partidárias. O líder nasce na rua. Por isso é que acho que se querem efetivamente provocar a realizar uma verdadeira reformulação partidária, a melhor maneira é a fórmula que proponho para as próximas eleições municipais.

AQUI: — Mas haveria tempo de aplicá-la, ainda em 76?

AS: — Sim, as eleições estão muito próximas. Mas ainda há tempo para se aplicar a fórmula que proponho. Se tivesse sido decidida há seis ou oito meses atrás teria sido melhor, não seria considerada uma violência revolucionária. É claro que realizadas as eleições na base de candidatos independentes e individuais, surgiriam grandes problemas, haveria muita tensão. Não é difícil imaginar-se o clima de uma campanha eleitoral em que haveria municípios com quatro a cinco candidatos a prefeito. As campanhas seriam apaixonadas, as disputas até exageradas, mas passada a batalha do voto, os eleitos seriam obrigados a uma opção partidária. E os derrotados, por sua vez, teriam também caminhos variados para escolher seus novos passos na vida política do País.

AQUI: — É sua convicção, portanto, que o melhor caminho para a criação de novas lideranças nacionais seria uma renovação da estrutura partidária. Mas não lhe parece também que essa escassez de lideranças se deve à ausência, ou melhor, à eliminação de vários segmentos da opinião nacional — principalmente estudantes e trabalhadores — da atuação político-partidária?

AS: — Insisto e reafirmo: liderança se aprende na rua, nas cadeias, nas lutas políticas, não nas ante-salas dos partidos. Por isso acho que a melhor maneira de se fazer uma convocação para a renovação não é pinçando gente aqui e acolá e colocando em postos políticos. Só poderemos arejar o nosso processo político através de uma eleição livre, com candidatos independentes. Aí você vai ver. Os jovens que não querem entrar nem na ARENA, nem no MDB, mas com vocação para a coisa pública, ganhariam maturidade nas lutas eleitorais, seja como candidatos a prefeito, seja a vereador, seja como elementos de apoio dos candidatos de sua preferência. Não teriam compromissos com ninguém, senão com suas idéias. Depois, iriam aglutinar-se no partido que mais próximo estivesse de suas tendências políticas.

AQUI: — Tudo bem, mas se as eleições de 76 forem realizadas ainda dentro do esquema eleitoral atual como é de se prever, qual deveria ser, no seu entender, o caminho da ARENA para evitar outra e muito provável derrota nas urnas?

AS: — Acho que a ARENA, para vencer, precisa mudar completamente de métodos. Acho que ela precisa dizer ao povo, com realismo, o que está ocorrendo no País em termos de dificuldades de vida. Em vez de só anunciar quadros fáceis, dizer a verdade, dizer que estamos atravessando uma situação muito difícil. De certa forma, foi o que o Presidente Geisel disse no seu discurso de fim de ano. Chegou a hora da ARENA parafrasear Churchill e dizer ao povo que o País está atravessando uma fase que exige de cada um de nós um sacrifício de suor, sangue e lágrimas. O povo, quando você lhe pede um sacrifício, ele o aceita, mas quando você quer ludibriá-lo e ele está sentindo que as coisas vão mal, então a reação dele é votar contra você. O fato é que a verdade não pode ser mais escondida. Os problemas resultantes da conjuntura mundial já bateram às nossas portas, os salários estão achatados, a produção aumenta com mais dificuldades, além de sofrer os prejuízos causados pelos fenômenos

naturais. O mal da ARENA é que ela funciona com um movimento pendular. Otimista, porque ganhava sem trabalhar. E foi assim durante dez anos. E agora pessimismo, porque tem certeza de que vai perder. Sistema pendular: otimismo absoluto, não trabalhava porque ganhava de qualquer jeito; e agora não quer trabalhar porque vai perder de qualquer jeito.

AQUI: — Mas a situação está realmente atingindo um ponto de preocupação?

AS: — Claro. A situação econômica está muito difícil. Geisel teve a coragem de aceitar os "contratos de risco", ele que era um partidário convicto, como todos nós, em 47, da campanha do "petróleo é nosso". Geisel teve um ato de coragem. E são atos de coragem como este que estão faltando no Brasil. Assim, eu só vejo duas opções para que a marcha revolucionária iniciada em 64 possa ter continuidade: ou fazendo nascer novos partidos, de baixo para cima, ou então partindo para uma campanha de convocação popular, nos moldes da campanha de Churchill. Eu, pessoalmente, prefiro a terapêutica de uma medida eleitoral como a que venho preconizando — dissolução dos partidos atuais, eleições "free", livres, criação de nova estrutura partidária mais condizente com as tendências ideológicas do País. Prefiro isso a termos que correr o risco de uma cirurgia mais profunda em 78. Eu não quero que o Brasil em 1978 dê uma meia-volta e retorne a 1965.

AQUI: — E há esse risco, é iminente, ou há como evitá-lo?

AS: — Eu não sei se há ou não, o que sei é que o futuro Presidente da República poderá encontrar-se diante desta estranha situação: eleito pelo atual Congresso, que tem maioria arenista, mas tendo que governar com um congresso de maioria oposicionista ou emedebista. Ora, o político tem obrigação de adiantar-se pelo menos quatro anos aos acontecimentos. Quando é um estadista, ele se coloca 10 anos à frente. O que nós não podemos é ir resolvendo os problemas à medida em que se apresentem, o que não devemos é tomar medidas sobre fatos já ocorridos. É grande a viabilidade de a crise internacional, que deve prolongar-se ainda pelos anos de 76 e 77, permitir uma vitória eleitoral do MDB em 78. E nessas condições não é improvável que ocorra uma ruptura no sistema, a não ser que o futuro Presidente da República, que ainda vai ser eleito pelo voto indireto, dê ao Congresso um papel como é o da Rainha da Inglaterra. Quem governa é ele, quem reina é a rainha. Mas, mesmo que isso fosse possível, por quanto tempo duraria tal situação? O futuro Presidente estaria disposto a governar com uma maioria emedebista?

AQUI: — Mas supondo que possa ocorrer tal situação, não seria justo prever uma melhoria não só política, mas social e cultural, nos quadros que deverão constituir o novo Congresso após as eleições de 78?

AS: — Sim, deve haver uma melhoria. Dizer que o povo não está interessado pela política é um erro. O povo está distanciado da política. Por isso ele entra muitas vezes pela porta errada, pela porta da contestação. Quem manusear imparcialmente os resultados das últimas eleições, em 74, verificará que jamais na história eleitoral do Brasil uma legenda recebeu mais votos que a legenda do MDB — o povo não estava votando em nomes, estava votando no MDB. Não pelas suas qualidades, que o MDB não as tem, mas o povo queria votar contra o outro lado. Daí o fenômeno Quêrcia. Uma enxurrada de votos deu a vitória ao MDB, que não tinha quadros, que aceitou o alistamento de muita gente desqualificada para o exercício da função pública, então nasceu uma espécie de revolução de protesto eleitoral, mas uma

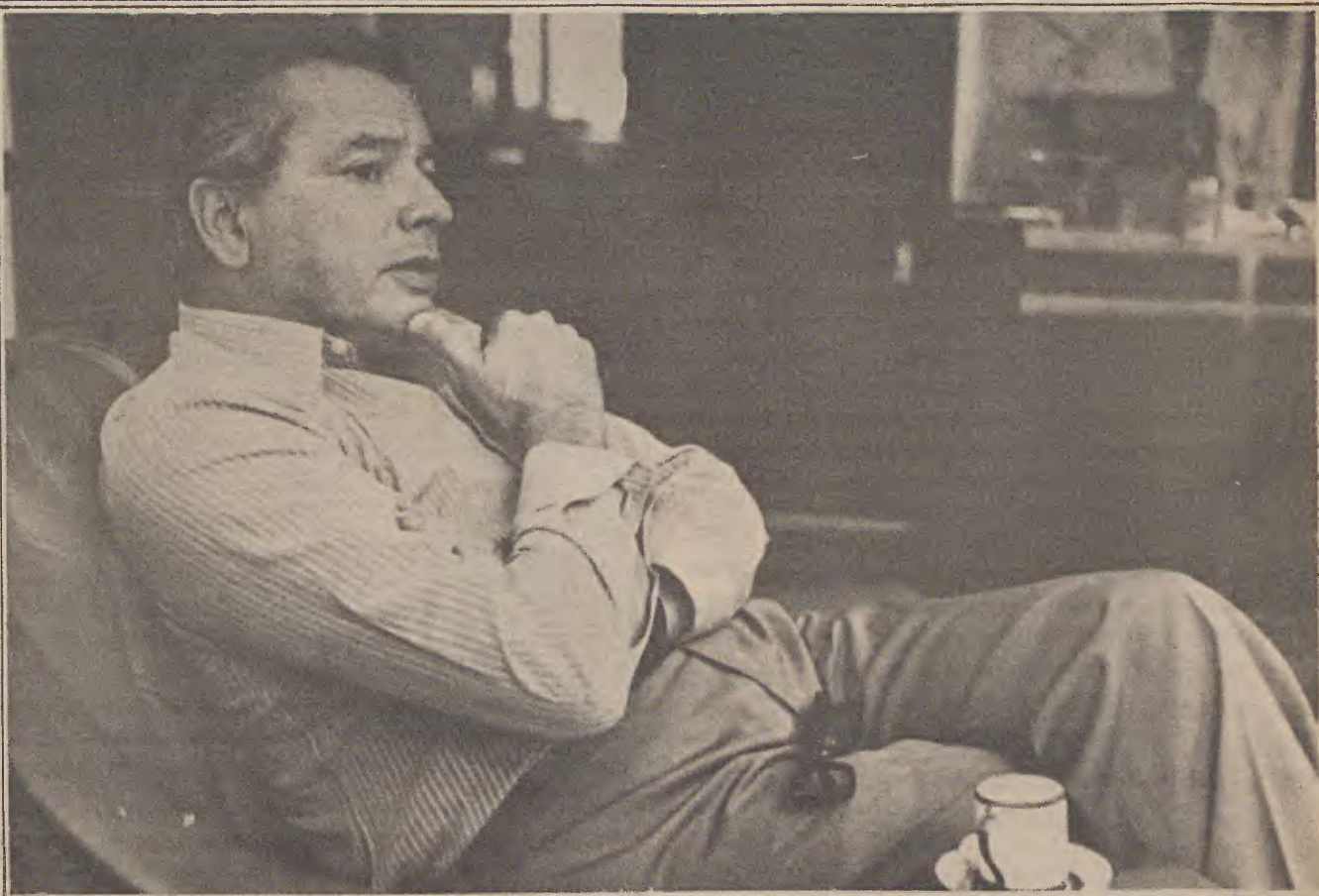
"Quem manusear imparcialmente os resultados das últimas eleições, em 1974, verificará que jamais na história do Brasil uma legenda recebeu mais votos que a legenda do MDB — o povo não estava votando em nomes, estava votando no MDB. Não pelas suas qualidades, que o MDB não as tem, mas o povo queria votar contra o outro lado. Daí o fenômeno Quéricia. Uma enxurrada de votos deu a vitória ao MDB, que não tinha quadros, que aceitou o alistamento de muita gente desqualificada para o exercício da função pública; então nasceu uma espécie de revolução de protesto eleitoral, mas uma revolução que baixou o gabarito do poder legislativo em termos de inteligência e de vocação para a vida pública. Mas para 1978 acho que o MDB terá chances de melhorar seus quadros, porque teve tempo de recrutar gente melhor, enfim, haverá uma seleção mais rigorosa para as próximas eleições".

revolução que baixou o gabarito do poder legislativo em termos de inteligência e de vocação para a vida pública. Mas para 1978 acho que o MDB terá chances de melhorar seus quadros, porque teve tempo de recrutar gente melhor, enfim, haverá uma seleção mais rigorosa para as próximas eleições. E tudo isso ainda poderá abrir perspectivas muito mais promissoras para a vida nacional, se houver a reformulação partidária que advogo. Acredito, inclusive, que o partido majoritário nascido desta reformulação acabará por defender e atender a linha de continuidade revolucionária. Daí a Revolução, que caminha para uma posição minoritária, poder ocupar a posição majoritária, mas na base e uma seleção democrática, ungida por raízes populares. Quem dirá que amanhã eu não possa ser companheiro do Ulysses Guimarães, do João Pacheco Chaves se pensamos de maneira igual, e estamos apenas distantes partidariamente um de outro? É isso, a Revolução pode permitir que nos encontremos dentro do novo partido, que pode vir a ser majoritário não em termos artificiais, mas em termos de liderança nascida na disputa popular.

AQUI: — Quanto aos políticos paulistas, até quando essa ausência de São Paulo nos altos postos de decisão política nacional, poderá ser aceita? Até quando essa uniformidade do desenvolvimento paulista poderá ficar ausente e até mesmo marginalizada dos destinos políticos do País?

AS: — Quando São Paulo vai bem, certamente, o Brasil vai bem, quando São Paulo vai mal, dificilmente o Brasil irá bem. Não ha pretensão paulista nisto. É uma realidade numérica, que não pode ser contestada. Por isso é que digo que não ha nada mais brasileiro que o problema de São Paulo. Por isso é que advogo uma participação cada vez maior de São Paulo no grande debate político que, por força dos próprios acontecimentos, está se abrindo. Agora mesmo, passando pela Europa e pelos Estados Unidos, encontrei muitos homens de negócios, empresários, banqueiros, todos queriam saber o que vai acontecer no Brasil. E você sabe que não ha nada mais sensível às oscilações políticas que o capital. Mas eu senti, apesar da mensagem tranquilizadora que procurei lhes transmitir, que há uma espécie de recesso em relação aos investimentos no Brasil, aquela euforia da ha três ou dois anos atrás está mais diluída, Brasil está sendo posto um pouco na prateleira. Mas a nossa chance é que eles não têm muitas opções fora do Brasil: ir para onde, para a Argentina, para o Chile, para o Peru? Ninguém, mais do que um paulista, pode sentir os riscos que representa um estado de espírito como este, mesmo porque São Paulo, sendo o eixo econômico do País, é o que mais imediatamente sente esse fenômeno de espera e de desconfiança, provocado essencialmente pela impasse político em que nos encontramos. Sou, assim, partidário de que sejam convocados neste momento todos aqueles que podem, pela sua experiência, vivência e raízes políticas, oferecer sua contribuição para a renovação que o Brasil reclama. E quando digo renovação, é no sentido de acrescentar, aos valores atuais, outros e mais diversificados valores. Principalmente da juventude. O que existe por aí em termos que correr o risco de uma cirurgia mais profunda em sado, contido, por falta de partidos de autenticas raízes populares, é imenso. A chance que devemos dar a esta juventude é, no final de contas, a chance que devemos dar a todo o nosso povo. E será uma chance para a democracia.

Samuel Wainer



Um ano novo
sempre tem coisas boas
a nos oferecer.
O importante é não deixar a
peteca cair.



COLUCCI & ASSOCIADOS PROPAGANDA LTDA.
Alameda Gabriel Monteiro da Silva, 837 - Fones: 282-4700 e 80-1774
CEP 01441 - São Paulo, SP



BRADESCO

ASSOCIADO AOS GRUPOS SEGURODORES SUL AMÉRICA E ATLÂNTICA - BOAVISTA.

BRADESCO - B.B. INVESTIMENTO - FINANCIADORA CRÉDITO IMOBILIÁRIO - LEASING

CONSOLIDAÇÃO DOS BALANÇOS DA ÁREA FINANCEIRA EM 31 DE DEZEMBRO DE 1975

ATIVO		PASSIVO	
	Cr\$		Cr\$
DISPONÍVEL		NÃO EXIGÍVEL	
	2.033.705.768,03	Capital	1.789.001.658,78
REALIZÁVEL		Reservas e Fundos	1.860.012.215,03 3.649.013.873,81
Empréstimos	25.294.688.095,88	EXIGÍVEL	
Outros Créditos	101.652.168.692,36	Depósitos a Vista	14.732.042.764,02
Valores e Bens	2.908.130.579,07 129.854.987.367,31	Depósitos a Prazo Fixo com Correção Monetária, Letras Imobiliárias, Letras de Câmbio e Outras Captações	8.129.221.451,48 22.861.264.215,50 ⁽¹⁾
IMOBILIZADO	1.781.765.062,16	Outras Exigibilidades	99.844.023.003,44
RESULTADO PENDENTE	792.174.938,78	Obrigações Especiais	6.666.155.738,62 ⁽²⁾ 106.510.178.742,06
CONTAS DE COMPENSAÇÃO	95.522.275.900,31	RESULTADO PENDENTE	1.442.176.304,91
		CONTAS DE COMPENSAÇÃO	95.522.275.900,31 ⁽³⁾
TOTAL	Cr\$ 229.984.909.036,59	TOTAL	Cr\$ 229.984.909.036,59

DEMONSTRAÇÃO CONSOLIDADA DA CONTA DE "LUCROS E PERDAS" EM 31 DE DEZEMBRO DE 1975 - PERÍODO DE JULHO A DEZEMBRO

DÉBITO	CRÉDITO
DESPESAS OPERACIONAIS	RESULTADO DO PERÍODO ANTERIOR
DESPESAS ADMINISTRATIVAS	SALDO NÃO DISTRIBUÍDO NO SEMESTRE ANTERIOR
DISTRIBUIÇÃO DO LUCRO LÍQUIDO ⁽⁴⁾	REVERSÃO DO FUNDO DE RESERVA PARA PREJUÍZOS EVENTUAIS - OPERAÇÕES GERAIS
Amortização de Ágios de Incorporações	REVERSÃO DO FUNDO PARA RISCOS EM OPERAÇÕES DE CÂMBIO
Fundo de Reserva Legal	RENDAS OPERACIONAIS
Fundo de Reserva Especial	OUTRAS RENDAS
Fundo de Reserva p/ Prejuízos Eventuais - Operações Gerais	LUCROS DIVERSOS
Fundo de Reserva de Riscos em Operações de Câmbio	
Provisão p/ Pagamento de Dividendos - 1º Semestre de 1976	
Complementação de Dividendos - 2º Semestre de 1975	
Reserva para Aumento de Capital - Bonificações	
Provisão do Imposto de Renda	
Reserva p/ Manutenção de Capital de Giro Próprio	
Fundo de Aumento de Capital	
Reserva Estatutária	
DONATIVOS	
Doação à Fundação Bradesco	
Doação à Caixa Beneficente	
Doação à Cooperativa	
GRATIFICAÇÕES E PERCENTAGENS A DISTRIBUIR	
Aos Funcionários	
Aos Diretores	
LUCROS SUSPENSOS	
SALDOS QUE SE TRANSFEREM PARA O SEMESTRE SEGUINTE	
AMORTIZAÇÃO DE PREJUÍZOS ANTERIORES	
TOTAL	TOTAL

NOTAS

- 1- OS RECURSOS CAPTADOS junto ao público elevam-se a Cr\$ 22.861.264.215,50.
- 2- OPERAÇÕES DA RESOLUÇÃO 63, incluídas no Exigível, totalizam Cr\$ 1.544.188.461,67.
- 3- OS FUNDOS ADMINISTRADOS têm valor patrimonial de Cr\$ 885.094.970,71 e estão incluídos nas Contas de Compensação.
- 4- O LUCRO LÍQUIDO da área financeira foi de Cr\$ 873.046.315,55 no semestre.
- 5- AMORTIZAÇÕES DE PREJUÍZOS ANTERIORES Cr\$ 30.886.699,66. Referem-se a prejuízos da TRIUNFO CIA. DE CRÉDITO IMOBILIÁRIO, amortizados pela sua sucessora, BRADESCO RIO S. A. CRÉDITO IMOBILIÁRIO.

ECONOMIA "Resolveu-se fazer um acerto de contas geral para que os negócios fossem finalmente concluídos, isto é, para que aqueles que venderam os papéis entregassem e os que compraram recebessem. Ora, se o que comprou uma obrigação não pudesse pagar ao que lhe vendeu, este teria dificuldade para saldar sua dívida com outro parceiro, que deveria fazer pagamento a uma quarta instituição, que o transferiria a uma quinta, etc."

O INCRÍVEL JOGO DAS FIGURINHAS (CARIMBADAS E NÃO CARIMBADAS)

O que se esperava desde a semana passada aconteceu: três instituições financeiras do mercado rodaram com o acerto de contas do "open market", realizado simultaneamente nas bolsas de valores do Rio e de São Paulo. Foram elas as distribuidoras Compacto e Jaguar, desta praça, e Edgard Estrela, da ex-Guanabara, todas prontamente socorridas pelo Banco Central que providenciou empréstimos para que pudessem "honrar seus compromissos".

Na fase de especulação desenfreada no "open", abrangendo diversos papéis, mas principalmente obrigações na Eletrobrás, foram feitas sucessivas operações — às vezes mais de 30 — com um mesmo título, tudo na base da palavra. Através das chamadas "cartas de recompra", uma instituição que comprova uma obrigação por 105% de seu valor nominal, a revendia por 110% para outra, que a repassava por 115%, e assim por diante. Com a baixa violenta do mercado, esses papéis passaram a ser cotados em torno de 80 a 85% de seu valor nominal.

Resolveu-se então fazer um acerto de contas geral — ou "câmara de compensação" — para que os negócios fossem finalmente concluídos, isto é, para que aqueles que venderam os papéis os entregassem e os que compraram os recebessem. Ora, se o que comprou uma obrigação por 110% não pudesse pagar ao que lhe vendeu, este, por sua vez, teria dificuldade para saldar sua dívida com outro parceiro, que deveria fazer um pagamento a uma quarta instituição, que o transferiria para uma quinta, etc.

Por isso, todas as instituições foram reunidas em um lugar só — as bolsas — em determinados dias para por tudo a limpo. Para evitar um prejuízo a diversas instituições, o Banco Central resolveu cobrir, através de empréstimos, os rombos naquelas empresas em maiores apuros.

Muita gente pergunta se isto é que é o "open market". Bem, é e não é. A confusão nesse mercado chegou a um ponto tal que se torna cada vez mais difícil demarcar a fronteira entre operações legítimas e ilegítimas. Além do "open market" propriamente dito, um dos instrumentos de política monetária, através de colocação de Letras do Tesouro Nacional (LTN) e Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional (ORTN), surgiu o que o ministro da Fazenda chamou de Open II (ou mercado aberto da Transilvânia, segundo o "Estado"), onde são negociadas obrigações da Eletrobrás, certificados de depósito, letras de câmbio, etc. Mas como o Open I frequentemente se confunde com o Open II, pode-se dizer que existe também o Open do Meio.

Diz John Kenneth Galbraith, em seu último livro ("Money, Whence it came, where it went"), que há poucas expressões tão mistificadas em economia como "open market". Segundo ele, isso ocorre porque os banqueiros e os economistas se valorizam por esse conhecimento, aparentemente inacessível aos não iniciados. Na realidade, o mecanismo do mercado aberto é simples. Tudo começou quando o Banco da Inglaterra verificou que uma das formas de reduzir as disponibilidades para empréstimo dos bancos comerciais privados era oferecer-lhes títulos do governo através de leilões. A taxas atrativas, os bancos aplicariam nesses papéis, reduzindo os meios de pagamento (dinheiro em circulação mais depósitos à vista), de modo a manter sob controle a inflação.

Inversamente, quando as autoridades monetárias sentiam que havia dificuldades de liquidez no mercado, isto é, falta de dinheiro para atender às necessidades da produção e do comércio, recompravam esses títulos em

poder dos bancos, aumentando, assim, os recursos que podiam dispor para empréstimos a particulares.

A política monetária é também controlada por outros dois instrumentos: a taxa de empréstimos aos bancos comerciais pelo Banco Central e a taxa de desconto, ambas com a mesma finalidade: injetar recursos no mercado ou conter a sua expansão.

Naturalmente, como as flutuações da liquidez são muito rápidas, as aplicações no "open" são caracterizadas pelo curto prazo. Assim, quando uma empresa tem dinheiro em caixa no dia 5 de um determinado mês, mas precisa de utilizar recursos para pagar impostos ou faturas no dia 12, ela procura um banco comercial, que aplica no "open". Dessa forma, portanto, os recursos que estavam "sobrando" são recolhidos à caixa do governo por sete dias, e a empresa recebe uma remuneração por essa aplicação, evitando que o dinheiro fique inteiramente ocioso por esse curto prazo.

Como se pode perceber, o que ocorreu recentemente tem muito pouca semelhança com esse tipo de operação. Sob a alegação de que o mercado aberto não havia se desenvolvido no Brasil como se esperava (esse tipo de operações começou em 1970 com ORTN, sendo aperfeiçoadas no ano seguinte com a introdução da LTN), não possibilitando às autoridades monetárias injetar recursos rapidamente na economia quando necessário, criou-se em 1975 um novo instrumento: o refinanciamento compensatório (empréstimo aos bancos comerciais pelo Banco Central, a juros de 6% ao ano, para repassar às empresas).

Na prática no entanto, que esse novo instrumento, cuja utilização dependia exclusivamente das impressões das autoridades quanto às condições de liquidez ou das pressões que o mercado financeiro fizesse, as autoridades acabaram perdendo o controle. Como vimos, no "open" clássico, há um mecanismo de mercado para avaliar o total de dinheiro ocioso. Os recursos para os quais não há aplicação imediata surgem nas empresas, vão aos bancos comerciais e, em seguida, ao Banco Central, que "enxuga" o excesso de liquidez.

O que acabou acontecendo com o refinanciamento compensatório é que, estando altíssimas as taxas no mercado aberto, em decorrência da especulação, era vantagem para as empresas obterem empréstimos dos bancos comerciais e reaplicá-los no mercado aberto. Os recursos "sobravam" por que, com o desaceleramento da economia no ano passado, reduziram-se as necessidades de financiamento à produção.

Teoricamente, a reaplicação no mercado aberto não deveria ser possível. Com o aumento dos recursos, as taxas do mercado deveriam cair. Mas não caíram dada a quantidade pequena de papéis disponíveis (ORTN e LTN).

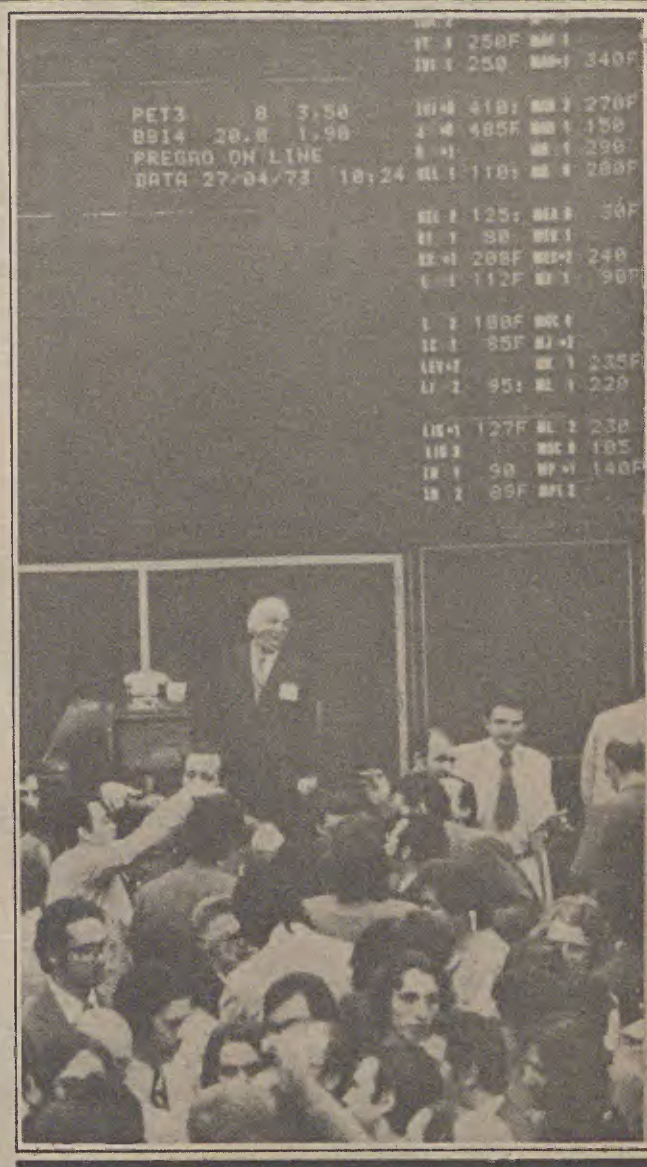
A especulação realimentou continuamente esse processo até chegar ao ponto que passaram a ser negociados no mercado todos os papéis que pudessem ser encontrados, não só títulos públicos de governos estaduais, como as até então pouco negociadas obrigações da Eletrobrás, sem falar em certificados de depósito e letras de câmbio, papéis inteiramente inadequados para o mercado aberto.

A situação do Open II nos últimos meses pode ser comparada a um jogo de figurinhas carimbadas e não carimbadas, simples troca de papéis pintados entre instituições financeiras, sem o mínimo critério para distinguir figurinhas fáceis e difíceis. Só que os que tomaram parte nesse jogo não eram garotos.

Confusão no
"mercado da
Transilvânia"



Klaus Kleber

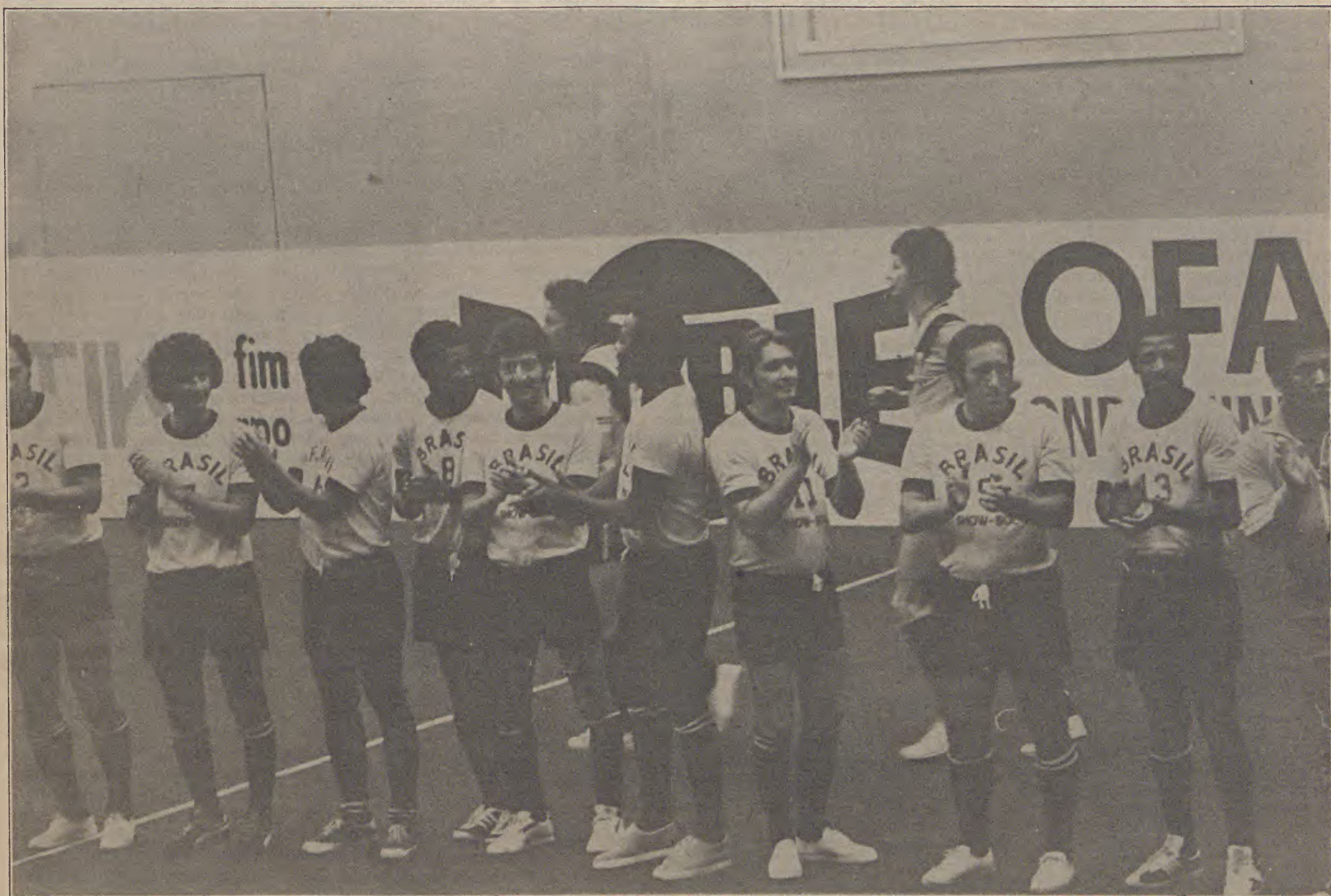


O aumento do custo-de-vida no ano passado foi de 31,2%, segundo o índice calculado no Rio pela Fundação Getúlio Vargas e válido para todo o país. Em São Paulo, ainda não se sabe o índice específico pesquisado na capital, mas é bem possível que ele fique um pouco abaixo do índice calculado no Rio. Até novembro, tanto o cálculo do Instituto de Pesquisas Econômicas da USP como o do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese) indicavam um aumento de 27,6%.

O índice elaborado pelo Dieese é o mais sensível, pois seu cálculo leva em conta estritamente os hábitos de consumo da família assalariada paulistana. Por exemplo, nesse índice o preço do feijão tem grande influência, principalmente para as famílias assalariadas de rendas mais baixas. Em novembro, o preço do feijão baixou em São Paulo cerca de 22% em relação a outubro, porque o Ceagesp lançou no mercado grandes quantidades do produto que estavam estocadas (em abril os estoques de feijão no Ceagesp subiram a 122 mil sacas de 60 kg, chegando a 128 mil em agosto, enquanto a média em 1974 foi de 16 mil sacas, e em 1973 apenas 12 mil). Só essa queda de preço do feijão fez com que o custo da alimentação em São Paulo diminuísse em quase 1% naquele mês.

Contudo, mesmo com essa baixa, o preço do feijão, de janeiro a novembro, subiu 48%. Calcula-se que o aumento médio da alimentação em São Paulo no ano passado, tenha ficado em torno de 30%, tendo os preços de gorduras, condimentos e hortaliças compensando, em parte, a alta do feijão.

APOSENTADOS VALEM MAIS DO QUE PARECIA



A BOLA DE COLOMBO

VEJA NA PÁGINA SEGUINTE



O MAIS BEM PAGO JOGADOR BRASILEIRO

Toninho, que vem marcando uma média de 12 gols por partida, está encostado no alambrado, fumando um cigarro e conversando com torcedores; ali por perto estão Carlos Alberto, que acabou de assinar contrato com o Fluminense; Lance, suspenso do futebol por um ano e meio; Dias, o Robertão Dias dos tempos difíceis do São Paulo, ao lado de seu antigo companheiro Jurandir; Ademar "Pantera", o rei da bicicleta, agora pesando 98 quilos; Battaglia, Paulo Borges, Rildo. Todos discutem um prêmio de Cr\$ 75 mil. O dinheiro, aliás, anda na boca de todos eles, inclusive do cartola que não é cartola, mas o dono do show: Brasil Show-Bol.

É o espetáculo mais lucrativo do esporte brasileiro, no momento. No fim do ano, o Internacional de Porto Alegre, campeão do Brasil, abriu os pulmões para gritar que teve um lucro de Cr\$ 2 milhões, uma quantia respeitável quando se soube que o Fluminense tem que pagar até julho Cr\$ 9 milhões de dívidas. Mas, para Marbi Ramondini, o dono do Brasil Show-bol, os lucros do Internacional chegam a ser ridículos. Só no mês de outubro o Show-bol arrecadou Cr\$ 1.610 mil, em 25 partidas realizadas em vários Estados (sem contar as 4 mensais apresentadas aos domingos pela televisão Record, canal 7, às 17 h 30).

Segundo Ramondini, que se confessa preocupado com o tamanho que seu negócio vai tomando, só existe uma explicação para o fenômeno:

— "Não resta dúvida que existe em cada um de nós um grande sonho: o de poder jogar ao lado de nomes como os de Gérson, Carlos Alberto, Toninho, Jairzinho, etc. É um sonho de criança, um sonho tentador. Acho que o sucesso do Show-bol está aí".

Desde junho do ano passado, quando começou a ser apresentado pela TV Record, o Show-bol vem excursionando pelo Brasil inteiro, dando emprego a jogadores que já estavam esquecidos, fazendo-os voltar ao convívio com a torcida. Nada menos do que 127 jogos foram realizados — e a seleção do Brasil Show-bol ainda não perdeu nenhum!

Para acertar um jogo, o adversário paga entre Cr\$ 60 e 100 mil, dependendo da distância e do número de partidas acertadas. Para alguns jogos, as cotas chegaram aos Cr\$ 150 mil, o que ultrapassa em muito o cobrado pela quase totalidade dos clubes brasileiros.

Atualmente, o Santos — que já foi o rei das excursões — vai ao exterior cobrando entre 8 e 12 mil dólares (entre Cr\$ 72 e 108 mil); e joga no Brasil, com muita satisfação, a troca de Cr\$ 50 ou 60 mil. E a diferença fundamental é que nenhum clube consegue jogar mais de 8 ou 9 partidas por mês — existe até uma lei do CND (Conselho Nacional de Desportos) estabelecendo um intervalo de 72 horas entre um jogo e outro — enquanto o Brasil Show-bol pode até jogar 3 vezes num dia.

— "E, vamos falar claramente — diz Ramondini — quem é que vai querer pagar Cr\$ 100 mil para ver esses times que andam por aí, quando pode ver um time formado por Ado (ou Aguinaldo); Carlos Alberto, Ramos Delgado, Djalma Dias e Rildo; Roberto Dias e Jairzinho; Rogério (ou Garrincha); Toninho, Lance e Dorval? Isso sem falar de Djalma Santos, Nilton Santos, Gérson, Jurandir, Paulo Borges, Noronha, Ademar Pantera, Raul Marcel, Negreiros, Battaglia e mais a quantidade de jogadores que eu puder contratar?"

O Brasil Show-bol pode contar com qualquer jogador brasileiro, sem nenhum problema, mesmo que ele tenha contrato assinado com um clube profissional. Simplesmente porque, além de possuir uma autorização assinada pelo próprio brigadeiro Jerônimo Bastos, presidente do CND, o Show-bol está registrado como **espetáculo** e não como **esporte**. Cr\$ 15 mil para começar.

Ramondini realizou recentemente um torneio no Ginásio do Pacaembu, do qual participaram 20 equipes de São Paulo, pertencentes a grandes fábricas e universidades. Cada equipe, para entrar na brincadeira, teve que pagar Cr\$ 15 mil, arrecadados com a venda de mil ingressos a Cr\$ 15 cada um. As equipes, conforme o regulamento, podiam se reforçar com jogadores pertencentes ao Brasil Show-bol, contanto que durante o jogo não houvesse mais de três profissionais ou ex-profissionais em cada time.

Além de arrecadar Cr\$ 300 mil, Ramondini conseguiu que todos os jogadores ganhassem um bom contrato extra.

O Show-bol oferece hoje aos jogadores talvez mais do que órgãos como a FUGAP (Fundação de Garantia ao Atleta Profissional). Enquanto a FUGAP pode, no máximo, oferecer empregos a jogadores e adaptá-los a um novo modo de vida, o Show-bol consegue trazê-

los de volta ao público, (embora posticho) estrelismo. Ouçam Toninho:

— "Minha vida tinha degradingado. Sou obrigado a confessar que não estava nem bem. Bebia, não ligava para a vida, tinha problemas. O que eu mais sentia falta era de bola, do público. Acho que era isso que estava me arrasando".

Jurandir era outro. Depois de ter defendido durante anos o São Paulo Futebol Clube, estava em péssimas condições financeiras, dirigindo um taxi de frota. Ademar Pantera, Ramos Delgado, todos estes homens estão mudados. Voltaram a ser ídolos, de tenis e alguma barraguinha mais folgada que a dos tempos de grande glória.

E ganham dinheiro. Bastante dinheiro, talvez tanto quanto nos tempos de futebol. A folha de pagamentos de Marbi Ramondini prova isso: Gérson vale Cr\$ 5 mil por partida; Jairzinho (antes de assinar contrato com o Cruzeiro) Cr\$ 6 mil; Carlos Alberto (antes de assinar com o Fluminense) Cr\$ 4 mil; Lance (enquanto estiver suspenso) Cr\$ 2,5 mil; Rildo, Ado, Toninho, Roberto Dias, Ramos Delgado, Djalma Santos, Nilton Santos e Garrincha, Cr\$ 1,5 mil; Djalma Dias, Dorval, Aguinaldo, Raul Marcel, Rogério, Jurandir, Paulo Borges, Noronha, Ademar Pantera, e Negreiros, Cr\$ 1 mil. Isso com uma garantia, estabelecida em contrato, de um mínimo fixo de 8 jogos por mês.

Jogadores como Carlos Alberto chegaram a ganhar em novembro, quando o time fez 23 jogos, cerca de Cr\$ 92 mil. Bem mais que os Cr\$ 22 mil que vai ganhar pelo Flumi-

nense, do Rio. Bem mais também que o zagueiro Figueiroa, do Internacional, o salário mais alto do futebol brasileiro, Cr\$ 52 mil.

CR\$ 100 MIL POR ANO

Mas os contratos do Brasil Show-bol ainda encontram várias outras maneiras de ganhar dinheiro, como ficou provado no torneio do último fim de semana. Todos foram "contratados" por times. Rildo chegou a fazer um acordo: ganharia Cr\$ 2,5 mil por partida jogando para o time da Faculdade Santana. Levou Cr\$ 10 mil para casa. Lance, jogador condenado pela Justiça Desportiva, injustamente aliás, conseguiu juntar cerca de Cr\$ 100 mil este ano. Carlos Alberto terminou a casa que estava construindo para os pais e ainda fez uma piscina. E Toninho, além de ganhar com o Show-bol, ainda trabalha como homem de vendas de Marbi Ramondini, conseguindo patrocinadores para o espetáculo.

O Brasil Show-bol é patrocinado na TV pela Monark (a marca está nas costas de todas as camisas). Quando o time excursiona para o interior, o patrocinador passa a ser outro: Haspa. As placas em volta da quadra também são pagas: mais Cr\$ 600 mil.

CR\$ 1 MIL PARA O JUIZ

Ramondini diz que (além desse dinheiro) se orgulha da qualidade do time.

— "Sabe, o adversário geralmente não acredita, acha que todos estão velhos. Há pouco tempo fomos a Mato Grosso jogar 4 partidas, uma delas era contra o Operário, que era dirigido por Silvio Piriolo. Ele deu declarações de que não





ia ter graça. No sábado à noite, num jogo que deu Cr\$ 186 mil de renda, enfiamos 22 a 11 no time deles. O Sílvio Pirilo foi despedido depois do nosso jogo”.

Atualmente, Ramondini tem sob contrato o advogado e o ex-juiz da Federação Paulista de Futebol e da CBD, Olten Ayres de Abreu, que ganha um cachê de Cr\$ 1 mil por jogo. Ele acompanha a delegação do Brasil Show-bol em todas as excursões e participa do espetáculo, advertindo os jogadores de maneira espalhafatosa; deixando passar em branco faltas que o público inteiro viu; e até mesmo atrapalhando de propósito as jogadas do time adversário.

Com todo esse sucesso, Ramondini ainda sonha mais alto:

— “O ideal vai ser quando eu tiver o Pelé! Nós já conversamos e ele disse que joga. Já imaginou? Posso pagar a ele Cr\$ 50 mil por partida, porque vou vender meus jogos a Cr\$ 500 mil em qualquer lugar do mundo!”

Marbi Ramondini é um homem com tino para negócios. Nem alto, nem baixo, a barriga proeminente, o sorriso permanente, uma careca se pronunciando e esperto como poucos na hora de dar solução para algum problema, principalmente para aqueles que possam comprometer-lo.

Beirando os 45 anos, ele se diz um homem violento, capaz de brigar à menor provocação, ou até de enfrentar uma torcida de seis mil pessoas enfurecidas, por causa de uma entrada violenta de Lance e Roberto Dias sobre um jogador do time da cidade.

— Nesse dia, puxei o revólver, dei uns tiros para assustar a moçada e tive uma satisfação muito grande de ver que vários jogadores ficaram ao meu lado, entre eles Juran-dir e Ademar Pantera.

Com larga experiência no show-business e no futebol, Ramondini foi durante muitos anos um dos principais empresários do Brasil, trazendo vários artistas internacionais. Um dia, descobriu o futebol e conseguiu ser, durante dois ou três anos, empresário de Pelé e muitos outros jogadores, entre eles Rivelino, Carlos Alberto, Ado, Luís Carlos e Clodoaldo.

Depois de sumir durante algum tempo, quando esteve resolvendo “alguns probleminhas particulares”, Ramondini voltou a São Paulo e foi procurado, para surpresa sua, por três empresários estrangeiros que queriam implantar o **Indoor Soccer** no Brasil. Os nomes desses três empresários eram: William Floyd, ex-lutador de boxe e atual banqueiro; Patrick Giordanno, dono de uma cadeia de inferninhos no Canadá; e Wall Brunner, representante de uma grande empresa.

— “Levei-os à Rede Globo e ofereci o negócio em sociedade. O primeiro espetáculo que promovemos, trazendo uma seleção da Europa, deu uma renda de dois milhões e quatrocentos. Aí, todo mundo ficou apavorado e principalmente ouriçado. Quando senti que a coisa não estava indo para o meu lado, vim em São Paulo e registrei todo o jogo, o tamanho da quadra, etc., em meu nome, e depois tive uma reunião com os empresários. Com eles acertei os últimos detalhes e fiquei sendo o dono do Show-Bol.”

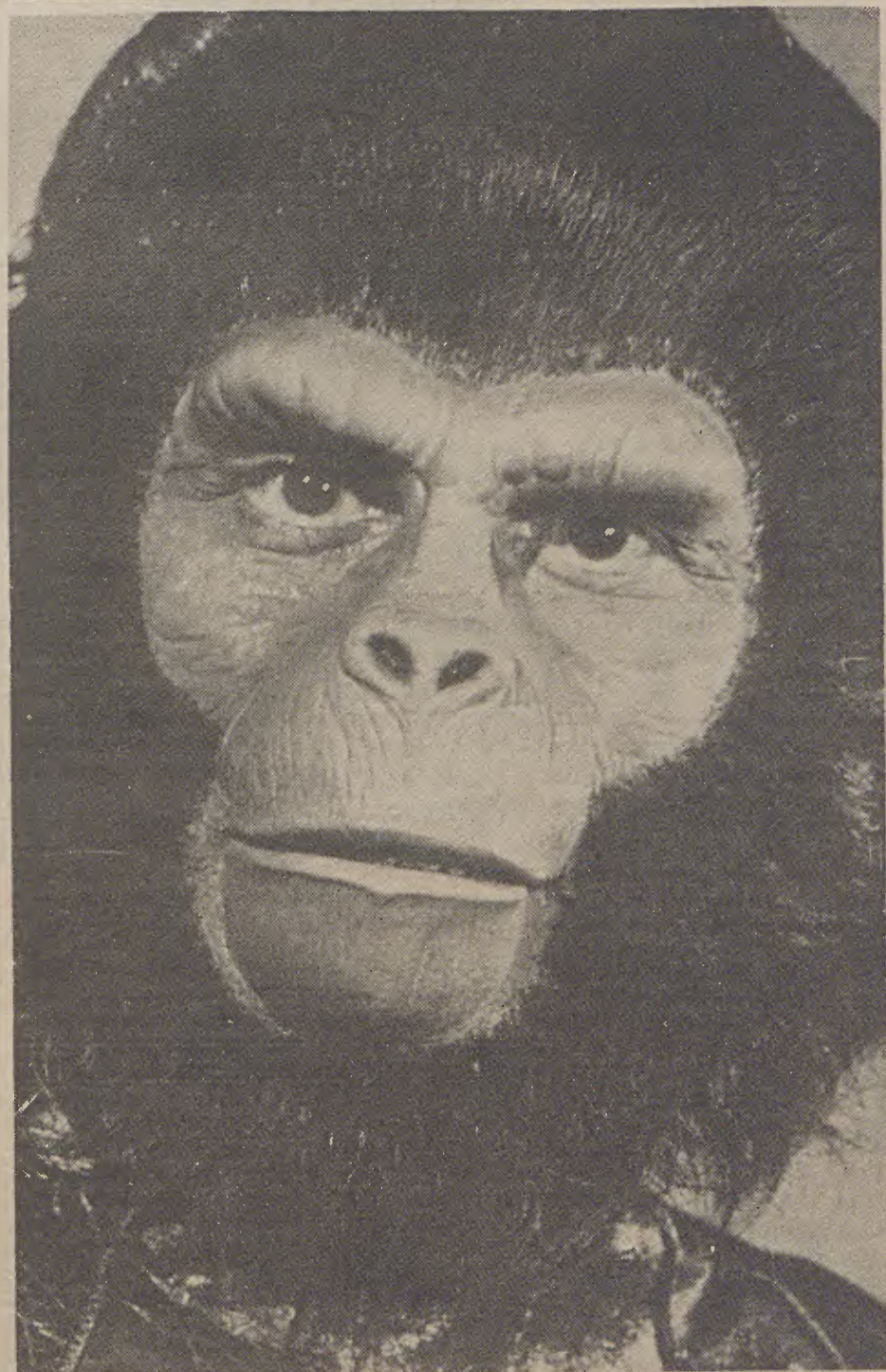
Marbi Ramondini inspirou-se no Indoor Soccer, criado pelo canadense Joe Martin, para lançar o Show-bol no Brasil. E patenteou todas as regras, a quadra e o nome, tornando-se assim o único dono do espetáculo.

Existem dois conjuntos de regras: um para o Show-bol praticado em quadra e outro para o de campo. Para jogar na quadra, as regras fundamentais são as seguintes: 1) a quadra é cercada por pranchas com um metro e meio de altura, que podem ser utilizadas pelos jogadores como tabelas; 2) o campo é dividido por três linhas: a primeira é a do meio de campo e as duas outras determinam a zona de pênalti; 3) O lateral é batido com os pés; 4) dentro da área de pênalti, o defensor que rebater a bola para fora do campo pelas laterais, ou pela linha de fundo, será punido com um pênalti; 5) o goleiro, ao defender uma bola, se a rebater para fora pelas linhas laterais ou para córner, mesmo que por cima de seu travessão, será punido com um pênalti; 6) ao receber uma bola atrasada de fora da área de pênalti, o goleiro não pode segurá-la: tem que sair jogando com os pés ou a cabeça; se agarrar a bola, será punido com um pênalti; 7) o gol tem 5 metros de largura, por 3 de altura; 8) as faltas são punidas como no futebol; não existe barreira em nenhum caso. O máximo permitido é que dois jogadores, além do goleiro, projetejam o gol; 8) a bola é a de tamanho oficial de futebol, recomendando-se em quadras de tapete que ela seja um pouco esvaziada, para evitar que pule demais; 9) o jogador pode ser substituído por outro, sem que para isso seja necessário interromper o jogo; 10) o jogador que cometer uma falta pode ser punido com 1, 2 ou 5 minutos de afastamento do jogo; prazo depois do qual pode retornar à quadra. Enquanto estiver punido o jogador não pode ser substituído; 11) o jogador pode ser expulso definitivamente do jogo; 12) as linhas de fundo são protegidas por redes, que chegam a quatro metros de altura. A bola, batendo nelas e voltando, continuará em jogo, a não ser quando passar por cima do travessão, quando outra rede frouxa deverá impedir sua volta à quadra; 13) a área em que o goleiro pode usar as mãos é delimitada, por 2 metros de largura e 7 de extensão; 14) fora dessa área, se o goleiro tocar na bola com as mãos, será marcado um pênalti.

As regras do show-bol de campo são um pouco mais simples: 1) cada time terá 12 jogadores; 2) não existe impedimento; 3) não existe barreira, qualquer que seja o tipo de falta; 4) o lateral é batido com os pés; e 5) sempre que um jogador tocar a bola para fora, estando dentro da metade de campo defendida por seu time, será marcado um pênalti. Essa regra se aplica ao goleiro que espalmar bola para escanteio ou bater tiro de meta para fora do campo. As demais regras são as mesmas do futebol comum.

A produção mais ousada dos últimos tempos

O PLANETA DOS MACACOS

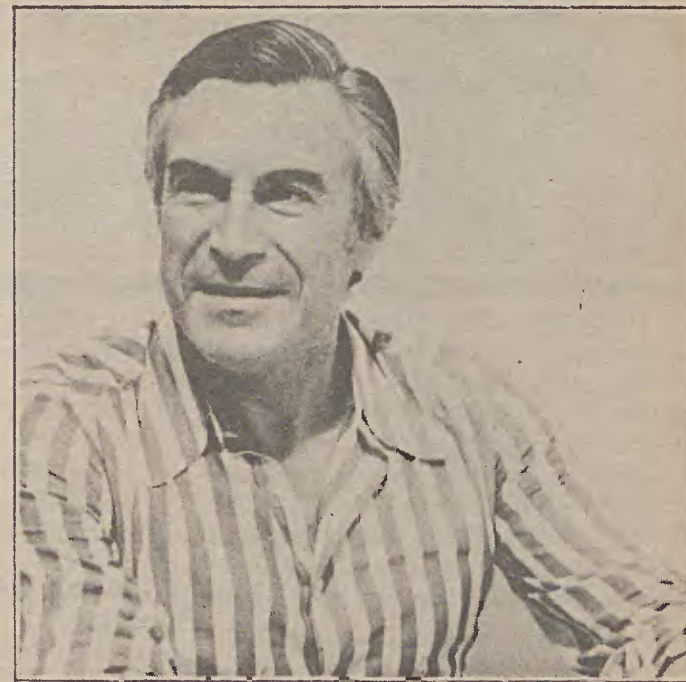


14 aventuras inéditas numa série especial para a TV.

Todas as segundas.
9 da noite. A cores.



SE PARA O PAULISTA ISSO NÃO É POLUIÇÃO



Fotos Geraldo Rodrigues



ENTÃO O QUE É POLUIÇÃO?

— "O brasileiro não acredita em poluição!"

O prefeito de São Vicente, engenheiro Jorge Bienrrebach Senra, chegou a essa conclusão literalmente sozinho. Na manhã de domingo, na Praia do Gonzaguinha, ninguém lhe deu atenção enquanto pessoalmente ele inaugurava uma segunda placa em dois dias — "Local Proibido Para Banho de Mar" —, interditando 60 metros de areia, naquela altura superlotados de banhistas indiferentes.

— "Não adianta, nem sentindo na pele o povo acredita!"

Nem o povo, nem ninguém. Essa foi a segunda vez em dois anos que a Secretaria Especial do Meio Ambiente (SEMA), anunciou pelos jornais e TV as condições "insatisfatórias" de todo o litoral da Ponta da Praia, em Santos, até São Vicente. O máximo que a notícia conseguiu foi despertar o ódio do comércio da Baixada Santista e das autoridades em geral, exceção do engenheiro Bienrrebach. O prefeito de Santos, Antonio Manoel de Carvalho, por exemplo, apenas convocou a imprensa para dar não só um desmentido, mas também para fazer uma insinuação quanto ao anúncio da SEMA:

— "Por que só inventam isso na temporada?"

Algumas horas depois do prefeito de São Vicente tentar, com uma placa maior, visível a uma distância superior a 20 metros, alertar a população contra o perigo das praias o DERSA divulgava um dado que mostrava a total descrença do povo quanto ao problema da poluição: entre 12 horas de sexta-feira e 10 horas de domingo, 100 mil veículos desceram a serra rumo à Baixada Santista. E até domingo à tarde, apenas 40 mil tinham retornando a São Paulo.

— "Torço para que não venha muita gente, diz o prefeito Bienrrebach. Nós não temos infraestrutura para suportar essa população de 300 mil pessoas (S. Vicente tem 150 mil habitantes fixos). Quando liberarem a rodovia dos Imigrantes, em março, a situação aqui será de calamidade pública".

Não só o número de veranistas aumenta dia a dia, mas também o problema da poluição das praias agrava-se a cada temporada. No dia 5 desse mês, aconteceu o rompimento de uma das três tubulações do emissário que joga os esgotos de Santos e São Vicente no Boqueirão da Praia Grande, na Ponta do Forte Itaipu e o vazamento durou 36 horas, sem que a população tomasse conhecimento oficial.

Na Praia Grande, da Ponta de Itaipu ao Boqueirão, o mau cheiro era intenso, mas a população demonstrava total indiferença, "porque esse tipo de problema é comum durante a temporada".

— "O emissário, construído pelo engenheiro Saturnino de Brito em 1914, está mais que superado. Não foi só o problema do excesso de pressão provocado pelo aumento da população, diz o prefeito Bienrrebach. São Vicente é servida por rede de esgotos em apenas 16% de sua área urbana. Há planos para expansão da rede, mas até agora não sabemos quando serão iniciadas as obras".

Entre a população das duas cidades, maior que a poluição das águas, só mesmo a de informação e opiniões quanto ao problema. A maioria dos moradores, em atitude baírrista, preferem tomar a mesma atitude que o prefeito de Santos — "tudo não passa de uma campanha difamatória contra nossa cidade". Dona Homoráide Macedo, de 51 anos, há 20 trabalhando com fotografia

nas praias de Santos e São Vicente, chegou mesmo a descobrir a causa de toda a trama:

— "Esse escândalo todo sobre poluição é coisa dos comerciantes do Interior para roubar os nossos turistas. Campanha mais porca do que essa foi a da encefalite".

Os poucos banhistas que haviam tomado conhecimento do alerta do SEMA, tinham ouvido a notícia no Jornal Nacional da Rede Globo e, ainda assim, procuravam argumentar que "não estamos vendo nada". Só mesmo a presença de jornalistas, principalmente de emissoras de TV — procurando entrevistar e filmar as pessoas —, serviam para alimentar os debates. E o tipo de argumentação mais ouvida era: "Isso tudo é mentira"; "Ué, mas já não consertaram o vazamento?"; "Os homens da Sabesp já jogaram cloro na água".

Nem mesmo entre os salva-vidas a poluição das águas era o principal problema. O calor, que chegou a 36 graus nesse fim-de-semana, causando insolação, e as crianças perdidas, preocupavam muito mais. Apenas um deles, o salva-vidas Vitor, do Posto 5, no Gonzaguinha, garantia alto e bom som a presença de corpos estranhos nas águas de sua praia:

— "Fezes boiando na cara dos turistas, eu vejo muito, principalmente de manhã. As crianças até chamam os pais para ver e ficam todos dando risada".

Uma família santista, almoçando sardinha em lata e salame na mesma Praia do Gonzaguinha, apesar de já ter sofrido os efeitos das águas contaminadas, não mostrava a menor preocupação. Lucio Dias, o portuário chefe da família, exibia uma micose nos pés e ainda comentava o fato de seu primo estar com o mesmo problema. Mas na hora da refeição, afirmava:

— "Essa história de poluição eu não acredito nem descredito".

Apenas o jornal A Tribuna, o mais antigo e tradicional de Santos, parecia preocupado seriamente com a situação. De acordo com uma pesquisa realizada por seus repórteres junto às farmácias, houve uma procura anormal de remédios para dermatoses em geral nessas últimas semanas. A mesma pesquisa indicava ainda alguns casos de hepatite.

Os comerciantes de Santos e São Vicente procuravam minimizar o assunto e preferiam enfatizar o fato de o movimento dessa temporada estar muito superior ao das anteriores. Adauto Alvarenga, gerente do Universo Palace Hotel, na Praia do José Menino, em Santos, não tinha queixas:

— "O hotel está lotado até o carnaval. Há reservas para os 90 apartamentos".

No meio da conversa, porém, Alvarenga acabou por fazer uma denúncia até certo ponto surpreendente:

— "Por que é que as autoridades não se preocupam também com os ratos que invadem a praia atrás dos des-pachos de macumba? Há dias em que não podemos nem sair no jardim, como aconteceu na festa de Iemanjá".

Uma outra forma de indignação foi causada pela notícia da SEMA junto aos moradores da Praia de Itararé, "uma das menos poluídas de São Vicente", segundo o prefeito Bienrrebach. Tradicionalmente habitada por gente de alto poder aquisitivo, ela foi um dos pontos mais procurados pelos turistas. Joaquim Barbosa, de 40 anos, morador em São Paulo no Jardim Ar... a, tinha uma segunda razão para estar insatisfeito:

— "Vou vender meu apartamento. A praia está poluída e as mulheres muito gordas".

Iolanda Amaro, moradora em Santos, não via o problema do ponto de vista estético. Para ela a Praia de Itararé é a que está realmente um pouquinho melhor, mas mesmo assim não há condições de se levar crianças. Seu filho de dois anos contraiu uma virose na praia quando tinha 6 meses, o que lhe atrasou o desenvolvimento da coordenação psico-motora. O garoto, para se recuperar, vai ter que ficar em tratamento até os 15 anos.

O principal ponto crítico do anúncio feito pela SEMA quanto à contaminação das águas, tocado por alguns políticos, como o deputado estadual Del Bosco do Amaral (MDB), foi o aviso ter sido dado já estando em curso a temporada de verão. O deputado defende a comunicação permanente das condições das praias, da mesma forma como são rotineiras as comunicações de marés ou previsões do tempo.

— "E os moradores da Baixada Santista não merecem o mesmo cuidado do SEMA? Merece ser chamada de irresponsável a autoridade que de posse dos índices de comprovação da contaminação das praias, não adverte os banhistas sobre os riscos".

Essa crítica contra o Secretário Especial do Meio Ambiente, Paulo Nogueira Neto, era praticamente endossada por quase todos os políticos municipais. O vereador Carlos Tavares, do MDB de Santos, dizia que as autoridades só estão preocupadas em defender os turistas e perguntava:

— "Ao santista, por acaso, a poluição não faz mal?"

Já para contornar esse tipo de crítica, mais consistente, nesse mesmo fim de semana, o Secretário de Obras,

e do Meio Ambiente do Estado, Francisco Fernando de Barros, chegou a prometer que passará a anunciar as condições das praias semanalmente e também de forma diversa da SEMA: apenas com a indicação dos pontos satisfatórios. Mesmo sem explicar os motivos que o levaram a anunciar essa decisão, ficou claro na atitude do secretário a tentativa de contornar os problemas políticos e econômicos causados pela forma de alerta da Secretaria Especial do Meio Ambiente.

De tudo, uma coisa é certa: a poluição das águas e a interdição de todas as praias de Santos e das do Gonzaguinha, Biquinha e Monumento, em São Vicente, não conseguiram fazer com que a população das duas cidades, e o turistas (estimados em mais de 1,5 milhão nesse fim de semana), esquecessem os outros problemas. Como a falta de água, o congestionamento do trânsito rodoviário e urbano, as filas nos supermercados e a falta de comunicação telefônica. Na Praia Grande e no Guarujá, por exemplo, onde as praias não estão incluídas no alerta da SEMA, a falta de água fez com que centenas de pessoas terminassem antes o seu fim de semana.

Em meio a tantos problemas, a Baixada Santista ainda reservava um toque irônico endereçado aos turistas, num anúncio promocional pregado em quase todos os seus estabelecimentos comerciais:

— Cliente amigo da Capital e Interior! Fugindo da poluição sempre que puder e aspirando esta brisa marinha você prolongará sua vida muitos anos. Seja bem-vindo!

Cynthia de Almeida Prado

O POVO FOTOGRAFA O POVO



Cláudia Andujar

O Museu de Arte Moderna de São Paulo (MASP) vai apresentar, nos primeiros dias de março, uma exposição fotográfica sobre a Grande São Paulo. Um grupo de 150 fotógrafos vai mostrar como suas lentes registraram a relação do homem dentro da paisagem urbana. Cláudia Andujar, responsável pelo departamento de fotografia do MASP, recebeu os trabalhos, selecionou 400 fotografias e orientou a mostra. Neste depoimento à repórter **Silvia Campolim**, ela explica como surgiu e se concretizou a idéia:



um

Arnaldo Pappacardo



Cláudio Edinger

"No primeiro semestre de 75, o Museu pediu uma verba para a Secretaria da Cultura, para fazer uma exposição sobre a cidade de São Paulo. A verba só saiu em outubro, mas como eu estava interessada em fazer um trabalho sobre São Paulo, antes mesmo que saísse a verba, comecei a orientar um grupo de fotógrafos profissionais, num laboratório de fotografia (**workshop**), sobre um trabalho que focalizasse a cidade.

"Neste curso, que durou três meses, cada um dos 20 participantes desenvolveu seu próprio tema de trabalho, tendo a cidade como fundo. Eu achava que mesmo que não saísse a verba, seria muito importante fazer uma exposição do trabalho desses 20 profissionais.

"Quando a verba saiu, entretanto, eu concluí esse curso de laboratório e saí pela cidade, fazendo um apelo geral, através de revistas, jornais, televisão e contatos com gente da Universidade, pedindo a colaboração dos interessados em submeter seus trabalhos à exposição.

"Durante o mês de novembro, eu comecei a receber, uma vez por semana, as pessoas que queriam participar da exposição. Foram muitas as pessoas que chegaram aqui, pedindo minha orientação ou trazendo fotografias para a exposição. Uns traziam cinco fotografias, outros traziam 100. Eu e o Cristiano Mascaro, que é arquiteto e está orientando o Departamento de Fotografia da FAU (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo), começamos o trabalho de seleção dessas fotografias. O critério que nos orientou foi sempre o de escolher algo que emocione e comunique. É como eu entendo que deve ser uma fotografia. Sei que muitas pessoas que vieram receber orientação ou conhecer os nossos critérios de escolha andaram dizendo que não sabiam que fotografia trazer para me agradar.

"Ora, na verdade não existe isso. Minha preocupação era unicamente a de conseguir ver, através de uma fotografia, a personalidade de quem a fez, ou o conteúdo do trabalho que estava sendo apresentado. Não era o problema de a fotografia me agradar ou não, mas sim de ela nos dizer alguma coisa ou não.

"Mas, enquanto trabalhávamos com as fotografias que estavam chegando, muita coisa mudou. Veio nova orientação do professor Bardi, diretor do Museu, de ampliar a exposição com uma pesquisa que ele está orientando, com dados e gráficos sobre a cidade de São Paulo. Foi acrescentada, portanto, mais uma parte paralela à exposição fotográfica.

"A parte fotográfica, que está sendo organizada por mim, não foi orientada em nenhuma direção, previamente. Minha idéia foi mostrar o que as pessoas que fotografam estão pensando sobre a cidade de São Paulo. É o que a exposição vai retratar. E, pelo que eu estou recebendo, já dá para saber que o que vai caracterizar a exposição é o aspecto social da cidade e do povo. Os trabalhos mostram muita coisa de crítica social. A maioria dos participantes são jovens, universitários. E justamente porque nessa faixa de idade, a preocupação com os problemas sociais está muito acentuada, é que tivemos esse resultado.

"Além das fotografias, serão apresentados dois áudio-visuais sobre o mesmo tema, isto porque existem dois tipos de fotografia: aquela que a pessoa precisa de tempo para ver (é a foto exposta, que deve ser sentida e pensada); outro tipo é aquela que deve ser absorvida rapidamente (é a foto que serve à projeção, pois seu efeito só será alcançado na rapidez com que ela for mostrada). Estas últimas foram refotografadas pelo Romul Fialdini, com filme colorido e filtros. Dessa forma, as fotos ficaram coloridas, mas com cores falsas. Minha idéia, nesse áudio-visual, foi mostrar o caos através desse colorido falso e da ausência de sequência na apresentação.

"O outro áudio-visual será do George Love. Ele fotografou São Paulo durante três ou quatro anos, em **slides** coloridos, e foi convidado pelo Museu para fazer o áudio-visual com o material que tem guardado.

"Atualmente, estou fazendo a classificação dos trabalhos escolhidos para dividi-los em grandes temas. Por exemplo, um grupo de fotografias mostra a energia da cidade, suas pulsações, outro mostra o desabafo, a solidão. Esses temas vão surgir do exame das fotografias. Tem determinadas coisas que estão muito evidentes, nas fotografias, e outras que a gente tem que estudar melhor para descobrir a mensagem que traz. Em vez de mostrarmos uma foto do Brás, outra da Imigrantes, ou de Cotia, vamos identificá-las pelo conteúdo que elas deixam transparecer.

"Nesse trabalho todo, acabei descobrindo que existe muito fotógrafo bom em São Paulo, para um mercado inexistente, e acho que se tivéssemos aqui oportunidades de trabalho que empregassem a capacidade desse pessoal, teríamos uma expressão fotográfica como a dos Estados Unidos."

RESUMO

"Ao invés de o presidente Geisel ter aparentemente fechado uma porta (a da distensão), ele na verdade teria aberto outras portas, de onde se poderia vislumbrar os novos horizontes do decantado processo de distensão. E por isso não estariam mais atemorizados os líderes de responsabilidade da ARENA e do MDB identificados com a abertura democrática. Dentro desse raciocínio é que se encararia o mutismo generalizado".



NAS PERGUNTAS, ELEIÇÕES ASSEGURADAS

Abundando o impacto causado nos círculos políticos brasileiros com a cassação dos mandatos de Nelson Fabiano e Marcelo Gato, as áreas políticas permanecem na análise dos acontecimentos que acabaram determinando a primeira aplicação nitidamente política do Ato Institucional nº 5. E o próprio tempo vai se encarregando de colocar a medida extrema em seu devido lugar. O processo cassatório teria sido o desdobramento de uma crise maior, invisível, que teria como objetivo imediato atingir o Palácio dos Bandeirantes, em especial a figura do governador Paulo Egydio Martins, um político comprometido com o processo de distensão iniciado pelo presidente Geisel? Quais os tortuosos caminhos que teria percorrido o relatório do Deops sobre atividades do Partido Comunista publicado pelos jornais, e quase uma semana mais tarde considerado apócrifo pelos círculos governamentais? Quais as razões que determinaram dois tipos de comportamento do governador diante do relatório: o primeiro, de abrir uma sindicância; o segundo, de negar a abertura dessa sindicância, simplesmente indagando: "Se o relatório é falso, por que se abrir uma sindicância?". Por que o presidente nacional do MDB, deputado Ulisses Guimarães, teria concordado em ser "censurado" em Manaus, ?

Segundo uma velha raposa da política brasileira, uma série de indagações acaba por se traduzir numa série de afirmações. Do episódio todo, restou uma certeza: o processo cassatório teria prosseguimento desde que determinadas ações políticas fossem enquadradas no item "contra-Revolução". E isto valeria para qualquer espécie de radicalismo, de esquerda ou de direita.

Ao invés de o Presidente Geisel ter aparentemente fechado uma porta (a da distensão), ele na verdade teria aberto outras portas, de onde se poderia vislumbrar os novos horizontes do decantado processo de distensão.

Dentro desse raciocínio é que se encararia o mutismo generalizado na área governamental e nos setores de Oposição mais responsáveis. Daí porque as declarações feitas pelo chefe da Casa Civil do Governo paulista, Arrobas Martins, dizendo que Nelson e Gato não foram cassados pelo relatório publicado mas pelas declarações que fizeram, ter causado mal-estar generalizado em palácio. "Mais uma bobagem do Arrobas", comentou comigo no dia seguinte uma alta fonte palaciana. E por que Paulo Egydioteria dito que Arrobas representava o pensamento governamental, dois minutos depois de o próprio governador ter se recusado a comentar o assunto? "Ele não teve saída". Ou concordava ou se veria a braços com uma crise palaciana no momento mais inoportuno de seu Governo! Cassações à parte, as eleições de 76 (com Arena e MDB) estão mantidas.



J.C. Bittencourt

O verdadeiro Baldacci, 18 anos depois

"Jânio Quadros e Juscelino Kubitschek são lideranças ultrapassadas..." o País encontra-se neste impasse porque não se fechou o Congresso Nacional no início da Revolução... os políticos de hoje são os mesmos das nossas crises anteriores; se não são eles pessoalmente, estão no cenário através de filhos, sobrinhos ou parentes..."

Por incrível que possa parecer, essas declarações acabam de ser feitas pelo secretário do Interior, deputado federal Rafael Baldacci, durante um programa de televisão ("Debate", TV Tupi), que apresentou a verdadeira face do odiado Baldacci, que, inclusive, já perfilou ao lado de Jânio Quadros e se revelou politicamente na

gestão do brigadeiro Faria Lima na Prefeitura de São Paulo.

Rafael Baldacci parece ter "vomitado" em público toda a "massa política" que foi obrigado a digerir durante os seus 18 anos de vida pública. Figura com trânsito livre no Palácio do Planalto, acentuadas ligações com Golbery, Baldacci voltou a pregar a adoção do voto distrital, a seu ver a única maneira de se derrotar o velho caciquismo político/econômico que vem dominando o País há mais de cinquenta anos.

Com Arena e MDB ou sem Arena e MDB, a tese de Baldacci não muda: "O País só chegará à democracia quando se livrar dos vícios de representação política".



Marcelo Gato



Nelson Fabiano

Alguns deputados do MDB, entre eles o presidente da Assembléia, Leonel Júlio, distribuíram nota oficial desmentindo que tivesse havido "comemorações" após a cassação dos mandatos de Gato e Fabiano. Um desmentido, aliás, pensado durante muitos dias (e noites). Mas da mesma forma como não se pode provar que não houve "comemorações", o fato é que igualmente não se pode provar que houve. Fica aí, a incerteza, mas um dado se pode adiantar: o "brinde de champanha" divulgado pelos jornais realmente não existiu...

"A senador não sou candidato nunca; a governador de São Paulo sou candidato sempre". A frase está sendo atribuída ao ex-governador Laudo Natel, conforme fontes parlamentares. Embora as palavras possam não estar colocadas na ordem correta, o certo é que exprime com a maior fidelidade a posição do ex-governador (duas vezes) de São Paulo, que não teria se cansado dos ares do Morumbi. Invariavelmente, Laudo Natel continua cumprindo à risca a rotina de despachar de segunda a quarta em seu escritório do edifício Copan (colado ao Bradesco) e visitar o Interior de quinta a domingo, vivendo a imagem do "governador caipira". A sua "candidatura" a dono de jornal é desmentida também com veemência. A hora não é de abrir áreas de atrito, garante Laudo.

Tem gente já cuidando dos novos partidos

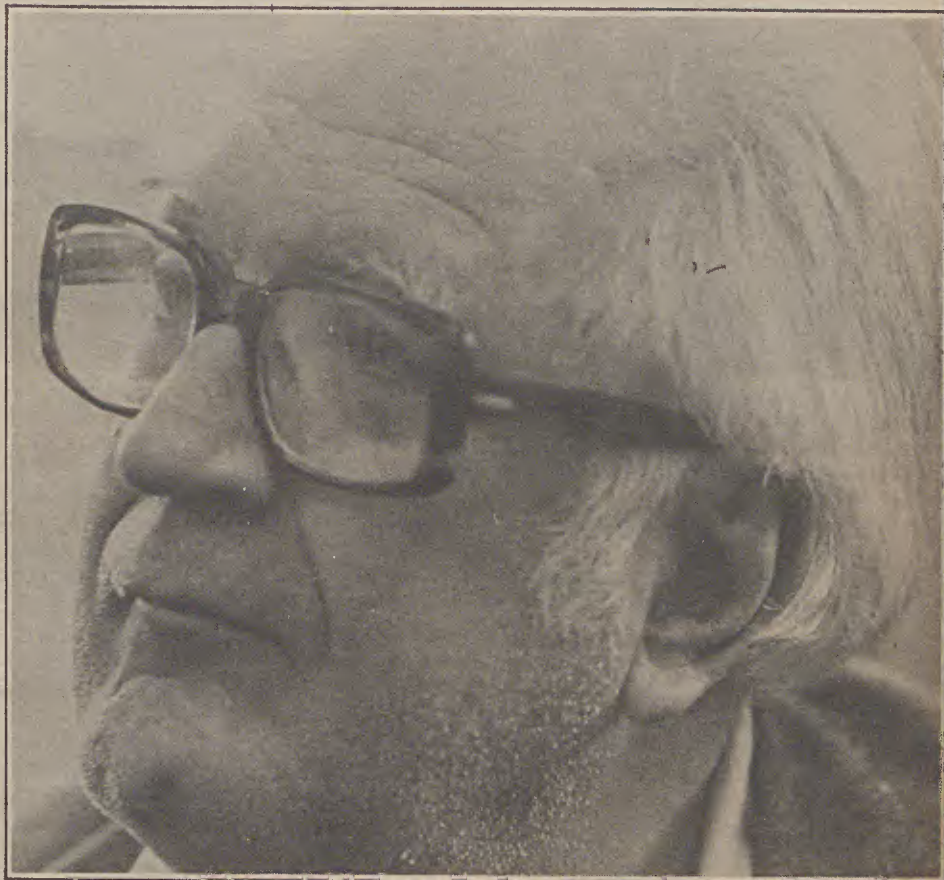
Se a direção nacional do MDB aprovar a sugestão feita ao seu presidente nacional, deputado Ulisses Guimarães, pelo deputado estadual Del Bosco Amaral, que deseja promover uma concentração em Santos, de uma coisa se pode ter absoluta certeza: pelo menos dois vereadores emedebistas lançariam na ocasião a candidatura de Del Bosco para o Senado, coisa que aliás já vem pintando há muito tempo. Em Ribeirão Preto, o "autêntico" João Cunha, a mais recente revelação de "parlamentar-de-tribuna" deste País, não deve ter gostado da idéia, assim como Rui Codo, João Paulo Arruda Filho, Horácio Ortiz e outros.

Mas para muitos políticos do MDB (caso específico de Orestes Quêrcia e Franco Montoro) a legenda não disputará as eleições gerais de 1978, aguardan-

do-se facilidades para a criação de novos partidos políticos. Montoro e Quêrcia podem cansar de desmentir, mas a verdade é que ambos já se estruturaram para liderar cada qual um partido em São Paulo. A Franco Montoro caberia a articulação de um novo estilo de democracia-cristã e a Quêrcia um partido "liberal de centro esquerda". Nesse meio tempo, Jânio ainda acha que não "pendurou as chuteiras", Laudo Natel estaria também se preparando para uma nova estrutura partidária, Abreu Sodré/Arrobas Martins idem, da mesma maneira que o ainda ingênuo (politicamente, é óbvio) Ademar Filho. Nesse contexto, Paulo Egydio pareceria mais inclinado a somar forças (e estilo) com Rafael Baldacci, unidos desde a apresentação do chefe do Gabinete Civil, Golbery do Couto e Silva, em 1973.

DEPOIS DE MAIS UM MOVIMENTADO EPISÓDIO, ELE SAIU DA CADEIA. CUIDADO, VOCÊ QUE TEM IATE, FAZENDAS, AVIÃO A JATO, INDÚSTRIA PESADA, MANSÃO COM PISCINA.

MISTER BIG BEN CAGE,



O MALANDRÃO ESTÁ DE VOLTA

O presidente da Companhia Rio Santo Antônio de Minérios, de Belo Horizonte, estava sossegado em sua sala, quando lhe anunciaram uma visita importante. Era um americano, corretor internacional de minérios, representando uma empresa de seu país. O negócio prometia — dizia o americano que estava interessado em comprar minério, muito minério da Santo Antônio.

Experiente, presidente da Rio Santo Antônio não se contenta com estas primeiras informações. Novos encontros são marcados, não mais em Belo Horizonte, mas agora no Rio de Janeiro, no fabuloso Copacabana Palace, onde ele fica conhecendo outro americano: um dos diretores da firma compradora, que tem sede em Miami, a cidade dos refugiados cubanos e dos concursos de Miss Universo. Já não havia motivos para o presidente da Rio Santo Antônio desconfiar do americano de cabelos brancos, mas mesmo assim ele disse que só fecharia negócio nos Estados Unidos, depois de uma visita à firma. E assim acertaram todos.

Estamos em fins de 1974 e ei-los todos em Miami, o empresário brasileiro, o americano de cabelos brancos e a alta direção da firma interessada em comprar nosso minério...

Negócio fechado, enfim. O contrato é registrado no consulado brasileiro em Miami, assinaturas todas reconhecidas; e, de volta ao Brasil, o cuidadoso presidente da Cia. Rio Santo Antônio ainda registra mais uma vez o contrato, no consulado americano do Rio de Janeiro, onde o cônsul americano reconhece as assinaturas.

Negócio seguro. O empresário brasileiro só desconfia de um pequeno detalhe: pela primeira remessa de minérios a importar do Brasil, os compradores pagaram em "drafts" (cheques pré-datados, muito usados no comércio internacional), com vencimentos para abril de 1975. Mas ele toma mais uma precaução: paga a comissão de corretagem em promissórias, com vencimento posterior aos cheques. Quer dizer, se houvesse dente de coelho com os "drafts", as promissórias não seriam pagas.

Abril de 75. O banco responsável pelo pagamento dos cheques devolve-os à Rio Santo Antônio, em Belo Horizonte, com uma nota inesperada: os signatários não estavam autorizados pela companhia norte-americana a assinar em seu nome. Aí o presidente da Rio Santo Antônio pensou que não pagaria as promissórias.

Enganava-se. O americano de cabelos brancos era Big Ben Jack, Cage, o malandrão. No papel de "corretor internacional de minérios", Big Ben já havia descontado as promissórias numa agência de automóveis de Belo Horizonte. Eram promissórias assinadas pelo presidente da Companhia Rio Santo Antônio de Minérios!

A agência de automóveis nem quis saber dos negócios entre a Companhia e os norte-americanos. Queria o seu dinheiro, ou requeria a falência da Companhia.

Não houve remédio. A Companhia Rio Santo Antônio de Minérios pagou e deu parte à polícia. Tinha sido enganada em mais um golpe do velhinho americano de cabelos brancos.

Big Ben é um dos últimos sobreviventes de um grupo de gangsters e vigaristas que fugiram para o Brasil no pós-guerra. Naqueles tempos, era inclusive comum esta cena em filme americano: o golpista vira-se para o cúmplice — estão com a polícia nos calcanhares:

- "Fomos descobertos, Jack!"
- "Que faremos?"
- "Fujamos para o Brasil!"

A gente achava engraçado, mas a verdade é que até meados da década passada o Brasil era um dos chamados "paraísos fiscais" e ainda oferecia uma vantagem pela Constituição, era proibido extraditar bandidos para países onde houvesse a pena de morte. Então muitos vieram para o Rio de Janeiro; muitos foram para Goiás, Mato Grosso; alguns casaram com brasileiras e tiveram filhos mulatos de olhos azuis; outros voltaram com saudades da pátria, como o pioneiro Eddy Gilbert, que preferiu cumprir as penas que devia em cadeias americanas a viver livre num país estranho.

Big Ben Jack Cage ficou. E hoje é inclusive brasileiro, naturalizado desde 1962. Antes de chegar, 20 anos atrás, já tinha respeitável passado de vigarices multinacionais. Diretor de uma cadeia de lojas nos Estados Unidos, de um banco nas Bahamas, de uma companhia de seguros no Panamá, de uma holding no Luxemburgo Condenados nos Estados Unidos, preso no Brasil, sempre escapou (acaba de passar um mês detido em São Paulo).

horas... lojas que tinha nos Estados Unidos,

ICT Corporation, era pura fachada. Não vendia coisa nenhuma. Seu banco, o Republic Bank & Trust Co. Ltd., nunca recebeu um tostão de depósito. Sua companhia de seguros, a Universal Insurance, não cobria risco nenhum. A matriz da ICT Corporation ficava em Dallas, no Texas, onde mataram John Kennedy em 1963. Terra de milionários do petróleo, um bom lugar para Big Ben agir, pois quem tem muito dinheiro acaba se descuidando. Em 1956, porém, depois de muitos golpes, Big Ben sentiu que as coisas estavam ficando pretas. E fez como no cinema: com a maior cara de pau, passou um cheque sem fundos no valor de mil dólares e veio ao nosso encontro.

Até 1962, Big Ben trabalhou sossegado. Só naquele ano é que o Brasil ia saber que tinha a honra de estar hospedando um dos grandes cérebros da vigarice internacional: o FBI, o Federal Bureau of Investigation em pessoa, pedia a extradição do cidadão Ben Jack Cage às autoridades brasileiras.

Nossa polícia movimentou-se e não demorou a descobrir. O grande Ben Jack era um próspero negociante. Vendia, para investidores norte-americanos, fazendas em Mato Grosso. Fazendas que não existiam, claro! Big Ben apresentava mapas falsos, localizando enormes extensões de terras como se fossem suas — férteis terras numa região maravilhosa, cortada de estradas e perto da cidade de Tocantins, uma das maiores metrópoles brasileiras, maior do que Recife ou Porto Alegre, com mais de 1 milhão de habitantes... Americano lá saber se no Brasil existe uma grande cidade chamada Tocantins?

A polícia esfregou as mãos. Ia botá-las em cima de gente graúda. Mas o grande Ben Jack não vai cair numa ratoeira tão boba. Apresentou certidão de nascimento de um filho brasileiro e invocou a lei que proíbe a extradição de estrangeiros nestas condições. As autoridades planejaram então metê-lo na cadeia por venda de terras inexistentes a estrangeiros. Mas as autoridades, às vezes, também são enganadas. Big Ben não estava vendendo terra a ninguém. Legalmente, o que ele tinha feito era dar a certo Republic Bank & Trust a concessão para vender terras em Mato Grosso. Por sua vez, o presidente do Republic Bank (o próprio Big Ben!) tinha transferido a concessão à Universal Overseas Holding Company — esta sim é que vendia as terras aos norte-americanos.

Diante de um rolo tão grande, ficava mesmo difícil prender o malandrão — já que nenhuma das entidades envolvidas tinha apresentado queixa (nem iam apresentar jamais, pois todas pertenciam ao próprio Big Ben e seus cúmplices). Ele explicou à polícia brasileira, abrindo um sorriso bem humorado:

— “Os senhores acham que algum americano vai gastar dinheiro para vir ao Brasil me denunciar, sabendo que comprou terras que nem existem?”

Já era então 1969 e Big Ben escapava à primeira investida da polícia brasileira.

Certos países são considerados “paraísos fiscais”. Alguns quase não descontam imposto de renda, outros não exigem informações sobre as atividades de nenhuma empresa, nem fornecem estas informações a qualquer autoridade estrangeira. Eis por que Onassis colocou a sede de suas companhias de navegação no Liechtenstein, um país encarapitado nas montanhas; e está explicado por que o bilionário Howard Hughes instalou nas Bahamas seu quartel-general (estava refugiado lá quando foi acusado de contribuir ilegalmente para a campanha de Nixon). Mônaco, Luxemburgo e Panamá também são paraísos fiscais para companhias estrangeiras.

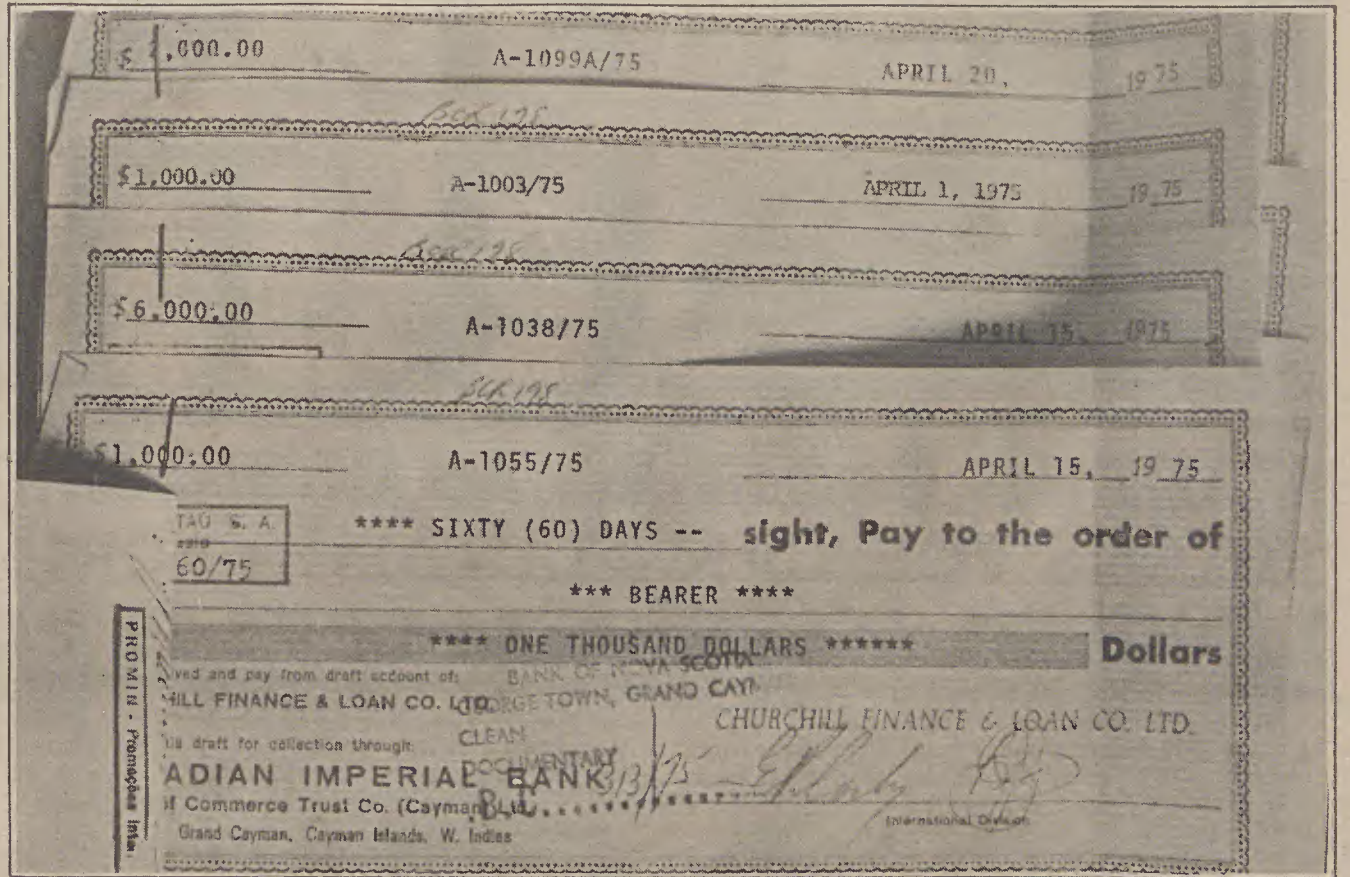
E o Brasil? Também tem algumas coisas “paradisíacas”, como por exemplo a lei de não extraditar estrangeiros com filhos nascidos aqui. Big Ben Jack preferiu o Brasil, para viver. Mas escolheu as Bahamas para matriz de seu império internacional: fundou lá o Republic Bank, com capital autorizado de 25 milhões de dólares (e apenas meia dúzia de tostões integralizados). No Panamá fundou a Universal Overseas Holding e, em Luxemburgo, a Universal Insurance.

Com essa trilha de companhias, uma avalizando a outra, e todas ajudando a dar o mesmo golpe, acontece o que aconteceu com a venda de terras em Mato Grosso: fica difícil achar o fio da meada. Cada companhia é um disfarce de Big Ben Jack. Mas como chegar até ele?

Big Ben inventou alguns golpes, mas não inventou todos. Nos últimos anos, apareceram nos meios financeiros centenas de bancos, seguradoras, financeiras, corretoras, distribuidoras de valores, agências de venda de propriedades. Tudo arapuca, para apanhar trouxas ou espertos indistintamente. Bancos que respondem pelo correio que o cheque de determinada seguradora tem fundos, mas na hora de pagar não pagam; seguradoras que passam apólices falsas... Um desses bancos, com o mais belo papel timbrado do mundo, era apenas uma caixa de correio, num edifício de Londres. O corpo de funcionários resumia-se ao porteiro do edifício, que apanhava a correspondência e a entregava a “um barbudo de óculos”.

Entre 1968 e 1972, foram feitos espantosos negócios de seguros, principalmente nos Estados Unidos. Todo mundo segurava tudo, pagando um prêmio ridículo. Na maior parte dos casos, não ocorria sinistro algum e tudo corria bem para as seguradoras fantasmas. Quando havia sinistro, a seguradora pagava em cheque, um cheque sem fundos, de um banco que não existia.

UM DOS BANCOS DE SUA PROPRIEDADE, COM O MAIS BELO PAPEL TIMBRADO DO MUNDO, NÃO PASSAVA DE UMA SIMPLES CAIXA DE CORREIO, NUM PRÉDIO LONDRINO.



Por essa época, 1972, Big Ben dedicava-se ao negócio da moda: concluir grandes transações e pagar em “drafts”, nossos já conhecidos cheques pré-datados. Eram cheques autênticos de um banco fantasma, o jamais existente Commonwealth Trust Co., com “sede” em Vancouver, no Canadá. Dois sócios de Big Ben tomavam conta do Commonwealth: Cornelis Gerardus Polviet e Albert Duncan Crux. O golpe do ramo canadense da quadrilha era simples. Através do Commonwealth Trust e do Republik Bank, trabalhando com outros estabelecimentos fantasmas na Suíça, Bahamas, Liechtenstein, Mônaco e Luxemburgo, com aval da geladíssima International Investing Corporation, os três sócios conseguiram talões de vários bancos norte-americanos e promoveram farta distribuição de cheques sem fundo pela Europa e América Latina. Depois trataram de passar algum tempo desaparecidos, principalmente Big Ben no Brasil, pois havia também o negócio dos “drafts”, em que ele havia envolvido o presidente da Cia. Rio Santo Antônio de Minérios.

Em 1974 o malandrão havia comprado uma firma brasileira, a Promin Promoções Internacionais; e passara a controlar outra firma, a Visão Importação e Exportação. Depois apareceu outra firma, a Fazenda Barra Grande, no Maranhão (esta, fantasma de verdade). O objetivo era reativar o negócio de terras. Como testa de ferro à frente da Visão, Big Ben botou o português Amável do Nascimento. Ele devia obter de bancos brasileiros e estrangeiros financiamentos para desenvolver projetos agropecuários no Maranhão; falsificar documentos de exportação para receber incentivos fiscais; e, se possível, continuar passando “drafts”.

E os “drafts” foram o ponto fraco. Um dia, o Banco Itáu queixou-se à polícia de que tinha descontado cheques sobre o Canadian Imperial Bank of Commerce & Trust Co., de Grand Cayman, nas ilhas Cayman, e que os cheques não tinham fundos. O delegado Geraldo Rodrigues de Moura, do 4º Distrito, entrou em ação e, pela segunda vez, Big Ben ia parar na polícia. Era o dia 26 de novembro de 1975. Os outros membros da quadrilha eram presos também, a polícia havia estourado o grande escritório que tinham na rua Augusta, um andar inteiro a serviço de altas malandragens.

A prisão durou 3 dias. O advogado de Big Ben impetrou e obteve habeas-corpus e foram todos postos em liberdade: havia os cheques sem fundos, sim, mas emitidos por banco estrangeiro, garantidos por empresas estrangeiras, para pagamento de empresas estrangeiras. Big Ben ia tomar rumo desconhecido, mas havia muito que informar ainda às autoridades, e aqui é difícil confirmar como foi que Big Ben deixou o 4º Distrito no dia 30

de novembro passado e só reapareceu na véspera de Natal, após ficar quase um mês preso, conforme informou seu advogado.

(Por causa disso, o advogado Otto de Oliveira pretende exigir uma correição na delegacia do 4º Distrito, que segundo ele agiu “com má fé e arbitrariedade”).

E Big Ben Jack, o rei dos vigários? Este fim de semana, num apartamento do Conjunto Copan, em frente do internacionalíssimo Hilton Hotel, o grande Ben Jack Cage se mostrava amedrontado pela primeira vez em muitos anos. Está com medo de “ser sequestrado a mando de autoridades americanas”. Os Estados Unidos já demonstraram interesse em sua extradição, mas o artigo 153, Parágrafo 19 de nossa Constituição não permite a extradição de brasileiros “em caso nenhum”. E Big Ben, além de ser pai de brasileiro, é brasileiro naturalizado há 13 anos. Por isso que tem medo de ser sequestrado e levado aos Estados Unidos. A pena de 10 anos de prisão a que foi condenado por um golpe dado contra os acionistas de uma cadeia fantasma de lojas — a ICT Corporation, no Texas — já prescreveu. Mas ele ainda pode ser condenado pela Justiça americana por ter vendido terras inexistentes a norte-americanos.

A outra preocupação de Big Ben é transferir o inquérito sobre as atividades da Promin — Promoções Internacionais e da Visão Importação e Exportação, da 6ª Vara do Fórum Criminal de São Paulo, para a Justiça Federal. Seu advogado argumenta que os golpes foram aplicados com “drafts” de banco estrangeiro e a solução tem “implicações para as relações comerciais do Brasil com outros países”. Melhor dizendo, o golpe não chegou a ser concluído. Seria assim:

Amável do Nascimento, o vigarista português — bastante conhecido da polícia —, conseguiu uma cédula de identidade com o nome de José Francisco Mercúrio. Sujeito que morreu, que não deixou herdeiros mas deixou um terreno no Morumbi avaliado em 10 milhões de cruzeiros.

Sorte demais. José Francisco Mercúrio, ressuscitado na pessoa de Amável do Nascimento, seria admitido como sócio da Promin, integralizando sua parcela no capital da empresa com a escritura do terreno do Morumbi. Hipotecando o terreno, Big Ben levantaria então junto aos bancos paulistas empréstimos de várias dezenas de milhões de cruzeiros.

Uma pena, para o malandrão. Podia ser o golpe definitivo, para o velho americano de cabelos brancos. O advogado Otto de Oliveira diz que quem estava planejando o golpe era o português Amável. O delegado Geraldo Rodrigues de Moura acredita ainda em Ben Jack Cage: — Com Big Ben em liberdade eu acredito em tudo.



Nabi Abi Chedid

A ARENA VENCE, NO FUTEBOL

A ARENA GANHARÁ AS ELEIÇÕES QUANDO O CORÍNTHIANOS FOR CAMPEÃO? POR ACREDITAR NISSO, SEU LÍDER NA ASSEMBLÉIA DEVE IR PARA A FEDERAÇÃO

Como mostram os exemplos de Wadi Helu, Athiê Jorge Cúri, Mendonça Falcão, Laudo Natel, Oswaldo Teixeira Duarte e muitos outros, nos últimos 20 anos os cargos diretivos do futebol brasileiro têm sido trampolim para carreiras políticas. Também foi assim que o presidente do pequeno Clube Atlético Bragantino, Nabi Chedid, saiu das arquibancadas dos estádios para as tribunas da Assembleia Legislativa. Mas agora chegou a vez da retribuição: no próximo dia 26, quando seguramente será eleito presidente da Federação Paulista de Futebol, Nabi estará assumindo a missão oficial de popularizar a Arena, seu partido, no ano de importantes eleições municipais. Para isso fez de tudo, desde pressões políticas a promessas de favores passando pelo que nem Pelé garantiria: a certeza de que, com ele, o Corinthians pode ser campeão.

O plano começou há bom tempo, mas passou a ser colocado em prática em setembro passado, com a fineza das grandes tramas de bastidores. O palco era a festa em que Giovanni Anarello, sócio do restaurante Giovanni — Bruno, comemorava 25 anos de Brasil. Inicialmente um radialista ligado a Nabi percorreu todas as rodinhas de jornalistas, sussurrando o boato: o líder do governo, apoiado pelo governador Paulo Egydio, seria candidato à presidência da FPF. Quando chegaram à festa o governador e seu secretariado, o próprio Nabi tratou da segunda parte do plano. Reuniu os jornalistas, pedindo que fossem confirmar os "boatos" com o governador, de quem sabe-se que é amigo íntimo. Em tom divertido, Paulo Egydio respondia:

— É verdade. O Nabi vai ser o presidente da Federação. Quer dizer, se ele se candidatasse teria o meu apoio. É meu amigo, meu líder, uma pessoa em quem confio cegamente.

Alcançada a repercussão desejada Nabi, esperou a revelação dos outros possíveis candidatos. Só um se declarou abertamente: Paulo Machado de Carvalho. Numa coletiva, se disse candidato oficial, "com o apoio do presidente José Ermírio de Moraes Filho" e com a chapa completada por João Mendonça Falcão. Foi a maior humilhação da longa carreira esportiva de Paulo Machado. Além de nenhum clube ter apoiado sua candidatura, José Ermírio e Falcão negaram qualquer envolvimento — Falcão: "não estou aqui para ser vice de ninguém, muito menos de Paulo Machado, que não vai ser eleito"; José Ermírio: "o Paulo está vivendo fora da realidade. Nunca lhe prometi apoio. A época é dos mais moços, e o meu amigo Paulo não percebe isso."

Enquanto Paulo Machado dizia-se traído, José Ermírio tratava de encontrar um nome para apoiar. Como ele havia prometido aos dirigentes do São Paulo que indicaria para seu sucessor alguém ligado ao clube, tentou primeiro convencer Laudo Natel, que não aceitou; depois sondou Henri Aida, que fez o mesmo. Sem Laudo e Henri, o nome que mais se ouvia pelos corredores da Federação era o de Mário Amato, fazendeiro e industrial, conselheiro do São Paulo e já anteriormente definido por João Havelange como o homem talhado para a sucessão de

José Ermírio. Mas como as eleições ainda demorariam alguns meses, o assunto pareceu esfriar. Mas na surdina Nabi continuava trabalhando seriamente. Só que, por questão de boa política, tinha deixado seu nome desaparecer por algum tempo do noticiário.

Nabi dividia suas atividades em dois planos: no primeiro, procurava convencer o governador Paulo Egydio da seriedade da brincadeira iniciada naquela noite de setembro, insistindo na viabilidade de se chegar às massas através do futebol; em outro, usava os serviços da Coordenadoria Geral dos Esportes (órgão estadual que substituiu o DEFE) para trabalhar os presidentes dos clubes do Interior em torno de sua candidatura, num esforço político-esportivo que fez serem percorridas mais de 450 cidades.

O grupo dos 13

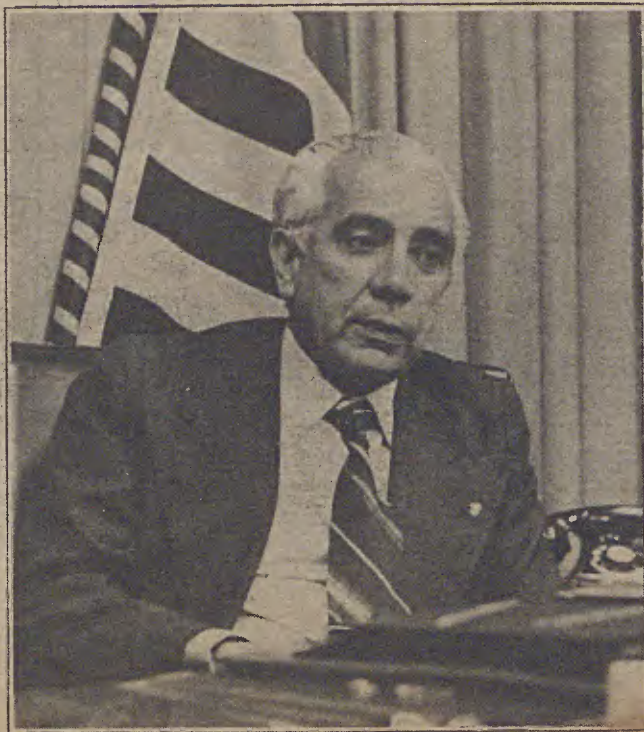
Mas as notícias vindas do Interior eram uma ameaça a qualquer pretendente à presidência da Federação: os 13 clubes pequenos que disputam a Divisão Especial estavam se organizando para dominar a política do futebol paulista. Finalmente conscientes de que podem ser o poder (têm 13 votos de um total de 22, e a eleição é por maioria simples, seus dirigentes fizeram várias reuniões para estabelecer 25 princípios que teriam de ser cumpridos pelo candidato que quisesse receber seu apoio. Alguns desses princípios: a participação de membros do Interior em pelo menos metade do departamento de árbitros e do departamento técnico, além do cargo de presidente ou vice-presidente da Federação; a

distribuição proporcional dos lucros da entidade no final do ano; o impedimento da contratação de funcionários com vencimentos superiores a 50 salários mínimos sem a aprovação da Assembleia Geral, etc.

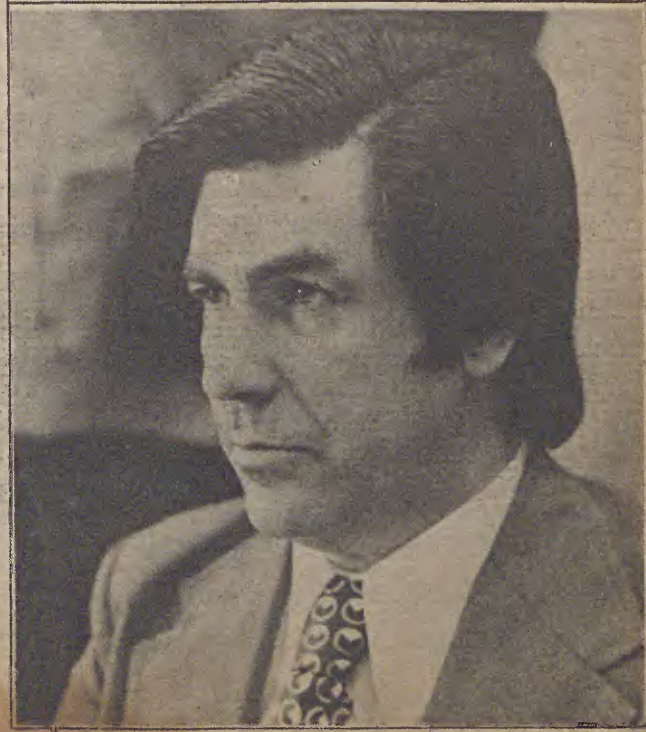
O trabalho agora era conseguir o apoio do grupo. José Ermírio tentou uma composição com os dirigentes rebeldes, falou com seus presidentes, mandou emissários, ofereceu cargos e regalias, mas fracassou: Mário Amato não era um nome bem visto. Mendonça Falcão foi lembrado pelos próprios dirigentes do Interior, mas logo eles se convenceram de que o ex-presidente estava desgastado e não teria a força suficiente para encabeçar um movimento de "independência política no futebol". Mais tarde José Ermírio e Falcão se aliam em torno do nome de Nabi Abi Chedid, mas de repente houve um imprevisto: o Grupo 13 estava apoiando José Ferreira Pinto, presidente do Juventus.

Conhecido em tempos mais humildes como Zé da Farmácia, José Ferreira Pinto foi nomeado por Nabi Abi Chedid para o cargo de Coordenador Geral dos Esportes, exatamente para ser um dos homens-chaves em sua campanha à Federação. Trabalhou muito, contou com a eficiente colaboração do ex juiz José Astolfi, funcionário da Coordenadoria, conseguiu os votos da primeira e da segunda divisão e acabou se integrando definitivamente ao grupo dos 13. Ferreira Pinto só se esqueceu de que estava no cargo para preparar a candidatura de Nabi Abi Chedid e não outra, muito menos a sua.

Quando soube que Ferreira era candidato, ao contrá-



José Ermírio



Armando Simões



José Ferreira Pinto

rio do que estava combinado, Nabi Chedid não quis acreditar. Chamou o coordenador geral dos esportes, que lhe disse que alguns clubes do Interior não aceitavam seu nome e por isso havia interrompido por algum tempo a campanha, "para não queimar todas as possibilidades". Nabi resolveu investigar e, ao mesmo tempo, tratar de dividir o grupo caso não estivesse mesmo sendo apoiado. Para isso conseguiu a colaboração do Coríntians, há muitos anos rebelde dentro da Federação e, por isso mesmo, em alguns pontos identificado com o movimento do Interior. Anis Aidar, do Coríntians conseguiu se infiltrar no grupo e Nabi soube o que queria: realmente Ferreira Pinto não estava trabalhando e nem mesmo prestigiando sua candidatura.

Dia 17, sábado que vem, o Grupo dos 13 se reúne pela última vez, para definir o seu candidato. O mais provável é que se oficialize a divisão: o presidente Ripoli, do XV de Piracicaba, que praticamente organizou o movimento já se declarou favorável a Nabi Chedid, depois da longa conversa mantida com ele na semana passada, no Palácio 9 de Julho, de onde saiu prometendo seu apoio e o de boa parte dos clubes do Interior. Agora tudo parece caminhar bem para Nabi, que vai vencendo a oposição. Segunda-feira, José Ermírio de Moraes declarou na CBD que o líder do governo é o seu candidato, garantindo os votos dos clubes que normalmente seguem a situação.

Como bom vencedor das batalhas políticas, Nabi, já preparou recompensas e castigos: o infiel Ferreira Pinto foi retirado do cargo de Coordenador — conta-se que o governador mandou bater dois atos: um simplesmente exonerando-o do cargo e outro fazendo com que fosse exonerado, deixando que Nabi decidisse qual deles mandar para o Diário Oficial. Nabi escolheu o segundo. Quanto ao Coríntians, dois prêmios. A promessa de que terá todo o apoio em sua campanha para ser campeão, e uma recompensa pessoal a Anis Aidar, o dirigente que conseguiu se infiltrar no grupo dos 13 — ele deve ser nomeado para a Coordenadoria Geral dos Esportes, no lugar de Ferreira Pinto.

Jesse Câmara



O presidente eleito à Federação Paulista de Futebol precisará da maioria simples desses 22 votos, no próximo dia 26: um de cada integrante da divisão especial (São Paulo, Corinthians, Palmeiras, Santos, Portuguesa de Desportos, Guarani, Juventus, Portuguesa Santista, Paulista de Jundiaí, São Bento de Sorocaba, Ponte Preta, Ferroviária de Araraquara, Comercial e Botafogo de Ribeirão Preto, América de Rio Preto, Noroeste de Bauru, Marília e XV de Piracicaba, e mais os quatro votos classistas, um da primeira divisão, um da segunda divisão dos profissionais, um dos amadores e um dos times das classes trabalhadoras (indústria, comércio etc.). Além dos quatro votos classistas, garantidos por José Ermírio; Nabi Abi Chedid recebeu de Itab Ripoli, o presidente do XV de Piracicaba, a promessa de que a maioria do grupo dos 13 votará nele. E, segundo os cabos eleitorais de Nabi, muitos dos indecisos deverão mudar de opinião até o dia 27, seguindo este raciocínio: São Bento de Sorocaba — seu presidente, Alfredo Metidieri, ainda não se definiu, mas é muito ligado a José Ermírio (tem uma tecelagem ligada ao grupo Votorantim, que pertence ao presidente da Federação). Noroeste — Inocencio Medina, presidente do clube é funcionário do DERSA, empresa do governo, o que deve levá-lo a uma composição com Nabi. Marília — o presidente Pedro Pavão precisa de alguns favores pessoais (está respondendo a um processo por permitir jogo proibido no clube), além de estar com o clube em precário estado financeiro. Botafogo e Comercial — os dois clubes de Ribeirão Preto precisam de ajuda — já prometida por Nabi — para concluir as obras que iniciaram. Paulista de Jundiaí — O presidente Wanderley Pires era um dos que mais combatiam Nabi, mas o prefeito, que é da Arena, já garantiu que o voto do clube não será problema. Enquanto Santos, Palmeiras, Corinthians e Portuguesa garantem seu apoio a Nabi, o certo é que o deputado seguramente não terá dois votos: o do Juventus, que é dirigido por José Ferreira Pinto, e o do São Paulo, que tradicionalmente vota em branco.

O CARGO QUE UM DIA FOI DE FALCÃO

Até 1953, a presidência da Federação Paulista de Futebol era um cargo que limitava seu prestígio aos meios esportivos. Obedecendo a uma escolha pacífica, os clubes grandes concordavam num revezamento que distribuía o poder longe dos times pequenos. Assim, depois do Palmeiras (Mário Frugiueli) e do São Paulo (Roberto Gomes Pedrosa), em 1954 chegou o ano de o Coríntians eleger o presidente. Alfredo Inácio Trindade, o escolhido, precisava antes acabar seu mandato no clube, por isso procurou um bobo que ficasse apenas alguns meses na presidência da FPF, guardando o seu lugar. Encontrou um ex-cobrador de bonde da Light, metido em sindicatos, que usava um português precário para explicar suas idéias confusas: João Mendonça Falcão, o bobo mais esperto que passou pela Federação, ficou na Federação 14 anos e só deixou o cargo a força.

Quando foi convidado para a presidência, numa reunião no antigo restaurante Guanabara, na rua Boa Vista, Falcão logo descobriu as vantagens que pode trazer um cargo oficialmente sem remuneração. Por isso, assumiu a presidência, juntou seus amigos e alguns meses depois, quando Trindade foi pedir que saísse, sua permanência já estava garantida. Foi o maior traficante de influência que já apareceu no futebol: usava juízes e enviados para determinar resultados dos jogos, dizendo antecipadamente qual time (principalmente na primeira, segunda e terceira divisões) deveria ganhar; as equipes subiam de categoria independentemente de seus méritos ou do tamanho das cidades, mas de acordo com o número de

votos que lhe fosse garantido nas eleições; com isso, reeleger-se deputado estadual até 1968, quando foi casado.

José Ermírio de Moraes Filho, seu vice-presidente e depois seu substituto, é um tipo diferente. Sempre usou a Federação como um hobby. Cercou-se de amigos e de funcionários de suas empresas, pessoas que nunca ousaram lhe dizer um não e que, por isso, deixaram que errasse muitas vezes.

Com ele, a Federação deixou de ser um cargo politicamente importante para se transformar num ponto de reunião de industriais, amigos, gente muito importante que indo lá não tinha hora para chegar em casa. José Ermírio divertiu-se bastante brincando de mecenas na FPF com seu dinheiro, fez doações como a torre de iluminação do estádio da Ponte Preta, todo o departamento médico do Coríntians (que custou quase um milhão de cruzeiros), deu banquetes, inaugurou museus. Recentemente, sem qualquer aviso prévio, chamou dirigentes do São Paulo e da Portuguesa para dar-lhes um prêmio extra de 200 e 100 mil cruzeiros por terem sido, respectivamente, campeão e vice do ano passado.

Mas apesar do extenso programa social que desenvolveu na FPF, além da permanente reforma de seu gabinete de paredes acolchoadas, José Ermírio entrega a entidade com um superavit de dois milhões de cruzeiros em 1975, ano em que quase todas as federações de futebol do país viveram em difícil situação econômica.

Promovidas a cada três anos, as eleições na FPF jamais despertaram tanto interesse como agora. Dono de um grupo de empresas de ônibus da região de Bragança Paulista, líder do governo na Assembléia, o provável futuro presidente da Federação Nabi Abi Chedid, tenta completar o retorno do ciclo futebol-política. Nesse ponto, ele promete superar Falcão, seu companheiro de "turma pesada" na Assembléia, com uma diferença: a julgar pelas declarações de seus vários cabos eleitorais — vários secretários de Estado e do Município —, os objetivos são menos egoístas. Na FPF, todos garantem, ele trabalhará por um partido inteiro, a Arena.

Para tentar assegurar a vitória do partido do governo nas próximas eleições municipais de novembro, o secretário do Turismo Armando Simões Neto chegou a garantir que Nabi fará o Coríntians campeão.

Uma outra declaração, esta atribuída a Nabi quando falava a um grupo de amigos em seu gabinete na Assembléia, mostra que ele realmente não está muito interessado em salvar as aparências:

— Até mesmo um jornal que vive criticando nossa candidatura, fazendo o jogo do contra, está colaborando sem saber. Quando eles tocaram nessa história de dar um título ao Coríntians, achando ruim, estavam me ajudando. Afinal, que mal pode haver em dar um título ao Coríntians? Quem não sentiu ainda o desejo de vê-lo campeão? Só não sei como conseguir isso.

Talvez Nabi ainda não saiba como, mas é certo que tendo Falcão ao seu lado essas dificuldades serão facilmente superadas.



Mendonça Falcão

TEATRO "Analisando as duas novelas, chega-se a conclusão de que Pecado Capital conseguiu se expressar através de uma linguagem mais próxima à exigida pela televisão: os cortes são incisivos, as câmeras muito ágeis, as cenas descontraídas, os diálogos são econômicos".



Débora Duarte



Milton Gonçalves

DE ONDE VEM A DIFERENÇA ENTRE AS NOVELAS E SEUS IBOPES

As novelas aí estão, disputando os melhores lugares do Ibope, e as emissoras continuam fazendo pesquisas para determinar o que faz mais sucesso, qual o fator que está levando uma a ser mais aceita que a outra.

Vemos que certos temas que teriam tudo para agradar, com o filão "pescado" diretamente do caldo de cultura popular, com abordagem também eminentemente popular, registram Ibopes baixos, enquanto outros, aparentemente sofisticados, estouram os índices de audiência.

Mistério? Acho que apesar de se conhecer muito sobre o fenômeno televisão, ainda não se consegue determinar com exatidão certos efeitos, como por exemplo: quanto a televisão já influenciou o comportamento de determinada comunidade ou quanto ela absorveu de exigências dessa mesma comunidade?

Assim ou assado, a televisão vai abrindo seus caminhos, e o Brasil se defronta com problemas muito complexos, como o desnivelamento das camadas sócio-econômicas ou os reflexos desse fenômeno social. De qualquer forma, a televisão é um dos principais veículos de idéias.

Aqui ainda se discutem as coisas ao nível de uma televisão rica ou pobre, mais poderosa como penetração ou não. Mas na verdade, se analisarmos só um aspecto como o da novela, vemos que isso não funciona e resta o fato da aceitação do público como determinante do julgamento.

A Viagem possui todos os ingre-

dientes, em sua trama, para o sucesso popular, e ainda vem envolvida por um "clima parapsicológico", o que sem dúvida atrai uma faixa grande (para não dizer enorme) de gente que está direta ou indiretamente ligada a ele. Tem Eva Wilma, atriz experiente e conhecida, bonita e num papel que atrairia milhões de espectadores que se identificariam com ela ou com as situações que vive. E tem ainda Claudio Correa e Castro, ator que vem de uma longa viagem pelo teatro, com tarimba excepcional. Com tudo isso, a novela indica um Ibope bem menor que o do Pecado Capital que, em última análise, tem ingredientes equivalentes, e ganha longe no Ibope. Por que?

O texto é o elemento básico da novela? Evidentemente, não. O que se sabe é que existe de fato uma linguagem televisiva, que não é nem cinema, nem teatro, e muito menos teatro filmado.

Analisando as duas novelas, chega-se à conclusão de que Pecado Capital conseguiu se expressar através de uma linguagem mais próxima à exigida pela televisão: os cortes são incisivos, as câmeras muito ágeis, as cenas descontraídas, os diálogos são econômicos e sintetizam a linguagem coloquial da maior camada da população, as situações não se adensam demais em dramaticidades teatrais e os personagens são esboçados através do texto, num contexto estritamente de linguagem-televisão. A cenografia esboça os ambientes sem acentuar as "verdades" ambientais, e de repente um corte nos leva ao ar

livre, às ruas e bairros da cidade.

A Viagem já sofre um tratamento lento, as cenas são enfocadas em "takes" longos demais, o diálogo é "verdadeiro" demais, o que significa arrastar ou adensar em excesso. Os personagens são muito marcados, como no teatro, exceção feita a alguns atores que talvez intuem o que é necessário. A cenografia reproduz com exacerbado rigor os ambientes em cada detalhe, distorcendo aquilo que se pretendeu mostrar. E quando se focalizam os exteriores, não se tem a sensação do ar livre. A gente continua enclausurada num retângulo limitado.

Vai-se percebendo que muita coisa pode ser feita em televisão e que não é obrigatório aceitar textos que simplesmente retratam a realidade tropical, ou ao contrário, tentem criar uma linguagem conforme ao gosto do público. E Gabriela mostrou que um texto literário pode perfeitamente achar sua expressão na televisão, desde que se encontre a linguagem áudio-visual adequada. Aí entraria a possibilidade de a televisão, mais e mais, como um todo, contribuir para o que chamamos de cultura. Não a cultura livresca, intelectualóide, mas aquela que dá ao homem de todas as camadas o conhecimento do mundo em que vive.

O Grito mostrou que um texto de um excelente dramaturgo pode não encontrar essa coisa que especifica a linguagem televisiva, e aí está a queda de Ibope, refletindo uma inadequação em termos de linguagem-televisão.

QUANDO CHEGA O VERÃO, QUEM MAIS INTERESSA DESAPARECE DE CENA

Estamos entrando numa das fases escaldantes da vida dos espetáculos: o verão. Enquanto o público que vai ao teatro se manda pra climas mais amenos, o pessoal do teatro se vê ameaçado, dentro de um palco que mais parece uma sauna. Então o Serviço Nacional do Teatro faz uma campanha popular, vendendo ingressos em Kombis, a 10 cruzeiros, e financiando cada espetáculo com uma verba de 40 mil cruzeiros, que dá para sustentar a peça em cartaz. Dezembro é o mês em que um novo público entra nas casas de espetáculo: os que gostariam de ter ido antes mas que não podem pagar os 50 cruzeiros de ingresso, e corre um sangue

novo pelos corredores de espera, e nas salas os aplausos são diferentes, sem reservas, sem preconceitos. E vem janeiro, quando os estudantes vão acampar nos fins de semana, e o resto do pessoal (que soma os 100 mil espectadores que sustentam a vida do teatro) vão embora infalivelmente, e então há uma queda de 20% do público.

O terrível
mês
de fevereiro

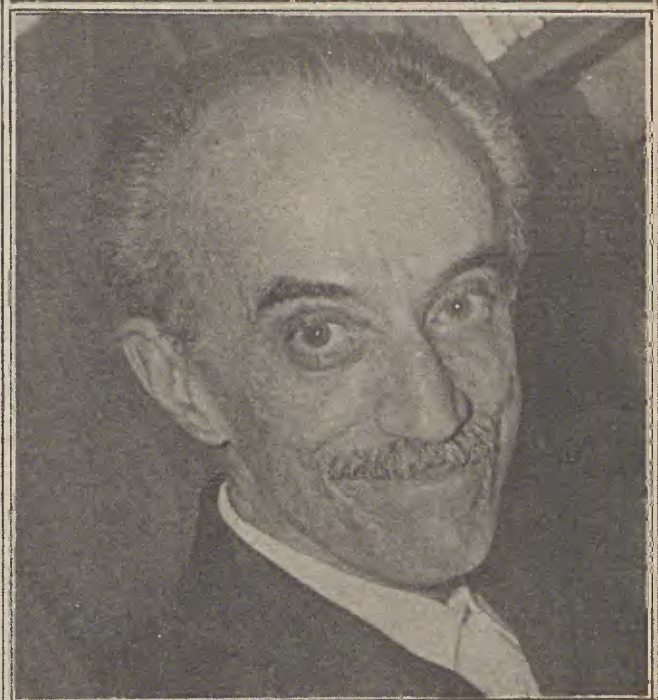


Hella Poli

Então, chega fevereiro e a situação é dramática: 50% do público some. Aí todo o pessoal com poder aquisitivo mais alto tira suas férias de 20 dias úteis, mais sábados e feriados, e o público diminui 50%.

E ainda existe muita gente que mete o pau nos espetáculos, nos atores e mais...

LIVROS "Um investimento sem paralelo em nossa história, calculado em doze milhões de dólares (108 milhões de cruzeiros)"



UMA OBRA FEITA A 1.200 MÃOS

O acontecimento editorial mais importante no Brasil, em 1975, foi sem nenhuma dúvida o lançamento da Enciclopédia Mirador Internacional. Mais importante, entre outros títulos, pela soma de trabalho intelectual que representou: 1.200 especialistas de todos os ramos nela colaboraram, sob a direção do editor-geral Antônio Houaiss. A obra, em vinte volumes (o primeiro dos quais constitui o índice), com cerca de 12.000 páginas e 15.000 ilustrações, a grande maioria a cores, resultou de um investimento sem paralelo em nossa história editorial, calculado em doze milhões de dólares (cerca de 108 milhões de cruzeiros). Fruto de cinco anos de trabalho intenso, desde o planejamento até a publicação da obra completa, a Mirador representa uma visão global do saber humano e do nosso acervo cultural, técnico e científico nacional, de um ângulo exclusivamente brasileiro, sem nada traduzido. A empresa editora responsável por esse feito foi a Enciclopédia Britânica do Brasil. Achaamos que seria interessante para o leitor dar algumas amostras do conteúdo da Mirador, embora numa sequência caótica, como quem a abrisse ao acaso, apanhando um ou outro volume na estante. Amostras que representam sobretudo curiosidades, e se referem principalmente a temas de interesse geral.

O COMEÇO DO BOXE. A enciclopédia conta-nos a pitoresca introdução do boxe no país, a partir de S. Paulo: "O boxe foi introduzido no Brasil pela companhia de ópera de Tita Ruffo, em 1913. O maquinista da equipe era um francês franzino, ex-campeão europeu. Sabendo disso, alguns jovens paulistas, entre eles os irmãos Ribeiro do Vale, pensaram em promover uma luta. O local escolhido foi o antigo pavilhão Floresta de São Paulo (capital) e o desafiante brasileiro ficou sendo Luís Araripe Sucupira, dez vezes mais forte que o francês, mas que jamais havia calçado uma luva de boxe. Até o quinto round, o campeão só se esquivava dos ataques desordenados de Sucupira. Finalmente, golpeou-lhe o nariz. Sangrando, Sucupira retirou as luvas e avançou com raiva para o adversário, distribuindo rasteiras e bofetões. E a primeira luta no Brasil terminou com abraços e desculpas gerais."

O INTRODUTOR DO GELO. Aureliano Coutinho, o visconde de Sepetiba, foi o grande inovador. A enciclopédia, além de falar de seu papel político, conta esta curiosidade:

"Promovia em sua casa saraus famosos, nos quais a presença de senhoras amenizava a aspereza das rixas políticas e onde pela primeira vez na corte se serviram sorvetes; foi, também, quem introduziu o uso do gelo no país."

Como o box
veio
parar aqui



Moacir Werneck de Castro

No setor primário.

O Badesp, em benefício do setor, apoia a atividade rural e agropecuária, através de assistência técnico-financeira aos empreendimentos que visem reformas, ampliação de instalações, unidades produtoras, unidades de beneficiamento, aquisição de máquinas e equipamentos ligados ao setor, construção de galpões, armazéns, depósitos, instalação ou expansão de infraestrutura para exploração de pequenos animais, formação de lavouras permanentes, implementos, equipamentos de mineração e moagem, aquisição de reprodutores e matrizes, laboratórios para coleta, congelamento e estocagem de sêmen, formação, reforma e recuperação de pastagens, silos, tanques, cercas, estradas, açudes, currais, aquisição de sementes, mudas, fertilizantes, combate a pragas e doenças, infraestrutura destinada ao setor de serviços rurais, execução de obras, serviços e fornecimentos de materiais relacionados com a implantação, reforma e ampliação de linhas de energia elétrica e telefonia rural, despesas com a formação de pessoal técnico e com ensaio de produção, e capital de giro. O Departamento de Operações Rurais do Badesp, mediante a capitalização do setor rural favorece a participação da agricultura no desenvolvimento harmônico do Estado de São Paulo, eliminando os desequilíbrios regionais e intersetoriais, intensificando ou introduzindo modificações em determinadas áreas agrícolas, promovendo o aperfeiçoamento da tecnologia aplicada à produção, ao beneficiamento etc.

O Badesp, em benefi-

No setor secundário.

O Badesp concede crédito às indústrias de transformação e construção civil, financiando ou refinanciando o capital de giro necessário à implantação ou ao aumento de produção, através do PEB - Programa Especial de Empréstimos a Banco de Desenvolvimento, financiamento de capital de giro às empresas industriais de capital nacional, através da Fundece financia o capital de giro às empresas industriais destinado à manutenção de níveis de estoque adequados, à correção de immobilizações exageradas ao aproveitamento de instalações mediante aumento de produtividade e utilização da capacidade ociosa, financiando ou refinanciando investimentos fixos destinados à ampliação, racionalização e modernização da empresa, financiando a reorganização, fusão e modernização de setores e empresas industriais, financiando os empreendimentos considerados de interesse prioritário para a economia do país. O Departamento de Operações Industriais incentiva principalmente as indústrias de pequeno e médio porte. Atua basicamente em dois setores: Financiamentos e Assistência Técnica. Para isso, o Badesp possui, ainda, programas como o Regir, Reinvest, FMRI - Fundo de Modernização e Reorganização Industrial, FRE - Fundo de Reaparelhamento Econômico, Mini-Pis, Pis Normal e Venda de Cédula, POC - Programa de Operações Conjuntas. Com isso, o Badesp constitui-se numa inestimável fonte do desenvolvimento de São Paulo.

ESTE BANCO GERA RIQUEZAS

No setor terciário.

estrutura de apoio, permite a implantação, expansão ou reorganização de empresas prestadoras de serviços, financiamentos ou prestação de garantia em nome próprio ou do Tesouro Estadual, para capacitação de mão-de-obra qualificada, em setores estratégicos da economia paulista; a elaboração de estudos e projetos que resultem investimentos na área privada ou no setor público, assistência financeira ao desenvolvimento de pesquisas tecnológicas no Estado de São Paulo, financiando empresas comerciais ou de prestação de serviços, com o objetivo de aumentar a produção ou a produtividade; financiando as pesquisas minerais e a investigação, o desenvolvimento de processo de beneficiamento, mediante contratos firmados com ou sem cláusula de risco; apoio financeiro à racionalização, modernização e expansão de empresas comerciais, com vistas a melhoria e a eficiência dos circuitos de distribuição de produtos Manufaturados e Semimanufaturados; através do PROSAB: - prestação de assistência financeira às empresas industriais, e consideradas poluidoras dos cursos e reservas de água, para aquisição e instalação de equipamentos de tratamento de seus despejos; através do PROSAM: assistência técnica e financeira às empresas industriais consideradas poluidoras do ar, para aquisição e instalação de equipamentos de controle da poluição da atmosfera.



BANCO DE DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DE SÃO PAULO S.A.
Av. Paulista, 1776 - 1.º ao 6.º andar Telefone: PABX 289.2233
Telex: (011) 22763 - Caixa Postal 3297 - CEP 01310 São Paulo - Capital



São Paulo - ponte do progresso nacional

CINEMA EM CASA

"Dotado de infra-vermelho no olhar, Cyborg é capaz de parar um automóvel com pé".



CYBORG, MILHÕES DE DÓLARES JOGADOS NO LIXO

Um filme ruim costuma melhorar na tevê. Com a redução da tela e a atenção do espectador dividida entre o cigarro, o jornal, o barulho do vizinho, a mulher, os filhos brincando, o cachorro latindo, quem sai sempre perdendo mesmo é Fellini ou Bergman. É que na tevê tudo se nivela. Quanto menos o diretor inventar, quanto menos ângulos diferentes descobrir, melhor; mesmo porque os orçamentos limitados não admitem vôos mais altos. Vejam por exemplo, o caso de "Cyborg" — o homem de seis milhões de dólares.

Étudo como um dos melhores tele-filmes, ou pelo menos o que dá mais lhop à TV-Bandeirantes. Para evitar qualquer dúvida, o filme apresenta na abertura um resuminho do nascimento do primeiro homem biônico do mundo dotado de infra-vermelho no olhar (inclusive com lente "zoom", qualidade ates exclusiva das câmeras), um braço e pernas artificiais. Cyborg é capaz de parar um automóvel com o pé, pular do sétimo andar, correr a 80 quilômetros por hora e, apesar disso, ser um chato de galocha.

Ele talvez fosse mais interessante, se não tivesse escolhido para interpretá-lo um ator com todas as qualidades histriônicas de um Robô. Desde Yul Majors, um loirão encardido, trinta e muitos anos, uma carreira indiferente na série "Big Valley" e na "Libertação de L.B. Jones", de Wylliam Wyler. Mais do que pesadão, Majors é inchado. Já o acusaram de misoginia e talvez por essa razão a produção da MCA-Universal tenha resolvido providenciar-lhe uma companheira, no episódio especial "A Mulher Biônica", que teve a duração de um longa-metragem (o que apenas significou o prolongamento do tédio por mais uma hora além do normal).

Além de Majors, o que realmente destrói "Cyborg" são seus efeitos especiais de segunda categoria. Não tão ruins como os dos filmes japoneses de monstros ou fitas paulistas de cangaço, mas muito pobres por terem vindo do mesmo estúdio que produziu "Tubarão". Para conseguir qualquer efeito, eles simplesmente utilizam a câmera lenta. Se Cyborg corre ou pula de algum lugar, filme-se em câmera lenta e o espectador, num esforço de imaginação, tem de supor que é justamente o oposto que está ocorrendo (afinal, se utilizassem a imagem acelerada conseguiriam um efeito pelo menos cômico).

Se ainda existisse o "star-system", Lindsay certamente já seria uma estrela, desde o seu lançamento em "Amor Sem Promessas", de Robert Wise (1973). Alta, charmosa, elegante, parece uma Jane Fonda bonita, exatamente o tipo de mulher pela qual um Cyborg se apaixonaria. Poderia dar vida a uma série que precisava de toda a ajuda possível, mas em vez disso optou-se pelo "unhappy-end". A moça tem rejeição e morre, deixando o herói entregue a seu solitário destino, imaginando-a ao contemplar cavalos.

E nós ficamos na mesma. O que afinal de contas não é tão mal assim, considerando-se as alternativas. Entre o choro da criança e o resmungo da mulher, a tevê quase sempre nos abandona mesmo a contemplar cavalos.



Horroso, inexpressivo, pior
Yul Brinner

Rubens Ewald

CINEMA NA RUA

"Em nome da cultura, o que parece ir de embrulho é a própria cultura."



AS VACAS NÃO ESTÃO GORDAS

O ano cinematográfico de 1976 começou mal. Com a morte de Luis Sérgio Person, um dos mais destacados realizadores paulistas, vitimado num desastre de automóvel aos 39 anos de idade. E também com um fato que, sem assumir a dimensão da tragédia, poderá estar prenunciando o período cultural de vacas magras que nos espera neste ano bissexto: a pobreza qualitativa e quantitativa dos novos lançamentos.

O setor de Cinema da Associação Paulista de Críticos de Artes (APCA), reunido segunda-feira última para escolher os melhores do ano, outorgou a Luis Sérgio Person o Grande Prêmio da Crítica, "em reconhecimento à importância de sua obra cinematográfica. Justa homenagem póstuma a um cineasta que, embora mais dedicado ao teatro nos últimos tempos, muito contribuiu para a valorização cultural do nosso cinema. Infelizmente, como nos anos anteriores, a maioria dos críticos primou pela ausência, dando mostras de uma irresponsável omissão. E, assim, o que deveria ser a mais importante das premiações, pois que outorgada pela crítica especializada, volta este ano a apresentar um resultado insatisfatório em várias categorias, representando a opinião da maioria de uma minoria que se apresentou para votar.

De qualquer modo, foi aprovada também uma moção "lamentando que continuem inéditos no Brasil importantes obras cinematográficas de várias nacionalidades, exibidas nos principais centros culturais do mundo". Moção mais do que nunca oportuna, agora que o já reduzido número de boas películas a entrar no País corre o risco de ficar ainda mais restrito, em consequência das medidas adotadas pelo governo para limitar a importação de filmes.

Naturalmente, ainda não se pode atribuir a tais medidas a pobreza, em termos de qualidade, do atual panorama de exibições. As catástrofes cinematográficas tipo "Tubarão", "Inferno na Torre" e "Terremoto" deverão continuar ocupando tanto tempo das prograções, que dificilmente sobrarão uma brecha para os filmes dirigidos a um público mais exigente.

Mas ninguém duvide que, com a limitação da entrada de filmes, os primeiros atingidos serão as obras de arte, precisamente por serem as menos rendosas, e não os kung-fus, spaghetti-westerns ou comédias "eróticas", que eram os alvos visados ou, pelo menos, os alvos alardeados. Similarmente, o aumento para 12 dias da reserva do mercado, determinado pelo governo para dar escoamento à produção brasileira, não resolveu o problema dos filmes que estavam — e continuam — nas prateleiras. Para cumprir a lei da obrigatoriedade, é natural que os exibidores prefiram reapresentar os filmes de apelação cognominados pornochanchadas, que dão mais lucro, em lugar de recorrer aos filmes inéditos de maior empenho artístico que, segundo eles, dão prejuízo.

A única medida que poderia equilibrar a situação e permitir uma diversificação na exibição seria a aprovação do Estatuto do Cinema de Arte, cujo projeto o INC já entregou ao ministro Ney Braga, da Educação e Cultura. Por serem dirigidos a um público mais intelectualizado, os cinemas de arte, além de exibirem os filmes nacionais que não encontram oportunidades nas salas comerciais (os filmes mais antigos que teriam um público certo, mas não são exibidos por não cumprirem a obrigatoriedade), poderiam ainda programar certos filmes como "A Laranja Mecânica" ou "O Último Tango em Paris", permitindo uma abertura por parte da Censura.

Mas o INC está para ser extinto (absorvido pela Embrafilme) e o projeto, paradoxalmente, não encontrou apoio por parte dos produtores mais influentes do País, pois é claro que os cinemas de arte receberiam certas vantagens, como a isenção de certas taxas e o direito de importar as cópias sem a obrigação da cópia no Brasil. E, assim, em nome da defesa da cultura cinematográfica brasileira, o que parece estar indo de embrulho é a própria cultura.



Uma homenagem justa: Luís Sérgio Person.

Pola Vartuck

ARTES "Coerência estética: tinha sido recentemente recauchutada no rosto pelos bisturis mágicos tomando um aspecto tão de moça que sua filhinha parecia sua mãe".



FULGENCIA E FRANCISCA, AMIGAS POR ESTETICA

A histórieta começa assim:

Fulgência expôs à amiga uma idéia original que classificou de "coerência estética": tinha sido recentemente recauchutada no rosto pelos bisturis mágicos do Dr. Serson, tomando um aspecto tão de moça que sua filhinha parecia sua mãe. Explicou a Francisca:

— Veja você. Com 30 anos a menos, como posso continuar vivendo num palacete dos anos 40? Descobri, lendo um artigo do Prof. Bardi no *International Art News*, que é um absurdo andar num MG último tipo, vestir vestidos de Denner e viver numa mansão estilo colonial. Devemos ser modernas em tudo, à la page, como dizem os ingleses. Por isso vou reformar minha casa, transformá-la num sonho, um sonho de Salvador Dalí. Vou tirar aquele ar de mofo responsável pelas minhas rugas; viva a juventude, a atualidade, o futuro!

A amiga não só concordou, como confessou ter recebido uma verdadeira lição de filosofia. Estava se propondo a contar tudo ao marido quando lembrou, com desapontamento, que ele é inimigo do moderno.

— Imagina — disse segurando o braço de Fulgência com cumplicidade —, ele estagnou na pintura de Portinari, quando todo mundo sabe que o último grito é Aldemir Martins.

As duas (personagens constantes das crônicas do Tavares de Miranda) passaram por uma papelaria, compraram o necessário para seus desenhos, foram ao clube Harmonia e começaram a projetar as reformas das respectivas habitações. As palavras implosão, assimetria, arco, triangular, integração, irracional e decoração pontilharam o delírio arquitetônico das senhoras, concluído com uma decisão unânime: melhor seria remeter o caso a um decorador.

O decorador nº 1 foi eliminado da escolha, porque entrar na fila de seus conselhos significa esperar anos; do 2º nem era bom falar, está muito atarefado em organizar bailes de carnaval (na próxima, o tema único das fantasias é a Cultura, esta mania de subdesenvolvimento nacional que exige castigo a chicotadas; fala-se que o ponto alto da festa será a dama da alta-sociedade declamando poesias de Ezra Pound enquanto é fustigada por um escravocrata). As duas recorreram mentalmente ao 3º classificado nessa São Silvestre da Decoração, logo eliminado porque insiste no uso do acrílico e do estilo chinês. Uma lembra a outra: mas se o caso é reformar a casa, talvez seja indicado um arquiteto. A outra se indigna:

— Arquiteto já era, só serve para pagar impostos municipais como autônomo, taxas do Crea, do JAB. É uma profissão tão em baixa que a última estatística, na cidade em que mais se constrói no mundo, só projetou 6% das construções. Hoje estamos na era do Decorador.

De fato, e de facto. O decorador chega à casa das senhoras. Toma whisky e num silêncio sepulcral dá uma volta pelos jardins, seguido pela patroa que, na ponta dos pés, cuida de não turbar a imaginação do reformador. Volta, toma mais um scotch, faz uma carícia no pequênês. Súbito, diz que tem muito a fazer e anuncia glacialmente que a secretária telefonará para marcar o primeiro encontro com suas assistentes.

E mais uma belezinha irá embelezar os jardins.



A era do decorador genial

Pietro Maria Bardi

1

José Carlos Pace não faz suspense. Prefere o estilo realista: "Não tenho a menor chance com o motor Alfa Romeo. Acho que só vou conseguir acertar o carro em duas ou três corridas. Mesmo assim não dá para disputar o primeiro lugar".



2

Horácio Coimbra "Rei do Café", almoçando democraticamente com seus assessores no Restaurante Chave de Ouro, na al. Santos.Tudosingelo, como um Nelson Rockefeller quando vai almoçar um sanduíche americano e um copo de leite no pequeno restaurante do Plaza Rockfeller Center. Tudo em casa.

3

O senador José Sarney, um dos mais simpáticos líderes da Arena jantando na semana passada com os Abreu Sodré. Política no hors d'oeuvre na sopa, na carne e na sobremesa. Ao café a inteligência de Maria do Carmo. Assim, no momento dos licores ela pediu um Teyllard de Chardin. Gente culta é isso.

AQUI, DANIEL MÁS



In: Heloisa Onassis Abreu Pereira & Totó Ferraz.

MAR, SEM PRECISAR SABER NADAR...

• As chuvas de Guarujá foram testemunhas de que Carla Crespi quebrou uma costela do almejado Luís Nabuco, desportista nº Hum de São Paulo. • Hippo-Beach, a primeira boate de lona do Brasil, sábado houve bis para o excelente faturamento do reveillon, sempre com a seleta presença de Toninho Abdalla e todo o ouro da família no pescoço. • Heloisa Abreu Pereira (todo dia se olha no espelho e diz: "O que é que a Jackie Onassis tem que eu não tenha? Sou apenas bem mais jovem") em constante competição com a última capa da revista Vogue que estava em todas as bancas — ao mesmo tempo, um pouco à la Seggia. A bela Loureiro (a tal capa...) parecia estar sempre pronta para a festa; me fez lembrar águas passadas de May Street de mitaines em Búzios... • Zumbi e Babi Guinle, atentos e enfim exaustos (como tantos outros **bandeirantes**) porque a verdade é que durante os week-end elas estão totalmente ocupadas... o que não acontece durante a semana. • Veridiana Prado deu festa (ou jantar?...) e achou muito prático. Foi mesmo. Bastou reunir seus 27 e tantos hóspedes e mais alguns extras solicitados aqui ou ali, no Pub do Casa Grande, ou no Hippo.

ESTÚPIDAS

• Ana Maria (Moraes de Barros, nossa Ex-Princesa) & Bê Barbará foram definitivamente casados pelas crônicas mundanas cariocas, ou melhor, do imortal do caviar, Ibrahim Sued. Não é para espantar portanto que o Príncipe Eudes Orleans & Bragança tenha anunciado às pressas seu casamento com Mercedes Neves da Rocha. Cuidado com a digestão. Aliás, Rio de Janeiro anda muito casamenteiro. José Pessoa de Queiroz e Fernanda Bruni imaginando a montagem do seu casamento.

• O descontraído Luís Eduardo Campello anda um tanto preocupado com o movimento do seu clube Samambaia. No reveillon, apesar de abolir a escravidão, que dizer, o smoking, não foi ninguém. Apenas duas mesas, sendo que uma era a dele. Agora,



Tônia Carrero

para a tradicional festa "diamante" do dia 25 (aniversário do Clube), não aboliu o "negrito" mas está telefonando pessoalmente aos convidados, um por um, para que não deixem de ir. Com Germano Mariutti é o inverso. Tem que se esconder dos tantos que ficam em cima para convidar-se para a sua festa dia 31.

Terry della Stufa desmente que tenha decorado o transatlântico de Sérgio Dourado. • Tônia Carrero dizendo que leva a qual-quer parte seu espetáculo "Celestina", menos São Paulo. Tanto pior para ela. • Geraldo Forbes sumido do Ca D'oro e do Plano's. Onde andar Mr. Forbes? Veraneando em Santos? • Marcio Braga é o sucesso de Búzios com seu rabo de cavalo.

• E Vivi Nabuco com suas festas na Praia dos Ossos, onde alugou o palacete de Zé Arthur Vilella Pedras (arroz Rubi). Com Vivi é uma festa atrás da outra. • Celso Lafer um dos jovens professores universitários que mais vem se destacando na nova inteligência paulista(onde culmina o bom texto), de malas prontas para a Europa e Estados Unidos, onde vai

aprender e lecionar. Aque-la velha história de unir o útil ao agradável. • Rachel Lates reunindo o mulheril guarugense toda terça-feira para jogos com o radicalismo de todos os seus requintes. Se as toa-lhas têm como motivação de seu estampado, digamos, camarão, os quitutes vêm com o mesmo motivo e até mesmo as cartas têm forma de camarão. • Salientando em Guarujá neste último week-end, a esquálida e impávida Marisa Borges. • L'Absinthe, o mais novo bar e talvez o mais requintado, está assustando um pouco as pessoas porque "é muita pluma junta todo dia..." • Os Crespi: Consue-lo seguiu para Nova York segunda-feira, Rudi vai em fevereiro passando por Colômbia para ver a sua bela filha Pilar.

FIVE ★★★★★ STARS

OTIMISMO DE AMADOR É
COISA DE PROFISSIONAL

No meio do mar turbulento das cassandras que estão anunciando um ano negro para 1976, Amador Aguiar manda este recado: "Não aceitamos pensar em economia estagnada ou em regressão de desenvolvimento. Não há nada nas previsões de 1976 que justifique uma atitude de dúvida ou de perplexidade por parte dos empresários, dos homens de negócio ou do grande público". Esta mensagem de otimismo foi transmitida da Cidade de Deus, onde Amador recebia, para almoço, na semana passada, os principais editores econômicos do País. Joelmir Beting ouviu e comenta para Mauro Salles, que, discretamente, se mantinha no fundo do cenário: "Atenção com as palavras de Amador. O que ele diz é coisa de profissional."



Sílvio Santos desmente qualquer laço de compra ou amizade com a Porta do Carmo. Houve o tempo em que conversou-se com o distinto Mario Wilson para que ele fosse ver como é que era o show parisiense Cabaret. Sílvio teria pensado realmente em trazê-lo para o Brasil, mas como depois veio o tempo ministerial e em seguida sua emissora de televisão, arquivou-se a intenção. Ainda mais em se tratando de um espetáculo de travestis.

Para Sílvio Santos empresar hoje um espetáculo teria que ser de um Pequeno Príncipe a um Príncipe Valente.

MUSICA

A ex-musa e porta-voz da bossa nova confirmou o que no decorrer de seus 12 anos de carreira a elevou à condição de solitária cristalizadora das descobertas e reavaliações do repertório nacional de maior importância.

EM CASA

O POEIRÃO DO FIM
DE ANO JÁ IA
OFUSCANDO NARA

Mais ou menos despercebidos, alguns destacados discos lançados no final do ano passado viram-se ofuscados pela poeira que habitualmente levantam os lançamentos simultâneos dos chamados **best sellers**. Deles se fala hoje, aproveitando a brecha de uma semana de momentâneo recesso da indústria fonográfica.

MEU PRIMEIRO AMOR, com Nara Leão (Phonogram) — Nos cinco anos que se manteve ausente das gravações, Nara Leão passou quatro pensando no novo disco. E acabou abandonando o projeto inicial de um LP de sambas ("Seria apenas mais um em seu gênero") por outro mais próximo de sua intimidade, porém, mais arriscado, reunindo canções de ninar e peças do folclore infantil brasileiro. Escapando dos limiotes do gratuito e do sentimentalóide, através de uma notável simplicidade e competência, a ex-musa e porta-voz da bossa nova apenas confirmou o que no decorrer de seus 12 anos de carreira (Nara está com 33) e 12 LPs a elevou à condição de solitária cristalizadora das descobertas e reavaliações do repertório nacional de maior importância. Afinal, não foi sua presença tímida e sua voz curta, contida, mas domada e pura, que desen-

cravou os até hoje malditos sambistas de morro no disco de 63, Nara Pedre Passagem? Dois destaques preciosos a ressaltar: **Fiz a Cama na Varanda**, de Dilu Mello e Ovídio Chaves; e **Cabecinha no Ombro** de Paulo Borges.

AURORA E CARMEM MIRANDA E O BANDO DA LUA (Decca/Chantecler) — A nostalgia não é aqui invocada em vão. Nesta nova e cálida seleção, sequência de dois LPs anteriores (**Carmem Miranda, a Pequena Notável** e **O Bando da Lua**) preparada pelo abnegado J. I. Ferrete, reeditam-se equanimemente gravações feitas nos EUA pelas irmãs Aurora e Carmem Miranda da Cunha — um lado para cada uma, em ambos acompanhadas pelo Bando da Lua. Além do ritmo envolvente, do sabor raro das canções e das gratas recordações que grassam por todo o LP, há ainda algumas surpresas, como a inclusão de faixas inéditas no Brasil (**Bambalelé**), na voz de Carmem e **Meu Limão, Meu Limoeiro** e **"Seu" Condutor** na de Aurora). E em que a efervescência maior fica creditada a **brazilian bomb shell** (1909-1955) se confrontada com o desempenho de sua irmã mais nova (60 anos), que, aliás, jamais imaginou fazer carreira de cantora.

REUNION IN CENTRAL PARK, com o conjunto Blues Project (MCA/Chantecler) Praticamente desconhecido no Brasil, este lendário grupo americano dos anos 60 dá provas cabais de sua vitalidade musical neste álbum duplo. Gravado ao vivo durante um empolgante concerto no Central Park de Nova York, em 73, ele, infelizmente, apenas serve para reviver algumas aderentes do Blues Project, como **Louisiana Blues**, **Fly Away**, **Catch the Wind**, sedimentadas no blues e em improvisação mais próximas do jazz do que do rock propriamente. Pois o conjunto, centrado no tecladista Al Kooper, no guitarrista Steve Katz e no vocalista Tommy Flanders, (neste disco ausente), se descobriu em 67 —

THAT'S WHAT LIFE IS ALL ABOUT, com Bing Crosby e a orquestra de Pete Moore (United Artists/Copacabana) — "Ainda tenho voz, imagine só. E minhas gravações saem muito bem", declarou Bing Crosby, humoradamente, logo após a realização deste LP. Disso não resta dúvida, por mais apurada que seja a sensibilidade do ouvinte. Comemorativo dos 50 anos de carreira do inefável crooner da orquestra de Paul Whiteman, de 1926, o disco faz jus ao cartaz de seu intérprete, no melhor sentido da palavra. As vésperas dos 72 anos, Harry Lillis Crosby, nascido em Tacoma, Washington, amantem praticamente inalterada sua fleuma romântica (aliás, meio tom abaixo segundo ele próprio a única fórmula de conservar a voz na sua idade) em suaves canções, muitas delas retiradas de musicais (como **No Time at All** de Pippin).

CAFÉ CONCERTO

"Eles tocam 45 minutos e descansam 15, maratona mesmo, a noite inteira."

IMAGINAÇÃO
NÃO ENTRA;
É A PEDIDOS

Coitado do Ronaldo, guitarrista louco por Mick Jagger, tem que tocar Jerry Adriani toda noite. Ele trabalha na boate Michel, uma das últimas que sobraram depois que acabaram com a "boca do luxo" na rua Major Sertório. Junto com mais três, o Ronaldo toca das 9 às 4 e meia da manhã. Faz mais de um ano que tocam na noite, com o nome de ImaginaSom, enquanto que paralelamente batalham uma estréia no disco.

Terça-feira os quatro estavam me contando dos grilos de uma profissão quase que totalmente marginalizada no Brasil. Jacó, líder do conjunto, antigo morador da Moóca, 41 anos, que passou pelo menos 20 tocando nas bocas, é um cara que conhece todas as manhas do ofício. Ele, um contrabaixista de formação jazzística, de canchã de muitos anos de estúdio, não tem mais sonhos, consciente da barra. Jacó é quem sabe exatamente que repertório escolher para o grupo se manter na casa. "E aqui no Michel a gente tem que tocar tudo que está nas paradas, nem que seja preciso ensaiar todo dia." No meio da fumaceira, ninguém respira, eles tocam 45 minutos e descansam 15, maratona mesmo, a noite inteira. Mas o Michel é que melhor paga aos músicos (120 por noite).

Quase meia-noite, já não se consegue andar, tal é o número de fregueses, 80% cidadãos da colônia japonesa, esperando o primeiro strip-tease. Até pouco tempo, a música de fundo — o hino do strip-tease — era o tema da **Pantera Cor de Rosa**, isso antes da nova epidemia de música italiana que assola nossos ouvidos. Leila é uma menina de uns 18 anos, que apesar do batente ainda consegue manter seu corpo magro e muito branco em forma. Ela faz tudo profissionalmente, enquanto arrebatava uivos da platéia, ao som de **Tornerò**, de Santo Califormia, aquele italiano que começa cantando suavemente e na segunda parte solta os cachorros. Musicalmente, também é um ponto alto, onde o baterista Paulinho mostra suas qualidades vocais, reproduzindo os berros do italiano.

Paulinho, mineiro de Passos, 31 anos e 10 como músico profissional: "Aqui o pessoal gosta muito da gente, também não é à toa, porque a gente faz de tudo pra agradar, inclusive atendendo pedido dos fregueses." O caçula deles é o guitarrista Ronaldo, 24 anos, que também já está desiludido, "isto aqui enferruja qualquer um".

Mas no meio do papo com os músicos do ImaginaSom, quando o organista Toninho começava a me contar sobre o curso de orquestração que teve de interromper, o porteiro vem avisar que está na hora do último round — dessa vez é pra acabar. Eles sobem no palco e tocam uma seleção de músicas dos Beatles, é exatamente o único momento da noite em que o grupo toca com liberdade. Ronaldo improvisando na guitarra com total apoio de Paulinho na bateria, o que seria impossível durante as imitações dos sucessos de Jerry Adriani, Santo Califormia e outros intérpretes zoníferos. Enquanto o resto do grupo se reúne em volta do caixa para receber, descontando o que consumiram para varar a noite, Jacó me pergunta o dia que sai o jornal:

— Sabe, quando o grupo tocava no Dakar (ali perto), a gente saía sempre nas Notícias Populares.

JOÃO CARREGA
NAS COSTAS
SEU PRÓPRIO SHOW

A vontade, com seu humor primitivo, João do Vale contraria de imediato os versos do poema de Drummond, **E Agora José?**, sobre um personagem acabrunhado, desiludido, cansado e distante da mocidade — e que, sem uma explicação plausível, serve de referência para o seu espetáculo **E Agora João?** Como este, sucessivos paradoxos permeiam o show com o autor de **Carcará**, escrito e dirigido por Kathy (Catarina) Righetto, uma industrial de Campinas em sua estréia profissional no show-biz. Raras são as soluções capazes de refletir de maneira atraente a obra típica e incisiva do compositor maranhense de 42 anos e cerca de 400 músicas, muitas delas popularizadas por grandes intérpretes (Maria Bethânia, Nara Leão, Luiz Gonzaga). O cenário (galhos secos,

cordas, pássaros de isopor) nada acrescenta, a iluminação quando muito atrapalha e a cantora Fátima Regina (uma vocalista exata para o grupo de Sérgio Mendes), faz-se presença desnecessária, destoando visivelmente do protagonista central do espetáculo.

De qualquer forma, todas estas imperfeições são atenuadas pela presença espirituosa de João do Vale e por uma boa parte de suas canções (**Oricuri**, **Na Asa do Vento**, **Carcará**), retrato rude, fiel e sincero da vida e

Felizmente
João não
desanima



NA RUA



do povo do nordeste. Com voz vertebrada e maliciosa ambiguidade, João desfia passagens engraçadas de sua carreira e comentários sobre a realidade, contrapõe ritmos (baiano, xaxado, coco) e cruas imagens poéticas. Sem, felizmente, aparentar nenhum cansaço ou desilusão.

O freguês
manda no
ImaginaSom.



Sergio Melo

Fique tranquilo. São Paulo está no seguro.



Olhe ao seu redor.

Cada uma das riquezas que você vê em São Paulo são suas, e estão sob a proteção da COSESP - Companhia de Seguros do Estado de São Paulo: uma grande Seguradora do Governo Estadual para garantir o patrimônio público.

Mas não são só obras, empresas e bens estaduais que a COSESP protege.

Empresas privadas também.

Assim como você, e a sua família.

Pois além da sua responsabilidade para com o Estado, ela oferece ainda uma extensa e diversificada linha de serviços aos particulares: seguros para automóveis, vida em grupo, acidentes pessoais, incêndios, transportes, lucros cessantes, crédito interno, crédito à exportação, fidelidade, res-

ponsabilidade civil, rural e riscos diversos.

Lembre-se de tudo isso ao procurar uma companhia de seguros, e pense grande: escolha aquela capaz de atender a um cliente do tamanho de São Paulo.

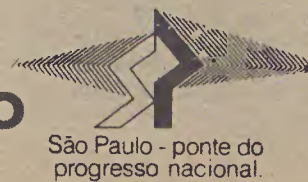
Consulte o seu corretor ou chame a COSESP.

Você terá a mesma proteção que um Estado inteiro



COMPANHIA DE SEGUROS DO ESTADO DE SÃO PAULO

Rua Conselheiro Crispiniano, 72 - Telefone: 239.2911 - São Paulo



São Paulo - ponte do
progresso nacional.

2000 "Wlaka sabia do enorme investimento que a cidade tinha feito, para instalar tantos campos de futebol. Nos últimos anos, dezenas de altos prédios tinham sido implodidos para dar lugar a tais campos. Então por que suspender agora o esporte oficial? Wlaka não entendia."



PROIBIDO O FUTEBOL! NOVO ESPORTE OFICIAL SERÁ ANTIGA DANÇA NORTISTA.

O funcionário Wlaka achava aquela ordem muito estranha. Pelo que entendia, o futebol compulsório estava suspenso. Estranho, porque há mais de dez anos que os habitantes de SAO eram obrigados a praticá-lo, diariamente. Às 10 da manhã e às 5 da tarde, por 15 minutos, nos plastigramados para isso espalhados por toda a cidade. Todos já tinham se acostumado àquele exercício. Quando as sirenes soavam, as atividades da população eram bruscamente interrompidas. E cada um devia se dirigir ao plastigramado mais próximo. Lá chegando, agrupava-se a um dos times, organizados pelos bolíderes (funcionários que dirigiam o exercício)

Wlaka sabia do enorme investimento que a cidade tinha feito, para instalar tantos campos de futebol. Nos últimos anos, dezenas de altos prédios tinham sido implodidos pra dar lugar a tais campos. Então por que suspender agora o esporte oficial?

Wlaka não entendia. Aquilo já virara um hábito profundo da população. Com o toque das sirenes, as esteras (calçadas rolantes) paravam, pra que os transeuntes deixassem suas confortáveis poltronas e entrassem na ginástica. Os trens das várias linhas de metrô permaneciam nas estações. (Havia um plastigramado "underground" em cada estação de metrô). Todos os plainos (inclusive os obsoletos helicópteros) tinham que pousar no plainoporto mais próximo, para que seus passageiros também jogassem futebol. (Havia um plainoporto no topo de cada prédio e um plastigramado em cada plainoporto. Um exagero!) Enfim, ninguém escapava daquele exercício bidiário. Todos já estavam supercondicionados a ele. Então por que substituí-lo? E essa era justamente a ordem que Wlaka acabara de receber de seu chefe, 2º Vice-Prefeito de SAO. A ordem era taxativa: Wlaka teria que programar um novo exercício (compulsório) para os habitantes de SAO, em substituição ao futebol. Geralmente, quando o Gransistema emitia ordens a seus funcionários, não entrava em maiores explicações. Eram determinações para execução imediata e nada mais. Mas aquela ordem trazia algumas justificativas. Dizia que a Grande Potestade não estava satisfeita com o desempenho dos habitantes de SAO. Que o ritmo de trabalho tinha decaído muito. Que a população da cidade estava muito preguiçosa, as tabelas de produção não vinham sendo cumpridas, etc. E que depois de vários estudos, tinha-se chegado à seguinte conclusão: A causa desse afrouxamento geral era a displicência com que a população estava praticando o esporte oficial. Por isso exigia-se do competente funcionário Wlaka duas providências:

1º) Encontrar um novo tipo de exercício corporal, mais intensivo e eficiente, uma vez que o exercício "futebol" estava sendo praticado em nível considerado "vagabundo"; 2º) Esse novo exercício deveria ter motivação mais do tipo "estético-musical" que do "lúdico-competitivo".

E sua implantação era pra ser feita num prazo máximo de 72 horas... Wlaka se assustou com esse prazo. Três dias?!?... E por que o exercício tinha de ser "estético-musical" em vez de... Bem, não havia tempo para indagações desse tipo. Já tinham decidido. O negócio era partir já para a execução da ordem. Cancelou seu compromisso de chegar mais cedo em casa. (Prometera a Tamar comemorar seus 8 anos de ligação! Como era duro ser mulher de um alto funcionário de SAO. Será que pra ela compensava morar no bairro climatizado de Florumby?, pensou Wlaka, de relance.)

Pra resolver o problema, Wlaka não hesitou em recorrer ao seu revolucionário "método de decisão por investigação histórica". Acionou suas várias Unicons (Unidades de Computação), a fim de que eles informassem quais os ritmos (musicais) historicamente catalogados. A resposta dos computadores foi imediata, como sempre: Saiu uma infinidade de nomes, o que deixou Wlaka um tanto confuso. Estranhos nomes, tais como Sambossa, Partido Up, Maracatup, Sambrock, Maxixachado, Baiolero, Haustléiéié e mais dezenas de outros ritmos de que Wlaka nunca ouvira falar. Ficou na mesma. Daí pensou melhor e fez novas perguntas. Queria saber agora qual o ritmo de andamento mais acelerado, mais frenético, dentre os catalogados. (Isso importava porque o novo exercício devia ser "intensivo"). As Unicons responderam logo: O ritmo chamava-se FREVO. Era uma dança extremamente acelerada, frenética, "fervida" (a palavra vinha de "ferro"). Wlaka logo sentiu que esse deveria ser o novo exercício para a população. Pelas informações das Unicons, estranhou que esse ritmo não tivesse se originado em SAO. Afinal de contas, os antigos habitantes de SAO trabalhavam num ritmo frenético que muito se ajustaria ao andamento dessa dança frevo... Em todo caso, Wlaka já decidira: seria o frevo. Todos o praticariam nos plastigramados, às mesmas horas. A Potestade haveria de decretá-lo oficialmente.

Já tarde da noite, Wlaka voltara pra casa. Se Tamar ainda estivesse acordada, ainda daria pra comemorar: levava alguns tapes de frevo. Se ela topasse poderiam dançar juntos e já ir treinando... Mas em que antiquário Wlaka encontraria aquele estranho instrumento "guardachuva"?

Ao tocar a sirene, todos dançando nos plastigramados, do funcionário mais micho à Potestade do Gransistema



Mauro Chaves

**BEST-SELLER NA
FRANÇA,
AGORA
NO BRASIL.**



**O RETRATO
SEM DISFARCE
DE UM AMOR
HOMOSSEXUAL
QUE
ESCANDALIZOU
TODA
A FRANÇA.**

**PROCURE JÁ, ESTÁ
ESGOTANDO.**

**EM TODAS
AS BANCAS
E LIVRARIAS**



Editora Três
símbolo de qualidade
editorial



IGNÁCIO DE LOYOLA

tem que ser bem cheirada antes de abocanhada. Risco talvez tão perigoso quanto a aventura de atravessar a rua em frente ao Banco Itaú, na velha praça da República.

O escritor e jornalista Ignácio de Loyola Brandão vai passando pela cidade e anotando: no Vale do Anhangabaú, a empadinha

Só de máscara

Se o mau cheiro que estava no centro da Praça da República (as aves que não gorgelam por lá ou o mau estado dos sanitários?) persistir, duvido que as feiras de domingo prossigam. Ninguém aguenta. Vai ser preciso usar máscara para comprar quadros. E como a visibilidade com a máscara não é boa, a gente corre o perigo de comprar pintura ruim. Se é que tem pintura boa na feira da praça.



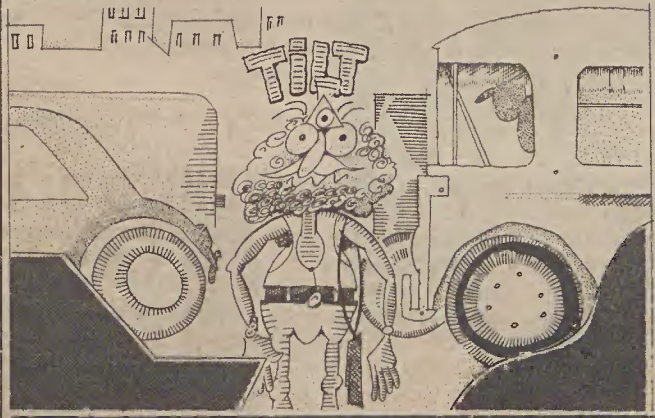
Má vontade

Agora que, definitivamente, os cinemas do centro perderam seu gabarito e portanto a clientela mais fina, os cinemas da Augusta e Paulista devem aproveitar para ganhar espectadores. Mas uma sala como o Liberty, do Center Três, precisa de uma bilheteira mais bem humorada. E com alguma boa-vontade no tentar o troco. O espectador não tem culpa de ter de apresentar nota grande. A gerência é que necessita providenciar troco, para servir o freguês. Na sexta-feira tentei entrar na sessão das 16 horas, não consegui. Não tinha troco e a bilheteira ficou louca da vida porque interrompi sua leitura do "Capricho".

Tem cego? Não. Tem aleijado? Não. Que cidade linda

Um dia passeando em Lisboa, na dura época salazarista, o meu amigo me mostrou a cidade, limpa e linda, e dizia: "Veja. Não tem mendigos, não tem aleijados. O governo não deixa mendigos, não tem aleijados. O mais engraçado é: ninguém oferece aos ambulantes (a maioria cegos, paralisados etc) qualquer opção. Quando li a resolução da Administração Regional da cidade, o primeiro artigo diz: "eliminar" ambulantes depois de sua jurisdição. Por que? Para tornar a cidade limpa e linda, como se isso fosse possível nas adjacências da cidade, onde o vapt-vupt é geral. O mais engraçado é: ninguém oferece aos ambulantes (a maioria cegos, paralisados etc) qualquer opção. Quando li a resolução da Administração Regional da cidade, o primeiro artigo diz: "eliminar" ambulantes depois de sua jurisdição.

Tentem atravessar a rua na Praça da República, em frente ao Banco Itaú. Não se consegue. Porque apesar do intenso movimento, existe uma pista dupla, onde trafegam ônibus. Esta pista vai da Vieira de Carvalho à rua Pedro Américo e é uma verdadeira loucura. Nem com três olhos a gente consegue se orientar.



Ficção

Nas bancas de São Paulo, ainda que vinda do Rio, a revista "Ficção", com muitos contos brasileiros. Quer dizer: um veículo a mais para quem escreve neste país. Para publicar contos, já temos: Versus, Ficção, Movimento, Status, Mais Um, O Livro de Cabeceira do Homem, Protótipo.

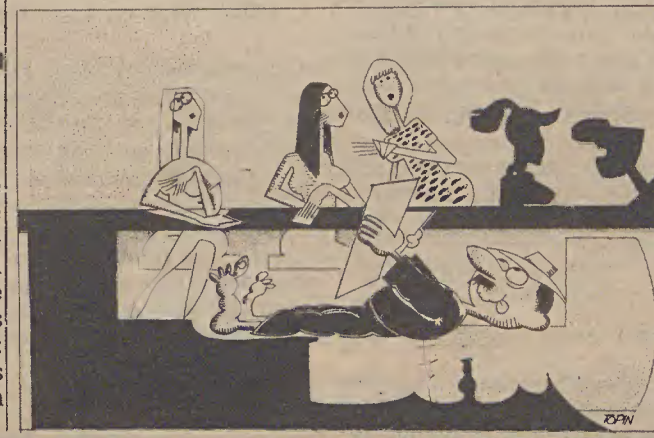
Quer emprego?

A DRT, outro dia, anunciou que em São Paulo, positivamente, não há crise de emprego. As agências de colocações estão apresentando uma oferta superior à procura de vagas. Diante disso, a uma série de amigos desempregados, aconselhei: Procurem a DRT. Eles devem dar emprego, além de estatísticas.



Me dá um cheirinho aí

No bar do Anhangabaú, São Paulo. Cheirar eles ele pediu uma empada. Agora, dar batidas em bares, hotéis e restaurantes, isso não fazem. Saudades dos comandos loucos do Mário Paiva que aterrorizavam comerciantes. Hoje, só um exemplo de sujeira, das piores: quem for comer sanduiche no bar da Albuquerque Lins com Baronesa de Itu, repare na máquina de esquentar pão e afiar os narizes. Desenvolva o faro. Daqui a pouco, os cartazes estarão anunciando aperfeiçoar o faro se quiser de outras sujeiras, para poder se alimentar em escreva.



A notícia é da semana passada. Mas ficaram umas dúvidas no ar. Se havia apenas o esqueleto de um sapo, como viram que a boca estava costurada? Ou a linha não apodreceu? Ou costuraram com fios de nylon? Macumba moderna esta. Também não acredito que seja coisa contra o Corinthians. O sapo parecia relativamente novo, enquanto o timão está à espera há 22 anos. Vai ver, a última reforma do estádio (que vive sendo reformado) foi feita por pais de santo. Cavo-quem mais, que mais vão encontrar.

Imaginem que vai faltar lagosta

Aquela colunista social deu como "nota triste": a abertura da saison social de São Paulo vai encontrar os jantares sem um de seus pratos mais correntes e deliciosos: a lagosta. Proibiram a pesca, para proteger o pescado. Mas quem protege os finos paladares desta cidade? Imaginem, faltar lagosta! É isso, mais uma no bolso do operário! Vão ter que importar lagostas.

Deseanso é com a Comgás

Outro dia descobri uma boa. Como não sou egoísta revelo. Aliás, estou aqui também para dicas. Vejam. Se você estiver cansado, suado e quiser um repouso legal, passando ali pela Comgás (Augusta com Paulista) dê uma entrada. Tem ar condicionado e umas poltronas brancas macias, macias. De vez em quando, uma exposição de pinturas e esculturas.

DEFINIÇÕES: SKATE — SURF DE PAULISTA

O presunçoso

Leão, que muitos admitem ser um dos jogadores mais presunçosos da história de nosso futebol, arrotou muito que estava sendo pretendido pelo Fluminense. Mas o time do dr. Horta acabou comprando o Renato, ex do Flamengo e um dos responsáveis, com Piazza, pelo famoso manifesto anti-imprensa, naquela célebre excursão do selecionado pela Europa. Quer dizer: dr. Horta não quis o presunçoso, ficou com o pretencioso mesmo. E o Leão continua no Palmeiras, já sem a proteção benéfica do Luís Pereira que segurava tudo à sua frente. Quer dizer: Leão agora é um goleiro comum.



O Homem de NOVA

leão

LEO GILSON: ADOTE UM ATLETA INTELECTUAL

AQUI

EU ACUSO AS VOTAÇÕES



Leo Gilson Ribeiro, considerado por Antonio Candido o crítico mais militante do Brasil de hoje, e respeitado na mesma medida por leitores e autores, é o único brasileiro que obteve o título de PHD em Literatura Comparada pela Universidade de Hamburgo, Alemanha. Premiadíssimo no Brasil, é crítico do Jornal da Tarde.



Leo Gilson — Se não fosse, eu não estaria perdendo tempo e saliva lá e aqui, ou "Aqui", como você preferir. Nos lugares indigentes de estímulos à inteligência, a capacidade criativa, à sensibilidade e à aquisição de cultura, como nos países subdesenvolvidos, o prêmio é às vezes decisivo. É estímulo, é vivificação de talentos novos, é homenagem a talentos de obra já feita. Portanto, se você me permite continuar um pouco mais a minha santa indignação e minha irritação justíssima, eu te direi: **Eu acuso** pelos menos dois fatores que bloqueiam nosso progresso mental: 1º) a falta de gabarito de certos integrantes de júris literários.

Basta ver o Walmap, esse prêmio cujo nível de qualidade literária é proporcionalmente inverso ao lugar em que estiver colocado o premiado, é um prêmio bíblico: os primeiros são os últimos em qualidade. Portanto, acuso o desperdício de dinheiro com mediocridades, com falsos critérios, com parâmetros paroquiais, emburrecedores, desestimuladores dos verdadeiros talentos, "panelinhas" onde se cozinha o retrocesso cerebral da nossa literatura.

AQUI — E em segundo lugar...

Leo Gilson — Em segundo lugar acuso a irresponsabilidade da quase esmagadora maioria das empresas — nacionais e estrangeiras — que só lucram financeiramente mas não contribuem com nada para a cultura. Para um prêmio Esso, Molière ou Nórdica, o que fazem a Volkswagen, a Aços Vilarés, a General Motors, a Ford? Criam no Brasil, as estrangeiras, Fundações Ford, General Motors ou Volkswagenwerke? Dão prêmios para arquitetos, atores, escritores, poetas, escultores e todos os que lutam pela preservação de um mínimo de humus de inteligência nesta Amazônia devastada pela pecuária do progresso com poluição, dividendo soturnos para o nosso futuro? Criam as grandes indústrias brasileiras magníficos museus filantrópicos como a **National Gallery**, que o milionário Mellon deduziu do imposto de renda, é verdade, mas doou à capital americana o segundo mais rico e importante acesso de arte italiana do mundo? Protegem a indústria do livro, desnacionalizada e desfibrada? Para um programa Shell na TV Globo, quanto silêncio e inércia criminosa de centenas de empresas que nada fazem pelo país de que tiram seus lucros! Por isso apresentei à Diretoria da APCA uma moção no sentido de motivarmos as grandes empresas particulares a adotarem um atleta intelectual, já que se pede que elas adotem um atleta, segundo exortação da Secretaria de Esportes de São Paulo.

Não discuto se esporte é cultura. Cultura é um termo elástico: existe até a cultura de bacilos, como você sabe. Agora me indigno ao ver o Brasil confundir cultura apenas com futebol e samba. Ambos são manifestações esplêndidas da grandeza nacional, cada uma em seu campo. Mas que se pense também um pouco além das pernas, acima do plexo solar, mais além ainda, naquela zona quase ignota do **cérebro** brasileiro. Ele está precisando da proteína capaz de revitalizá-lo: o apoio lúcido e generoso dos grandes empresários. Que a Nestlé adote o ballet, por exemplo, a Drury's financie a montagem de peças de teatro, a Volkswagen ofereça bolsas de estudos e todas as companhias de aviação — da Varig à Lufthansa — sigam o exemplo da Air France e da SAS, dando viagens ao estrangeiro. Cultura, infelizmente, também se faz com o adubo indispensável do dinheiro, é o fertilizante que torna a terra fecunda em inteligência, planta que afirmava Pero Vaz de Caminha, em se plantando (e regando) dá na terra do Futebol, no País do Carnaval. Ai, sim, cresceremos mais organizadamente, sem inchaços meramente econômicos. O homem — é preciso lembrar? — é uma totalidade: tem estômago em primeiro lugar, depois tem necessidade de saúde, habitação, salários bons e tem necessidade vital igualmente de cultura, de estímulo intelectual. Se não, seremos meros legumes, viçosos, cheios do DDT da burrice, esterilizados por votações meramente numéricas e por inércia das grandes empresas. Mas é uma pequena diferença, talvez semântica, que separa a inércia da inépcia, não é?

AQUI — Durante a recente (dia 12) premiação promovida pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA), o "Jornal da Tarde" afirmou que você, como crítico de literatura, estava "irritado e indignado com o despreparo e desinformação de alguns colegas". Por que você teve essas reações?

Leo Gilson — Porque acho que premiação ou é uma coisa séria ou não se faz. Porque não estou disposto a perder meu tempo barganhando votos para um grande poeta como João Cabral de Mello Neto e sendo voto vencido para que se atribua um prêmio de poesia a um poeta primário, inferior, como é Thiago de Mello.

AQUI — Você disse barganha, como assim?

Leo Gilson — Éramos seis pessoas formando o Júri de literatura. Uma delas — seria deselegante citar seu nome, por tratar-se de uma moça — é pessoa totalmente inapta, não só para uma atividade específica e complexa como a de aferir a qualidade ética, social, estética de um romance ou livro de poemas. Eu a conheço há cinco anos, pois ela "trabalhava", digamos assim, juxtaposta topograficamente a mim numa redação. Lamento que críticos da importância de Nelly Novaes Coelho, Geraldo Galvão Ferraz, por exemplo, sejam sobrepujados pelas votações absolutamente cretinas dessa moça sem preparo não só literário mas de nível primário, mesmo. Você sabe que há analfabetos literários, como eu, por exemplo, sou analfabeto em bioquímica ou em física espacial.

AQUI — Mas a barganha, então...?

Leo Gilson — A barganha foi o misto de paciência e de humildade cristãs a que eu — e os outros críticos literários responsáveis presentes — fomos submetidos. Por exemplo: dizia-se à moça de Q.I. abaixo de zero: Fulana, vamos dar o "Grande Prêmio de Crítica" da APCA ao João Cabral de Melo Neto. O livro dele, "**Museu de Tudo**", publicado no fim do ano passado, é esplêndido. "Não gostei", ela respondeu com ar de mocinha enfadada, obrigada a assistir a um filme de Bergman ou a ler o estudo de Heidegger sobre Heidegger. Resultado: barganhou-se, trocou-se o prêmio que ela bondosamente "aquisceu" finalmente em dar a João Cabral, desde que nós aceitássemos sua paixão pelos versos ridículos de Thiago de Mello, "Poesia Comprometida com a Minha e a Tua Vida", uma espécie de xerox pioradíssimo do pior Neruda: piegas, insincero, excrementício.

AQUI — Houve outras discordâncias?

Leo Gilson — E como! Graças à conciliação de todos, deu-se o prêmio de tradução dos irmãos Campos e a Décio Pignatari que traduziram "Mallarmé". Não que eles não mereçam prêmios basta a tradução da "Moderna Poesia Russa" que os irmãos Campos fizeram com Boris Schnaiderman para se constatar que são tradutores maravilhosamente dotados. Mas com Mallarmé foram infelizes, um mero confronto com o original revela desliz profundamentos anti-mallarméanos. No entanto, essa moça que não sabe redigir nem em português e cujo conhecimento de francês não resiste ao teste de pedir um copo de água num "bistrot", impõe o Mallarmé, quando o Remy Gorga fez uma tradução **magistral** do espanhol Goytisolo. Remy Gorga fez uma transposição finíssima para o português desse romance "A Reivindicação do Conde Julião" difícil, esplêndido, com trechos em dialetos cubanos, argentinos, venezuelanos, catalões, vertidos com fantástica flexibilidade para o mineiro, o gaúcho, o nordestino, o paulistês. E ganhou a tradução infeliz, em troca de quê? De nada. Ou melhor: em troca de uma ausência de critério e substituição a uma aquilatação justa, ponderada, eficaz no reconhecimento de superioridades de desempenho de um ou outro tradutor.

AQUI — Por que você não se retirou?

Leo Gilson — Porque se todos que estudamos, que batallhamos, que sabemos publica e notoriamente das coisas de nossa área, nos afastarmos em torres de marfim, moças como essa, despreparadas de forma irremediável, incurável, tomarão as rédeas e conduzirão a cultura brasileira mais rapidamente ainda, se possível, ao capinzal mais próximo. A literatura — como a cirurgia, a bioquímica, a cibernética — exige conhecimentos prévios para se aferir um fenômeno. Há consensos indiscutíveis, que não são dogmas mas axiomas: quem ousaria dizer e — Deus! — **povar** que Shakespeare, Mozart, Bach, Cervantes, Tolstoi, entre outros, são as expressões supremas da literatura e da música?! Pode-se até preferir Debussy ou Dircinha Batista, gosto não se discute, conhecimento e competência se discutem sim e se **medem** por exames do nível de um mero Mobral intelectual.

AQUI — Mas o prêmio da APCA é tão importante assim?